

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

DANIELLE BRUM GINAR TELLES

**NOS OLHEM, ENCANTEM-SE: um estudo sobre os gestos e quereres de memória em
quatro escolas (Porto Alegre e São Leopoldo/RS 1994–2023)**

Porto Alegre

2024

DANIELLE BRUM GINAR TELLES

**NOS OLHEM, ENCANTEM-SE: um estudo sobre os gestos e quereres de memória em
quatro escolas (Porto Alegre e São Leopoldo/RS 1994–2023)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Educação da Faculdade de Educação da Universidade
Federal do Rio Grande do Sul, como requisito final para a
obtenção de título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof. Dra. Dóris Bittencourt Almeida

Linha de Pesquisa: Sociologia e História da Educação

Porto Alegre

2024

CIP - Catalogação na Publicação

Telles, Danielle Brum Ginar

Nos olhem, Encantem-se: um estudo sobre os gestos e
quereres de memória em quatro escolas (Porto Alegre e
São Leopoldo/RS 1994-2023) / Danielle Brum Ginar
Telles. -- 2024.

142 f.

Orientadora: Dóris Bittencourt Almeida.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de
Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2024.

1. Lugar de memória escolar. 2. História do Tempo
Presente. 3. Patrimônio educativo. 4. Guardiãs de
memória. I. Almeida, Dóris Bittencourt, orient. II.
Título.

DANIELLE BRUM GINAR TELLES

NOS OLHEM, ENCANTEM-SE: um estudo sobre os gestos e quereres de memória em quatro escolas (Porto Alegre e São Leopoldo/RS 1994– 2023)

Dissertação de Mestrado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito final para obtenção do título de Mestre em Educação.

Aprovada em ____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA:

Prof.ª Dra. Dóris Bittencourt Almeida – PPGEduc/UFRGS (Orientadora)

Prof. Dr. João Paulo Gama Oliveira – PPGED/UFS

Prof.ª Dra. Vânia Grim Thies - PPGEduc/UFPEL

Prof.ª Dra. Elisabete Zardo Burigo – PPGEduc/UFRGS

Maravilha-te, memória!¹

Maravilha-te, memória!
Lembras o que nunca foi,
E a perda daquela história
Mais que uma perda me dói.

Meus contos de fadas meus —
Rasgaram-lhe a última folha...
Meus cansaços são ateus
Dos deuses da minha escolha...

Mas tu, memória, condizes
Com o que nunca existiu...
Torna-me aos dias felizes
E deixa chorar quem riu.

Fernando Pessoa
21.8.1930

¹Fonte: Poesias Inéditas (1919-1930). Fernando Pessoa. (Nota prévia de Vitorino Nemésio e notas de Jorge Nemésio.) Lisboa: Ática, 1956 (imp. 1990), p. 162. Disponível em: <http://arquivopessoa.net/textos/2642>

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Deus por ouvir meu desejo mais íntimo, colocando pessoas maravilhosas no meu caminho no decorrer desta loucura que é o Mestrado.

À minha orientadora, professora Dóris, por todo conhecimento compartilhado, pelo incentivo ao longo desta caminhada, por seu profissionalismo e por sua amizade. Por me acolher e me fazer acreditar que eu pertencia a este espaço. Serei eternamente grata.

À minha mãe, Ana, que sempre soube que este era o meu lugar, que encontrou a professora ideal para percorrer esse trajeto comigo, por me inscrever na seleção, mas acima de tudo por estar disponível e aberta para me ajudar a realizar os sonhos que tenho.

Ao meu marido, Márcio, meu amigo - todo apoio, motivação e carinho despendido a mim durante este percurso do Mestrado. Por entender meu afastamento e silêncio em alguns momentos, pelas noites em claro me apoiando e não me deixando esmorecer, pelo incentivo quando eu quis desistir. Por construir comigo o futuro que desejamos para nossa família.

Ao meu pai Jorge, boadrasta Simone, irmãs Laura e Isabeli e aos sogros Celso e Naiara, por acreditarem e comprarem as minhas ideias ao longo desta caminhada me proporcionando todo tipo de apoio possível.

À Ana Paula, por 18 anos de amizade, cuidado, e amor comigo e meus filhos. Ter tua ajuda neste processo, fez toda diferença pra mim!

À equipe do Memória Faced que me recebeu de braços abertos, e que além de enriquecerem meus dias deixaram tudo mais leve e colorido. Neste espaço pude exercer minha profissão de arquivista e ainda ser pesquisadora! Nos tornamos uma família, adoro todos vocês!

Aos meus padrinhos, Rose e Gustavo, que sempre acreditaram em mim e vibraram comigo em cada momento.

Aos colegas que conquistei e que me conquistaram, obrigada por dividirem comigo tantas experiências importantes, vocês são o melhor grupo de orientandos que eu poderia desejar conhecer.

Em especial, aos colegas Geana, José Adriano e Valeska pela parceria nos trabalhos, pelo apoio nas madrugadas, pelas leituras e dicas, pela amizade, e por não me deixarem duvidar nenhum segundo sequer.

À minha nora Valentina que se tornou uma grande parceira neste percurso.

E para encerrar, agradecer as três pessoas mais importantes da minha vida, meus filhos Lucas, Marina e Noah por entenderem minha ausência e me amarem incondicionalmente. Que eu seja motivo de inspiração para vocês! Aos três, muito obrigada por existirem em minha vida, vocês são meu combustível!

RESUMO

A dissertação analisa quatro lugares de memória de instituições escolares privadas de Porto Alegre e São Leopoldo, respectivamente, capital do Rio Grande do Sul e município da região metropolitana, à luz dos postulados da História do Tempo Presente, atrelado ao fenômeno do presentismo. Tem por objetivo maior analisar as “vontades de memória” (NORA, 1993; VIDAL E PAULILO, 2020) desses lugares de memória, ou seja, analisar quais os gestos e querereres de cada um deles na intenção de preservar indícios do passado institucional e divulgá-los à comunidade. Como desdobramentos, tem-se esses objetivos específicos: problematizar a constituição dos lugares de memória das escolas, considerando as suas transformações ao longo dos anos, na interface com o percurso histórico de cada uma das instituições; observar o espaço físico atual do lugar de memória, examinando sua relação com o edifício escolar e descrever seu acervo; analisar os lugares de memória das instituições nas dimensões de contemplação do passado, de ensino e pesquisa; investigar a relação das pessoas responsáveis com os lugares de memória, à luz do conceito de “guardiãs de memória” (GOMES, 1996); avaliar as aproximações e singularidades de cada um dos lugares, objetos de estudo da pesquisa. Foram abordados os conceitos de Tempo Presente, lugar de memória, vontade de memória, memória, esquecimento, patrimônio educativo, instituições escolares, cultura escolar, museu/memoriais, guardiã de memória. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa qualitativa que envolveu observação crítica dos lugares e, através da história oral, utilizou a entrevista como instrumento de produção de dados para examinar os quatro espaços e o trabalho/itinerário de suas responsáveis. Com vistas a atingir os objetivos, foram construídas as seguintes categorias de análise: Memoriais e museus escolares: enquanto espaços físicos; Dimensões e usos dos lugares de memória; Seriam elas guardiãs de memória? Como resultados da investigação, pode-se dizer que as escolas criam estes espaços para edificar sua memória, como um meio de guardar e difundir feitos e fatos considerados marcantes pelas instituições. Destaca-se a importância destes espaços para a pesquisa em História da Educação, evidenciado pelo levantamento de publicações, que operam com documentos salvaguardados nas instituições. Outro resultado da investigação foi a identificação de duas guardiãs de memória à frente de seus espaços de trabalho, tendo em vista que ambas doam-se por estes lugares, tomam para si o discurso do grupo que representam, preocupam-se com as memórias e sobrevivência destes lugares.

Palavras-chave: lugar de memória escolar; História do Tempo Presente, patrimônio educativo; guardiãs de memória; museus e memoriais escolares

RESUMEN

La disertación analiza cuatro lugares de la memoria en instituciones escolares privadas de Porto Alegre y São Leopoldo, respectivamente, capital de Rio Grande do Sul y municipio de la región metropolitana, a la luz de los postulados de la Historia del Tiempo Presente, vinculados a El fenómeno del presentismo. Su principal objetivo es analizar las “voluntades de la memoria” (NORA, 1993; VIDAL E PAULILO, 2020) de estos lugares de la memoria, es decir, analizar los gestos y deseos de cada uno de ellos con la intención de preservar evidencias de la pasado institucional y difundirlos a la comunidad. Como desarrollos, tenemos estos objetivos específicos: problematizar la constitución de lugares de memoria en las escuelas, considerando sus transformaciones a lo largo de los años, en la interfaz con el recorrido histórico de cada una de las instituciones; observar el espacio físico actual del lugar de la memoria, examinando su relación con el edificio escolar y describiendo su acervo; analizar los lugares de memoria de las instituciones en las dimensiones de contemplación del pasado, docencia e investigación; investigar la relación entre los responsables y los lugares de la memoria, a la luz del concepto de “guardianes de la memoria” (GOMES, 1996); evaluar las aproximaciones y singularidades de cada uno de los lugares, objetos de estudio de la investigación. Se abordaron los conceptos de Tiempo Presente, lugar de la memoria, deseo de memoria, memoria, olvido, patrimonio educativo, instituciones escolares, cultura escolar, museo/memorials, guardián de la memoria. Metodológicamente, se trata de una investigación cualitativa que implicó la observación crítica de los lugares y, a través de la historia oral, utilizó la entrevista como instrumento de producción de datos para examinar los cuatro espacios y el trabajo/itinerario de sus responsables. Para alcanzar los objetivos se construyeron las siguientes categorías de análisis: Memoriales escolares y museos: como espacios físicos; Dimensiones y usos de los lugares de la memoria; ¿Podrían ser guardianes de la memoria? Como resultados de la investigación, se puede decir que las escuelas crean estos espacios para construir su memoria, como medio para almacenar y difundir logros y hechos considerados destacables por las instituciones. Se destaca la importancia de estos espacios para la investigación en Historia de la Educación, evidenciada por el relevamiento de publicaciones, que operan con documentos resguardados en las instituciones. Otro resultado de la investigación fue la identificación de dos guardianes de la memoria frente a sus espacios de trabajo, considerando que ambos donan a estos lugares, asumen el discurso del grupo que representan, se preocupan por la memoria y la supervivencia de estos lugares.

Palabras clave: lugar de la memoria escolar; Historia del Tiempo Presente, patrimonio educativo; guardianes de la memoria; museos y monumentos escolares

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ABE – ASSOCIAÇÃO BENEFICENTE E EDUCACIONAL DE 1858

CAPES - COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR

CBC – COLÉGIO BOM CONSELHO

CNPQ - CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO

FABICO – FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

FACED - FACULDADE DE EDUCAÇÃO

GERB – GRÊMIO ESTUDANTIL RUI BARBOSA

ICOM – CONSELHO INTERNACIONAL DE MUSEUS

IPA – INSTITUTO PORTO ALEGRENSE

IPHAN – INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL

PPGEDU – PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

PUCRS – PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL

RBHE – REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

RHE – REVISTA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

UFRGS – UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

UNISINOS – UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	“Velho Casarão” – como era conhecido o Colégio Farroupilha	43
Figura 2	Vista do Colégio Farroupilha 1962	45
Figura 3	Vista do Colégio Farroupilha 2022	45
Figura 4	Muitas Faces de um Arabesco: do Velho Casarão ao Colégio Farroupilha, um símbolo do Memorial	47
Figura 5	Primeiro prédio do Colégio Nossa Senhora do Bom Conselho	49
Figura 6	Colégio Nossa Senhora do Bom Conselho – 2022	50
Figura 7	Fachada do Colégio Americano, em 1921	52
Figura 8	Fachada atual do Colégio Americano, em 2022	53
Figura 9	Foto Panorâmica do Colégio Sinodal	58
Figura 10	Fotos de ambientes do Colégio Sinodal.	58
Figura 11	Aquarela pintada do Museu, antigo internato	61
Figura 12	Foto da entrada do Memorial do Colégio Farroupilha	69
Figura 13	Fotos do Memorial e seu acervo	71
Figura 14	Fotos do Memorial do CBC	73
Figura 15	Caminho para o Museu, Prédio museal e Entrada	75
Figura 16	Fotos das salas do Museu Isac Aço	77
Figura 17	Lateral do Museu, letreiro de identificação virado para pátio	81
Figura 18	Objetos expostos ao longo das salas temáticas	83
Figura 19	Ambientes temáticos do Museu Arnildo Hoppen	84
Figura 20	Mural primeiros momentos	87
Figura 21	Alice e seu lugar predileto no Memorial	115
Figura 22	Irmã Carla e sua parte predileta do Memorial	118
Figura 23	Suzana, e a entrada do Museu Bispo Isac Aço	121
Figura 24	Leni, na entrada do Museu Arnildo Hoppen	124

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1	Datas de fundação das escolas e de seus espaços de memória	19
QUADRO 2	Roteiro das observações dos lugares de memória	30
QUADRO 3	Roteiro das entrevistas	32
QUADRO 4	Peças para a construção de um lugar de memória escolar	66
QUADRO 5	Dimensões de uso do lugar	94
QUADRO 6	Publicações acadêmicas produzidas a partir dos acervos escolares	97
QUADRO 7	Artigos presentes nos livros <i>Do Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha/RS: Memórias e histórias (1858-2008)</i> , vol. I e II.	99
QUADRO 8	Quem são estas mulheres? Quais são seus gestos de guardar?	108

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
1.1 Alicerces epistemológicos	17
1.2 Alicerces metodológicos	29
2 FARROUPILHA, BOM CONSELHO, AMERICANO E SINODAL: alguns elementos para pensar as trajetórias das instituições e de seus lugares de memória	39
2.1 Colégio Farroupilha	41
2.2 Colégio Bom Conselho	48
2.3 Colégio Americano	52
2.4 Colégio Sinodal	57
3 Os lugares de memória escolares e seus quereres.....	63
3.1 O espaço dos Museus e Memoriais.....	65
3.1.1 Pontos de conexões e singularidades.....	87
3.2 As dimensões de uso dos Lugares de Memória.....	92
3.3 Seriam elas Guardiãs da Memória?	103
CONCLUSÕES.....	131
REFERÊNCIAS	137
APÊNDICE	142
APÊNDICE 1: TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO.....	142

1 INTRODUÇÃO

O ARQUIVISTA

Construtor incansável da memória
Da própria humanidade, o arquivista
Liga os elos do tempo
E como artista
Guarda em cada registro a cor da história.

Sua missão tem a singela glória
De dar perpetuidade a quanto exista
E que sirva ao saber. Essa é a conquista
Maior do mundo em sua trajetória.

Simples fatos prosaicos que hoje arquiva
Podem ser amanhã a chama viva
Que ilustra a história
No seu tom mais puro.

Protegendo o presente, o Arquivista
Ilumina o passado e abre pista
Da nebulosa estrada do futuro.

Heloísa Helena Riani Marques²

A arquivista que habita em mim, e muito orgulha-se em existir, abre espaço e dá boas-vindas para um outro *Eu*³, pesquisadora da Educação, mais precisamente dizendo, em História da Educação, torcendo para que este novo caminho seja longo e cheio de motivações e descobertas.

A versatilidade e abrangência do campo da História da Educação possibilita a produção de pesquisas diferentes, enriquecedoras e que, de muitas maneiras, se entrelaçam na busca por mais conhecimento. Ao unir Arquivologia e História da Educação, podemos agregar novas pesquisas, que fortalecem o campo, na perspectiva da construção de problematizações em torno da memória e do patrimônio.

Essa relação entre Arquivo e História da Educação vai muito além das ações de arquivar, conservar, organizar, catalogar, ou escolher os documentos que teremos ou não em um acervo. Vai muito além de saber elencar quais locais, cidades, ou instituições produziram documentação de salvaguarda e as arquivaram, quais locais têm ou não arquivos constituídos. Esse novo relacionamento entende que através das *paredes*

² Poema disponível na internet, site Aluna de Arquivo, arquivista em construção. Disponível: <https://alunadearquivo.blogspot.com/2008/04/poema-ao-arquivista.html> Publicado: 23/04/2008.

³ Informo ao leitor que tomei a liberdade de utilizar itálico sempre que as palavras utilizadas apresentarem linguagem figurada.

silenciosas de um Arquivo, seus documentos *berram* memória e *suplicam* para exibir seus patrimônios e suas relações com a sociedade.

Enquanto pesquisadora e arquivista, entendo que nossas escolhas e tomadas de decisões sobre os acervos vão ao encontro de nossas experiências e convicções. Reforço que não existe imparcialidade, uma vez que somos resultados de todas as interações vividas, os critérios do que lembrar e do que esquecer indicam que este processo não é orgânico, nem natural. Seguindo este caminho, também penso que não existem Arquivos ou Museus neutros, há neles sempre a intenção de alguém, de dizer algo, de produzir algo. Sobre essa não neutralidade, Pierre Nora corrobora com este entendimento, proporcionando para essa pesquisa um dos conceitos alicerce: “lugares de memória”⁴:

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais [...] É este vai-e-vem que os constitui: momentos de história arrancados do movimento da história, mas que lhe são devolvidos [...] (NORA, 1993, p. 13).

Ao descrever o que seriam esses lugares, Nora (1993) também chama atenção para o fato de que nossas recordações são construções, e que, para existirem, há uma necessidade de escolha do que registrar, quais lembranças guardar, para ele, memória “é, de fato, a constituição gigantesca e vertiginosa do estoque material daquilo que nos é possível lembrar, repertório insondável daquilo que poderíamos ter necessidade de nos lembrar” (NORA, 1993, p. 15).

Esta é uma pesquisa sobre os quereres e gestos de quatro lugares de memórias escolares, para tanto, observei criticamente cada um dos locais escolhidos, e entrevistei longamente as responsáveis pelos espaços, mulheres que, de modos distintos, têm em comum o gosto por guardar memórias, suas e das instituições que trabalham. Como suporte teórico da pesquisa, trago o conceito de Tempo Presente/presentismo de François Hartog (2006) para dar ancoragem aos demais temas fundantes e centrais da pesquisa.

Faço agora uma digressão para explicar como *nasce* esse estudo, retornando para o período da minha graduação em Arquivologia, quando *cresceu* em mim o interesse pelo viés educativo, sobretudo pelas questões que envolvem a docência. Busquei

⁴ A expressão *lugares de memória*, de Pierre Nora (1993), já está bem estabelecida, já é consenso entre historiadores, arquivistas, desta maneira optei por não referenciar toda vez que utilizá-la nesta pesquisa.

aproximações na Faculdade de Educação, ao cursar disciplinas eletivas ligadas à minha graduação e que me proporcionassem o olhar pedagógico. Sentia falta desses saberes, que me enriquecessem, indo além das técnicas e funções analíticas sobre ser uma arquivista.

Filha de professora alfabetizadora, sempre tive como *quintal de casa* os corredores da escola que minha mãe, por quase trinta anos, lecionou. Ela trabalhou e se aposentou em uma escola da rede municipal de Porto Alegre/RS, localizada na zona norte da cidade, no bairro Rubem Berta, na Vila Nova Santa Rosa, chamada EMEF Governador Ildo Meneghetti. Cresci e vi a escola se modificando, crescemos ambas, por dentro e por fora, fomos amadurecendo, evoluindo, nos adaptando e reinventando, eu passei por todas as mudanças da escola, enquanto tinha que viver e conviver com as minhas próprias novidades.

Essa escola marcou mais minha vida do que as escolas que estudei, a realidade é que nunca estudei no Ildo Meneghetti, eu apenas estive lá desde a barriga de minha mãe até sua aposentadoria. Os alunos da escola eram para mim como aquelas crianças que fazemos amizades nas praças e esperamos os sábados para reencontrá-las, e os professores eram a minha extensão familiar de tios, mesmo sem laços sanguíneos. Naquela escola eu aprendi a ser humana, acolher o diferente, a gostar de histórias reais, a me preocupar com pessoas, a querer preservar o que eu via e ouvia.

Quando criança, decidi que seria professora, o que eu ensinaria não me importava, eu seria professora e, mesmo sem perceber, o cuidado com as recordações já estava germinando em mim, eu adorava visitar minhas memórias mais antigas e contá-las aos que me dessem ouvidos. Ainda adolescente, me vi *mãe solo*, e um dos aprendizados que a maternidade jovem me deu foi entender e, principalmente, aceitar que existem momentos para tudo, eu precisei aprender a esperar. Já adulta e estudante da graduação, constitui família e, já formada e concursada, tive mais dois filhos. Decidi que, no momento oportuno, eu iria me aventurar na pós-graduação, na Educação e com temática que envolvessem arquivos escolares e suas memórias. Eu queria muito utilizar o que aprendi na graduação em prol de um dos lugares onde mais feliz fui: *a escola de minha mãe*. Acompanhei eventos de dança em outras cidades do estado, e vendo e vivido as modificações da escola e sua relação com a comunidade, eu sabia que havia a existência de documentos que poderiam *contar a história* dessa escola. Percebi ali um ponto de partida para uma pesquisa. A questão era: onde estariam esses documentos? Recolhi minhas vivências e perguntas e as guardei para o momento oportuno.

Ao ingressar no Mestrado, tinha a intenção de, inicialmente, pesquisar por documentos existentes dentro do Arquivo escolar da escola Ildo Meneghetti e investigar suas potências como modificador de uma comunidade. Desejava transformar o saber empírico em conhecimento, em pesquisa. Deste desejo, nasceu o esboço da minha pesquisa. Enquanto arquivista, reconheço as dificuldades deste processo, desta falta de *vontade de guardar memórias* por parte dos governantes, instituições, também consigo enxergar a existência deste querer por parte de funcionários, e, pensando nas camadas de tempo acumuladas dentro daquelas paredes, gostaria de alguma forma retribuir o tanto vivido.

Entretanto, no correr dos dias, entendi que precisava mudar o objetivo central da minha pesquisa, era hora de dizer *até breve* para a escola Ildo Meneghetti com suas lembranças tão importantes para mim. Se fez hora de olhar o todo, compreendi que, por se tratar de um Mestrado, o tempo hábil não me oportunizaria participar de todos os processos que envolvem construir um arquivo ou memorial. Eu precisava encontrar instituições que já possuíssem esses espaços estabelecidos e atuantes para realizar a pesquisa.

Em paralelo a esta mudança de rumo da investigação, pois o que detinha era uma intenção de pesquisa que ainda se encontrava sem objeto e objetivos definidos, alguns questionamentos emergiram: por qual razão me parece que escolas públicas com lugares de salvaguarda das memórias escolares são uma exceção? Qual razão para este possível descaso, seria falta de conhecimento? Falta de incentivo financeiro? De quem é a responsabilidade, governo, comunidade, os profissionais envolvidos com a escola?

Naquele momento inicial da pesquisa, mais perguntas ascenderam no meu quadro de inquietudes: por que me parece que seja mais fácil localizar escolas privadas que já possuem espaços de memória? Por que algumas instituições protegem, preservam seu passado através da constituição de espaços específicos para isso e por que tantas outras não o fazem? Mesmo a pesquisa não tendo como objetivo a busca por respostas conclusivas para essas questões, acredito ser de grande valia deixá-las neste texto, ainda que apenas como meio de levantar estranhamentos. Diante da impossibilidade de empreender uma pesquisa de Mestrado de tamanha envergadura, optei por seguir um caminho paralelo, sem me afastar de questões que me afetam como arquivista interessada em História da Educação.

Busquei escolas que tinham lugares constituídos que preservam a memória institucional. Ao fazer essa busca, mais perguntas: por que estas escolas quiseram ter esses espaços, o que fizeram, em que momento tiveram vontade de construir esses espaços, de guarda e preservação? Emergia ali, meu objeto de pesquisa: quais *os quereres* destes lugares de memórias escolares em existirem.

A escolha das instituições se deu dentre as escolas privadas que sabíamos já possuir estes lugares de guarda, locais abertos e capazes de receber a pesquisa. Assim, foram investigados os espaços de memória de instituições centenárias de ensino privado do estado do Rio Grande do Sul, sendo três em Porto Alegre, o Colégio Farroupilha, o Colégio Bom Conselho, o Colégio Americano; e uma em São Leopoldo, município da região metropolitana, o Colégio Sinodal.

Portanto, a pesquisa tem como objetivo analisar as “vontades de memória” (NORA, 1993; VIDAL E PAULILO, 2020) desses lugares de memória, ou seja, analisar quais os gestos e quereres de cada um deles na intenção de preservar indícios do passado institucional e divulgá-los à comunidade. Como desdobramentos, tem-se esses objetivos específicos:

- Problematizar a constituição dos lugares de memória das escolas, considerando as suas transformações ao longo dos anos, na interface com o percurso histórico de cada uma das instituições.
- Observar o espaço físico atual do lugar de memória, examinando sua relação com o edifício escolar e descrever seu acervo.
- Analisar os lugares de memória das instituições nas dimensões de contemplação do passado, de ensino e pesquisa.
- Investigar a relação das pessoas responsáveis com os lugares de memória, à luz do conceito de “guardiãs de memória” (GOMES, 1996).
- Avaliar as aproximações e singularidades de cada um dos lugares, objetos de estudo da pesquisa.

É primordial reafirmar que entendo a necessidade de duvidar para então problematizar, mesmo que às vezes eu pareça forçar a dúvida, sempre é uma disputa com o encantamento, quase inevitável. Aprendi que, na pesquisa, é preciso sempre desconfiar.

Aprendizado este que repeti inúmeras vezes ao longo da construção da dissertação. Precisamos ir além das aparências, pois o que seria de nossas pesquisas se não conseguíssemos exercitar a crítica, para depois analisar, elencando os pontos positivos e os pontos a melhorar? Admito sem receios, me deixei enfeitiçar, cada um dos lugares visitados, de diferentes modos, me enfeitiçou, ainda que eu tentasse lutar. E ao longo das páginas, talvez o autor perceba minha tentativa de perseverar e analisar sem que meus olhos e mente estivessem cobertos por feitiço.

Desde o início da pesquisa, tive a consciência da dificuldade que seria lutar contra o encantamento natural destes espaços. Segundo Tura (2003), “adquirir a capacidade do estranhamento que é tão mais difícil quanto mais familiar é o espaço observado” (p. 195). Procurar identificar detalhes nestes locais de guarda que foram concebidos com a intenção de encantar e por algum motivo escaparam nas observações anteriores, acredito que tenha sido o maior desafio. Ao encerrar o que entendo ser uma apresentação da pesquisa e de sua pesquisadora, convido você leitor, para percorrer comigo, nas páginas que seguem, a construção destes quereres a partir dos alicerces epistemológicos e metodológicos.

1.1 Alicerces epistemológicos

A curiosidade pelos lugares onde a memória se cristaliza e se refugia está ligada a este momento particular da nossa história. [...] O sentimento de continuidade torna-se residual aos locais. Há locais de memória porque não há mais meios de memória (NORA, 1993, p 7).

Ao trazer já na epígrafe a justificativa do porquê destes espaços existirem, penso tal como o autor, que não há mais meios de memória e que o que lembramos são fragmentos de fatos já passados, e principalmente, se não houver um lugar essas memórias se perderiam. Diante disto, me questiono: Mas o que é memória? O que são esses locais de guarda? Museus, memoriais⁵, que deveriam reunir um acervo repleto de memórias capazes de relembrar a história de sua instituição criadora, exercem, verdadeiramente, essa função de local de guarda?

Para adentrar nesta seção, opto por apresentar os alicerces teóricos da pesquisa, partindo do que entendo ser o *conceito esteio* dos demais, aquele que direciona e determina o tempo em que este estudo passa a acontecer, Tempo Presente. Logo na

⁵ Apresento no capítulo 3 uma reflexão sobre os conceitos de museu e memorial.

sequência, discorro sobre o importante conceito dos lugares de memória, para então levantar a discussão sobre quais seriam as vontades de memória desses espaços. E por fim, conceituo memória/esquecimento e patrimônio. Justifico essa caminhada epistemológica, uma vez que, para melhor entender a constituição desses lugares e seus quereres, é preciso situá-los neste contexto, marcado pela aceleração temporal, em que memória e patrimônio emergem como sintoma.

Escolho começar pelo conceito de Tempo Presente (HARTOG, 2006), por entender que ele seja a base de suporte, uma rede de sustentação, para os demais conceitos da pesquisa que são voltados e cunhados para o presente. Portanto, sozinhos estes conceitos-chave (lugar de memória, vontade de memória, memória/ esquecimento e patrimônio), mesmo que interligados, estariam fragilizados e incompletos, sem uma discussão sobre a temporalidade.

Desta maneira, começo aqui a construção das fundações desta pesquisa, que, tal qual uma casa, necessita passar por processos de sustentação, antes de se mostrar concluída e formosa. Em uma construção, é necessário que se ergam as estruturas firmes – as vigas - que darão apoio para o restante da casa. Para tanto, há de ser ter um chão firme e resistente, nosso conceito base. Neste contexto, enxergo que os alicerces epistemológicos são as vigas que darão sustentação à investigação do trabalho.

No início do século XX, houve a maior invocação do futuro, que mais produziu história escrita do ponto de vista do futuro, em contrapartida, à medida que os anos passaram, foi também o século onde mais se invocou o presente, presente este citado por Hartog (2006). É importante também considerar o momento de ascensão do fenômeno memorial, que segundo Hartog (2006), teria sido no período pós Segunda Guerra Mundial. A história que aprendemos na escola dos grandes feitos já não interessava mais, o tempo acelerado faz com que se pense no presente, as memórias são solicitações e necessidade do presente. Entende-se que, a partir dos anos 1950, acelerou-se esse sentimento e necessidade de preservar memórias. Se tornou cada dia mais importante guardar, criar memórias, construir espaços para preservar esses fragmentos de acontecimentos evitando assim o esquecimento ou que fatos ruins por não terem informações guardadas sobre eles se repetissem.

É notório que estamos vivendo em um tempo acelerado, em que o presente se instaura de maneira quase que onipresente, que segundo Hartog (2006, p. 270), “fabrica cotidianamente o passado e o futuro do qual ele tem necessidade.” Um presente que nem

chega a terminar de acontecer pois já passou, já virou passado antes mesmo de chegar, o autor ainda complementa, um “presente massivo, invasor, onipresente, que não tem outro horizonte além dele mesmo [...]” (p. 270), tamanha a velocidade do tempo.

Por fim, o autor finaliza seu pensamento a respeito deste assunto, “observei o crescimento rápido da categoria do presente até que se impôs a evidência de um presente onipresente. É o que nomeio aqui “presentismo”.” (HARTOG, 2006, p. 262). Como sintomas deste “presentismo”, temos a institucionalização da memória e do patrimônio a partir da década de 1980, temos um deslizamento da história à memória comprovando essa mudança de época, de ator principal. Essa história que aprendemos na escola sobre as grandes narrativas não seduzem mais, o que seduz agora é a memória, o apelo à memória.

Portanto, observa-se que a emergência da memória e do patrimônio não são naturais, são sintomas deste presentismo descrito pelo autor, para ele esse presente não consegue se sustentar sozinho, ele precisa desses dois pilares como ancoragens para significar-se. Complementa dizendo que, “signos de reconhecimento do presente”, “vetores de identidade, indícios, sintomas da nossa própria relação com o tempo” (HARTOG, 2020, p. 83), ambos tendem a ocupar o lugar do discurso histórico.

Para tornar esse conceito de tempo presente mais palpável, optei pela construção de um quadro (Quadro 1) para facilitar a visualização do que entendo que o autor esteja querendo nos explicar. Apresento as datas de fundação das escolas pesquisadas, bem como, as datas de constituição de seus lugares de memória, na tentativa de tornar mais visível o momento em que se deu a institucionalização da memória nestes espaços. É possível perceber, o momento em que, simultaneamente, o fenômeno memorial ascendeu em nossa sociedade, repercutindo nas vontades dessas escolas.

QUADRO 1: Datas de fundação das escolas e de seus espaços de memória

Instituição Escolar	Cidade	Fundação da escola	Criação do espaço de memória
Colégio Americano	Porto Alegre	1885	1994
Colégio Farroupilha	Porto Alegre	1886	2002
Colégio N ^a Sr ^a Bom Conselho	Porto Alegre	1905	2013
Colégio Sinodal	São Leopoldo	1936	1996

Fonte: Autora. Dados disponíveis nos lugares de memória analisados.

Através destas datas, é possível visualizar o que foi dito até então quando à ascensão da memória e do patrimônio como sintomas deste tempo acelerado que nem chega a terminar e já é passado. As escolas foram fundadas no final do século XIX e início do século XX, entretanto só houve a criação dos espaços de memória depois da década de 1980, fato que nos faz perceber que os postulados trazidos por Nora, a partir da patrimonialização de determinados lugares da França, nas décadas de 1980 e 1990, já estavam se espalhando por entre mares, tendo chegado até o ambiente escolar.

É neste mesmo período que Pierre Nora conduz na França um movimento que elaborou um levantamento de todos os possíveis lugares de memória existentes. Digo possíveis, uma vez que há chances de alguns não terem entrado nesta lista por não apresentarem todos os critérios estabelecidos por ele para serem considerados como tais.

Levando em consideração o entendimento de Pierre Nora (1993) quanto aos critérios que justificam a constituição de um lugar de memória, entendo que seja importante esclarecer que esta pesquisa não busca problematizar se os memoriais e museus escolares analisados são ou não lugares de memória. Parto do entendimento de que todos são sim, que apresentam espaço concreto constituído, e além disso, guardam, preservam suas memórias e também as disseminam.

Quanto aos demais conceitos, partindo da lógica de Justino Magalhães (2004), como referência, tentei “tecer nexos”, desdobrando os conceitos de lugar de memória, vontade de memória, memória e patrimônio, procurando entrelaçá-los, olhando a pesquisa como um todo e, ao mesmo tempo, individualmente cada um em suas especificidades, construindo assim uma rede de significados e signos que conversem entre si e deem sustentação para o discurso.

Sigo, a partir deste instante, discutindo o conceito central lugares de memória⁶, local onde todas essas lembranças têm espaço para existirem, onde o encantamento é ingrediente indispensável. Deste modo, entendo ser relevante preservar a memória de uma instituição, e é neste movimento que se tem a construção destes lugares. Entendo, conforme Nora que “os lugares de memória antes de tudo são restos” (1993, p. 12). Ou seja, há uma dimensão residual, fragmentária nos gestos de guardar, o que temos são

⁶ Ao longo do texto, usarei espaço de Certeau (1990), como complementar de lugar. O autor entende espaço como um lugar praticado, com movimento, com fluidez. Entendo que os lugares de memória sejam estes espaços citados por Certeau, *espaços de memória*.

migalhas de um tempo vivido, fragmentos escolhidos para (re)memorarmos acontecimentos entendidos como importantes.

Ainda sobre os lugares de guarda, entendo que sendo um *espaço de vida*, em constante mudança, eles necessitem escolher o que preservar, o que eliminar, uma vez que é impossível guardar tudo, e é neste processo que temos a construção das singularidades de cada espaço, ainda que muitos guardem lembranças. Cada espaço, ainda que carregue pontos singulares também apresentam consigo uma rede de significados semelhantes aos outros lugares. Digo que há vida, pois, ao dedicar-se a guarda de materialidades pretéritas, esses locais estão em constante troca, em movimento.

Ao parar o tempo, a memória consegue captar e oferecer frações de momentos, lembranças. Ao bloquear o esquecimento, a memória é capaz de escolher quais recordações irá oferecer para quem lhe procura nestes espaços de guarda. Do contrário, para que existiriam esses espaços? Visto que os arquivos também são uma das possibilidades de lugar de memória, não podem só ser vistos como espaço de mero acúmulo de documentos, mas sim como locais de oportunidade para que o historiador tente compreender o passado nas relações estabelecidas com o presente (NORA, 1993). Desta forma, a existência desses lugares está condicionada ao fato dos gestos de guardar não serem naturais e sim produzidos, necessitando de um abrigo para reuni-los.

É preciso lembrar que estes lugares são o resultado de *disputas* do que recordar e do que esquecer em um só espaço. Diana Vidal complementa essa discussão, quando diz que “é necessário que o estabelecimento dê critérios de guarda e descarte, na compreensão de que preservar tudo é impossível, o que supõe a ativação de um diálogo constante e profícuo entre a história da educação, a arquivística e museologia” (2005, p. 22). Nessa perspectiva, não há a guarda de tudo, preserva-se o que escapa do desaparecimento, pois, em maior ou menor medida, se escolhe o que guardar, este é um eterno *campo de batalha*. É aquele local de onde escolhemos o fragmento do tempo que queremos dar destaque e armazenamos em uma gaveta tudo aquilo que na nossa concepção de necessário e desnecessário deve ficar de fora de uma análise e exposição das memórias. Lugares onde é possível, a partir de uma intenção, absorver memórias, tentar entender o que são estes locais, com significados múltiplos.

Ao discorrer sobre os lugares de guardar memórias das escolas, estamos falando da intencionalidade de pessoas, de uma instituição, através das escolhas realizadas. Quem efetivamente decide o que esquecer e o que lembrar? Quem são os responsáveis pelos

lugares pesquisados? Como estes espaços organizam seus acervos? Segundo Almeida (2021, p. 20), “pretérito, presente e futuro estão perdidos nos Arquivos, que acumulam camadas de tempo, como estratos de experiência, que coexistem em permanente ajustamento.”. Ao enfatizar que as *faces do tempo* estão todas presentes em um mesmo lugar, ainda que escondidas, a autora nos faz compreender que as memórias contidas nestes lugares de guarda possuem em si muitos quereres, são fragmentos de acontecimentos e vivem se condicionando para que todas coexistam dentro do mesmo espaço.

Eis aqui, na sequência após Tempo Presente e lugares de memória, um terceiro conceito deste estudo. Ao unirmos os dois termos, vontade e memória, relacionando-os dentro do ambiente escolar, emerge um novo olhar, um novo conceito. Ao buscar no dicionário, o significado de vontade, encontro que é “faculdade que tem o ser humano de querer, de escolher, de livremente praticar certos atos; capacidade de escolher, de decidir entre alternativas possíveis” (HOUSSAIS, 2004). É perceptível que o conceito utilizado é mais complexo que o termo relatado no dicionário, desta forma me deparo com algumas dúvidas: quais os gestos de guardar de cada uma das instituições? O que decidiram preservar e mostrar? O que não quiseram mostrar? Vale lembrar ao leitor que Nora (1993) apresentou esta ideia em sua escrita, contudo utilizarei a versão atualizada deste conceito a partir do que falam Vidal e Paulilo (2020) sobre “vontade de memória”:

[...] é a partir de um presente, que pode se situar no passado, que os acervos foram constituídos, por vezes, organizados e preservados. As questões contemporâneas ao ato da guarda guiaram uma vontade de memória, expressa no significado atribuído aos documentos conservados [...] há que se atentar para a existência de várias camadas de temporalidade do que consideramos outrora (VIDAL & PAULILO, 2020, p.13).

Ao pensarmos quais foram os quereres que levaram pessoas ou instituições às tomadas de decisões sobre um espaço de memória, precisamos nos deter em dois pontos, que acredito serem primordiais e indispensáveis: primeiro fator é buscar compreender quais foram os critérios que levaram os responsáveis a tomar a decisão do que guardar e do que eliminar ; segundo fator são as relações existentes entre essas pessoas e o local em que trabalham, já que, esse relacionamento terá influência direta nestas escolhas, pois

é necessário que as ações nestes lugares de memória devem ir ao encontro do que a instituição prega e quer passar para a comunidade⁷.

Compreendo que a partir desses, existem outros fatores que apresentarão respostas distintas entre si dada a singularidade de cada espaço. Entre eles podemos citar: o contexto histórico em que foram construídos esses lugares; a finalidade da instituição a qual pertencem; as intenções de uso de seu espaço; os investimentos financeiros despendidos para sua manutenção e a dedicação despendida pelos responsáveis por este espaço. Todos esses elementos influirão no alcance dos quereres destes espaços e de seus responsáveis.

Encontro mais subsídios para entender essa vontade em Albuquerque Jr. (2019, p. 99), “sabemos que os arquivos são constituídos, que nascem tanto daquelas operações de acúmulo e guarda, [...] como também destas operações de seleção e até mesmo descarte”. Ainda conforme autor, tanto os arquivos como os documentos que existem nele são fabricados e se fabricam como também as narrativas que deles se utilizam para expressar essas vontades.

Parto para o quarto conceito, memória, e mesmo já tendo sido apontada anteriormente, de maneira rápida, através do olhar de Pierre Nora (1993). Trago reforços para que possamos entender melhor sua amplitude e complexidade, através do olhar de Paul Ricoeur:

Se podemos acusar a memória de se mostrar pouco confiável, é precisamente porque ela é o nosso único recurso para significar o caráter passado daquilo de que declaramos nos lembrar. [...] Para falar sem rodeios, não temos nada melhor que a memória para significar que algo aconteceu, ocorreu, se passou *antes* que declaramos nos lembrar dela (RICOEUR, 2007, p. 40).

O filósofo nos faz pensar na fenomenologia da memória, destacando sua força e função matricial, exaltando sua intenção de verdade e a enxergando como elo entre passado e presente, uma espécie de guardião desta relação. Ricoeur (2007), pontua que a memória não é um domínio da história, que ambas têm em comum a representação do passado, trazendo à tona aquilo que já estava ausente, além de levantar a discussão sobre o fato de memória não ser uma verdade e sim uma intenção de verdade de maneira consciente através de uma escolha individual e/ou coletiva.

De fato, o que é memória? Um poder, um direito, um dever, uma arma, uma ponte, uma lembrança, uma intenção de verdade, um querer? A memória é tudo isso, todos esses

⁷ Cabe ressaltar que este questionamento será retomado no capítulo seguinte.

significados, (ESCOLANO BENITO, 2017). Mas afinal, quem tem direito à memória? Estudantes de escolas públicas também têm direito a este tipo de memória? Florescem aqui mais dois questionamentos com intenção de produzirem *insights* e não necessariamente serem respondidos nesta pesquisa. Além de entender a relevância deste conceito, acredito que mais algumas características precisam ser dispostas para que seja possível entender a complexidade deste conceito.

A partir de tudo que foi escrito, pesquisado, lido e relido até agora, compreendo que a memória é uma construção (ESCOLANO BENITO, 2017). O autor citado acima evidencia, mais uma vez, a explicação de que a memória não é uma representação fidedigna do passado, não há como reviver o que passou, existem meios de se rememorar alguns fragmentos que podem ter ocorrido, a memória vive no tempo presente, em constante mutação distante do passado estático que não existe mais. A memória, “[...] é registradora, que delega ao arquivo o cuidado de se lembrar por ela e desacelera os sinais onde ela se deposita, como a serpente sua pele morta” (NORA, 1993, p. 14). Quando há a comparação da serpente, arquivo e a memória, entendo que o autor queira explicar que a memória por si só não vai lembrar de se lembrar, estabelecendo-se de maneira a aquietar-se e esperar o momento certo de trocar de pele – analogia construída, assim como a serpente.

De acordo com Nora (1993), o que nós chamamos de memória é, de fato, a constituição gigantesca e vertiginosa do estoque material daquilo que nos é possível lembrar, repertório insondável daquilo que poderíamos ter necessidade de nos lembrar. “A memória é componente estruturador de toda a cultura escolar, e esta por sua vez, da construção da subjetividade” (ESCOLANO BENITO, 2017, p. 185). A memória é uma intenção de verdade, ela nos seduz, é uma encenação do passado, uma representação da construção do presente, a memória é flutuante, nada estática.

Apresento nas linhas abaixo o entendimento de Ricoeur (2018), sobre nosso quinto conceito, o esquecimento, a partir de uma análise do autor sobre o papel do arquivo. Cabe aqui ressaltar que ao ler essa interpretação do que seria arquivo para Ricoeur, pude relacioná-lo diretamente, com os lugares que estão sendo analisados neste estudo, museus e memórias. Por que razão, quando você leitor, estiver lendo as linhas que seguem sobre memória, esquecimento e papel do arquivo entenda que para esta pesquisa seria o mesmo que ler sobre memória, esquecimento e lugares de memória.

Nesse sentido, o arquivo desempenha um papel crucial ao fornecer uma *sede* concreta, objetiva e documental para a memória. Ricoeur (2018), também ressalta que a maneira como o arquivo está disposto (sua estrutura, sua organização, seus manejos de trabalho, seus acervos, suas escolhas), fala sobre o todo, desde que o observador esteja disposto a ouvir. O autor argumenta que o arquivo possui uma dupla função: é um lugar de depósito do passado, onde os vestígios e documentos são guardados, e também é um lugar de pesquisa e consulta, onde o presente recorre ao passado em busca de respostas e significados.

O arquivo apresenta-se assim como um lugar físico que abriga o destino dessa espécie de rastro que cuidadosamente distinguimos do rastro cerebral e do rastro afetivo, a saber, o rastro documental. Mas o arquivo não é apenas um lugar físico, espacial, é também um lugar social. Antes do arquivo consultado, há o arquivamento (RICOEUR, 2018, p. 176).

Ele destaca que este espaço é mais do que um mero depósito de informações, pois é através dele que a memória individual dialoga com a memória coletiva, permitindo que o passado seja reinterpretado e receba novo significado de acordo com as necessidades e contextos do presente. Ao falar do historiador em relacionamento direto com o arquivo, o filósofo reforça a importância de se ter esse ator pesquisando, questionando os documentos, de maneira a dar a estes acervos importância e valor de prova. Ricoeur destaca que o arquivo não é apenas uma acumulação de documentos, mas também uma estrutura organizada que estabelece relações e conexões entre eles. Essa organização é essencial para que os documentos possam ser acessados e interpretados de maneira significativa.

O autor ressalta a importância dos arquivistas na manutenção e preservação dessas estruturas, garantindo a acessibilidade e a integridade dos documentos ao longo do tempo, vale lembrar de mencionar as escolhas não só do que guardar como também daquilo que o arquivista e o arquivo decidem apagar. Ele argumenta que o esquecimento é uma parte intrínseca da memória, pois selecionamos e lembramos apenas determinados eventos, deixando outros de lado.

No entanto, cabe ressaltar que o esquecimento não é um mero apagamento, mas sim uma condição necessária para a lembrança. Se não houvesse a necessidade de rememorar, não haveria o que guardar, nem o que eliminar. Ao notar que estamos perdendo algo, algum detalhe, nos forçamos em *revisitar* aqueles momentos que nos são importantes. Enxergo, assim como Ricoeur (2018), o arquivo não apenas como meio para

preservar fragmentos do passado, mas também como um possibilitador de uma (re) interpretação e ressignificação no presente sobre o que já foi vivido (memória). O arquivo, portanto, desempenha um papel fundamental na preservação e na transmissão da memória, permitindo que as gerações futuras tenham acesso a vestígios do passado e possam construir novos significados a partir dele.

Ricoeur (2018) vai desmembrar e discorrer acerca dos motivos, dessas escolhas e as consequências destes atos nestes lugares de memória bem como para uma sociedade. É um esquecimento por apagamento dos rastros, um esquecimento de reserva, de recursos, ou seja, o ato de esquecer pode ser natural, do tempo; pode ser necessário, em caso trauma, por exemplo; pode ser imposto, quando há a obrigação de esquecer; ou por vontade, quando há a decisão por escolha em esquecer. Importante lembrar que quaisquer um dos meios de esquecer pode ser individual ou coletivo. Neste contexto me questiono o quanto foi esquecido, apagado, eliminado. Quais foram os motivos e as justificativas para que esse esquecimento ocorresse?

Seguindo em frente, apresento o último conceito proposto, patrimônio, uma vez que está intimamente ligado à memória, ambos sintomas do Tempo Presente, procurando entender o que existe nele, quando emergiu, e quais fatores ocorreram para que ele representasse e englobasse o que significa hoje. Quando penso em patrimônio, a partir do “presentismo”, lembro das palavras de Hartog (2020), o patrimônio se difundiu em todos os recantos da sociedade e do território, mobilizou, sustentou e foi sustentado por várias associações. Foi apropriado pela Unesco, inspirou políticas urbanas que enfatizaram a reabilitação de centros históricos, reconstruindo sua história, explorando seus significados. Quando algum objeto ou lugar é declarado patrimônio, imediatamente mudam os olhares sobre ele, o que se pode ou não fazer, permite-se e proíbem-se certos gestos (HARTOG, 2020). O patrimônio consegue proteger o presente como este se proclama, desta maneira, preserva o futuro.

O que então é patrimônio escolar? Como mencionado por Souza (2013), ao pensarmos em patrimônios escolares, está inserido dentro do conceito os bens materiais e imateriais, bem como, tombamento dos edifícios, proteção dos acervos documentais museológicos, bibliográficos.

[...] a ideia de patrimônio se associa à de identidade e reforça, ao mesmo tempo, o valor da tradição. Até há pouco tempo, os bens da escola foram excluídos dos arquivos da memória oficial, uma memória marcadamente seletiva,

interessada principalmente em fatos e obras notáveis. Agora esses bens são buscados, conservados e difundidos, porque nos pertencem e nos definem como sujeitos histórico-culturais [...] (ESCOLANO BENITO, 2017, p.274).

Assim que o conceito de patrimônio ganha amplitude em seu significado, abrangendo também aqueles bens excluídos, tem-se um processo de modificação do que deve ser preservado. Destaco, como exemplo destes bens excluídos, os inúmeros registros produzidos na escola, anotações de professores, atividades escolares, cadernos, fotografias. Quando estes bens da escola passam a integrar o conceito de patrimônio como parte da identidade de um grupo de sujeitos, ocorre uma mudança nos gestos de guardar, inauguram-se outros olhares sobre os sujeitos escolares e os espaços educativos. Conforme Escolano Benito (2017), os bens da escola, antes excluídos agora passam a compor junto com o prédio o patrimônio do colégio, pois representam a identidade daquele grupo, temos assim a valorização da memória deste coletivo através dos seus bens materiais e imateriais produzidos.

O patrimônio proporciona ao *dever de memória* um ar de obrigatoriedade, tudo que é considerado importante para representar as recordações coletivas ganham um outro status e necessidade de conservação e reabilitação. Estimular uma educação baseada no patrimônio educativo será capaz de mostrar os efeitos que a cultura escolar produziu nos sujeitos envolvidos dentro dos ambientes escolares. Ainda segundo Souza (2013), “a conservação do patrimônio escolar deveria servir em primeiro lugar, às próprias escolas e à comunidade escolar, como memória afetiva da experiência escolar”. Desse modo, torna-se possível refletir sobre o que a escola significa enquanto instituição ao longo do tempo, sua atuação e as consequências no tempo presente.

De acordo com Oliveira e De Souza Chaloba (2023), salvaguardar esse patrimônio educativo “advém de diferentes finalidades perpassadas pelo devir de preservar, de legar para o futuro um passado considerado crucial na constituição da história da instituição educacional e seus sujeitos”. E, ao caminhar pelos corredores dos quatro espaços pesquisados, uma das primeiras observações gritantes aos olhos de seus visitantes é a necessidade destes lugares de mostrar o que guardam, as memórias que julgaram importantes de serem preservadas se materializam no cuidado dos mobiliários antigos, dos recortes de jornais, fotografias, uniformes, jornais estudantis escolhidos para serem salvaguardados.

Para Escolano Benito (2017), uma educação baseada no patrimônio é capaz de nos mostrar os efeitos que a cultura ocasionou nos sujeitos socializados nos espaços de escolarização, influenciados pelos programas, pelos agentes e pelos processos que passaram a fazer parte das narrativas tanto do coletivo quanto dos indivíduos. É possível identificar nestas linhas e informações o quanto a escola e o patrimônio educativo estão diretamente relacionados com os quereres desta escola em ser e existir, em se fazer um *lugar de guardar memórias* repleta de objetos, artefatos, documentos que possuem potencial de contar não apenas a sua história bem como a história de cada indivíduo enquanto pertencentes aquele espaço. Acredito que o patrimônio educativo e a memória escolar andem juntos e sejam consequência uns dos outros, a partir de suas definições individuais e das relações que estabelecem entre eles.

Nestas páginas, o objetivo foi apresentar ao leitor as grandes linhas conceituais que esta pesquisa se assenta. Dediquei-me a explicar o que entendo por Tempo Presente, lugar de memória, vontade de memória, memória, esquecimento, patrimônio. Optei por produzir reflexões sobre cada conceito em separado, mas buscando relações entre eles, afinal, nesta pesquisa, estão imbricados uns nos outros, juntos, ora de mãos dadas, ora separados, entretanto nunca em oposição. Esta pesquisa tem como objetivo central analisar as “vontades” (NORA, 1993; VIDAL E PAULILO, 2020) desses lugares de memória, ou seja, analisar quais os gestos e quereres de cada um deles no sentido da intenção de preservar indícios do passado institucional e divulgá-los à comunidade, acredito que trazer teóricos que embasassem bem estes conceitos tornou-se uma necessidade de alta importância para o bom funcionamento deste estudo.

Enxerguei no conceito de Tempo Presente uma espécie de cama de sustentação para dar sentido e suporte aos outros conceitos que girariam ao em torno dos lugares de memória. Os lugares se estruturam e expressam seus gestos e desejos e a intenção de patrimonializar, quanto ao que guardar ou eliminar. Esses processos acontecem neste tempo acelerado que não chega a terminar e já é passado, é neste tempo em que se tem a urgência por respostas para a memória e sobre a memória.

1.2 Alicerces metodológicos

“Estranhei tudo. E, por me estranhar, vi-me por um instante como sou. Gostei ou não? Simplesmente aceitei”.⁸

Início a escrita sobre os métodos da investigação com esta epígrafe de Clarice Lispector, ao fazer essa comparação entre o estranhar a pesquisa conseguiremos, eu e você leitor, vislumbrarmos o que já foi, inicialmente, dito sobre o exercício da crítica, como atitude necessária para se fazer pesquisa. Tal entendimento faz parte também do processo de problematizar, uma vez que nos faz questionar as fontes, não aceitá-las passivamente, conforme Tura (2003). É preciso observar e, ao mesmo tempo, inquirir, exercitar a dúvida e não confiar nas primeiras impressões que capturam o visitante com a intenção de impressionar e cativar.

Para que você leitor entenda o percurso desta pesquisa, se faz necessário explicar ponto a ponto de minha caminhada desde a escolha das escolas. Ao decidir analisar lugares de memória escolares existentes, construí uma lista com nomes de escolas que possivelmente aceitariam participar da pesquisa, por apresentarem espaços já conhecidos, abertos para visitação. Focamos em escolas de Porto Alegre e região metropolitana para facilitar os deslocamentos, em virtude da rapidez com que o Mestrado se apresenta. A listagem se fez com nomes apenas de escolas privadas. Ainda que não haja intenção de resposta, enquanto pesquisadora e arquivista, me pergunto qual o motivo de não haver incentivo por parte do poder público para a construção destes lugares de guarda nas escolas públicas? Como que estes governos não enxergam a necessidade de se guardar memórias?

Dito isto, informo que opero com observação crítica, processo este construído a partir da experiência vivida pelo historiador em contato com os objetos de estudo, neste caso quatro espaços de memória de instituições escolares. Sem esquecer da realização de entrevistas com as pessoas responsáveis por estes lugares, seguindo as orientações de Kaufmann (2013). Compreendo que, para entender a observação crítica,   necessário pensar que ela é, segundo Tura (2003), o primeiro meio de aproximação do sujeito com o mundo em que pertence, à através do olhar que os indivíduos entram no mundo e se

⁸ Trecho retirado da cr nica “**O grupo**” publicada originalmente no Jornal do Brasil de 1973, por Clarice Lispector. Informa o retirada do livro de JATOBÁ, Vivian Resende. **Clarice Lispector e a descoberta do mundo**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2015.

comunicam e é também pelo olhar que passamos a adquirir conhecimento a respeito destes sujeitos que nele habitam. Seguindo com os pensamentos deste autor, a observação acrescida de características específicas sobre procedimentos e focalização em torno de um objeto se constitui como procedimento básico da investigação científica. Estando a observação crítica inserida na investigação científica, me questiono, qual tipo de paradigma é preferível seguir, e de acordo com Sarmento (2003), a investigação acontece sempre no interior de um diálogo com a produção de seu campo respectivo, neste caso, campo da História da Educação.

Obtive resposta de apenas quatro escolas da listagem inicial, optei por conhecer todas, uma vez que, alguma delas ainda poderiam recusar a participação. Nas primeiras visitas, a intenção era mais observar do que conversar, necessitava arrecadar indícios a partir do exercício de um olhar apurado para o que via. Para essas visitas, levei meu diário de campo, lápis e o celular para fotografar. Fiz um roteiro do que necessitava observar e apontamentos que precisa realizar.

Quadro 2: Roteiro das observações dos lugares de memória

Nome do Espaço
Ano de fundação
Responsável
Equipe de funcionários
Metragem
Disposição na planta da escola
Características físicas
Iluminação
Ventilação
Acessibilidade
Acervo composto por. Aquisição de novos objetos ocorre como.
Políticas Arquivísticas. Catalogação, Organização.
O que está exposto. Como está exposto.
Visitações. Consigo informações como. Quem visita.

Fonte: Autora

Agora, lendo esse emaranhado de questionamentos acima, parece até um roteiro interminável, mas durante uma visita são questionamentos que fluem em seu pensamento e um questionamento complementa o outro. A intenção, como mencionado anteriormente, era de observar mais do que qualquer coisa, ver até onde eu conseguiria chegar apenas com a observação crítica. Posteriormente, realizei levantamento bibliográfico sobre a história das quatro instituições, bem como, de seus espaços de

memória, com a intenção de levantar mais informações, sem esquecer das possíveis intenções destas instituições com a criação desses lugares.

Já de posse de um quadro preliminar construída sobre as escolas, os espaços de memórias e suas responsáveis, foi possível a construção da entrevista. Utilizei a ideia da entrevista compreensiva, proposta por Kaufmann (2013) para guiar essa busca por informações além das perguntas estipuladas, penso que cada entrevistada é única pois cada narrativa vai produzir particularidades na construção de seu objeto científico utilizando adaptações; instrumento não apenas de produção de fontes, mas parte integrante da construção do objeto de estudo.

O autor ressalta que, ao conseguir conduzir positivamente uma entrevista compreensiva, o entrevistador sentirá que realizou um exercício apaixonante, repleto de informações, humanidade e emoções. Ratifica que “a melhor pergunta não está posta na grade: ela deve ser encontrada a partir do que acaba de ser dito pelo informante” (KAUFMANN, 2013, p. 80), reforçando mais uma vez a flexibilidade desta entrevista, partindo do entendimento de que entrevistas estáticas por fim resultam em dados superficiais, imprecisos e sem por vezes sem relevância.

Quanto às entrevistas e conversas informais, as entrevistadas foram as responsáveis técnicas pelos espaços e me pareceram disponíveis em todos os momentos, para sanar dúvidas, contar suas histórias, responder aos questionamentos além de disponibilizarem materiais de consulta sobre as escolas. As entrevistas foram individuais, e roteirizadas, contudo procurei dar espaço para que elas pudessem rememorar fatos de suas vidas pessoais e profissionais de modo que suas falas fossem mais profundas, não apenas se restringindo a respostas superficiais para perguntas objetivas.

Optei em construir uma entrevista dividida em dois blocos, em que no primeiro seria possível que a responsável técnica se expusesse, nomeei este bloco de *Quem é ela*, o segundo bloco denominei de *Ela, o lugar de memória e a instituição*, e neste momento da entrevista as perguntas selecionadas buscam entender o lugar, sua criação; as relações que se estabelecem entre o espaço a escola e a responsável.

Quadro 3: Roteiro das entrevistas

BLOCO I: <i>Quem é ela?</i>
De onde você é?
Profissão dos seus pais?
Aonde estudou? Formação superior? Qual instituição?
Idade?
Tem filhos? É casada?
Experiências de trabalho antes de ingressar na escola?
Quando ingressou na escola? Por que escolheu trabalhar nessa escola?
Funções desempenhadas?
É ex-aluna?
Como entende sua relação com a instituição?
Quando começou a trabalhar no espaço de memória? Foi convidada?
Como entende seu trabalho no espaço de memória?
Considerando sua trajetória de vida e na instituição, você se identifica com as funções que desempenha no lugar de memória?
Quais os documentos do acervo que tu mais te identificas? Por quê?
BLOCO II: <i>Ela, o lugar de memória e a instituição</i>
Por que a instituição criou esse espaço de memória?
Conte o percurso desse espaço? Como começou? Transformações?
Pessoas que foram importantes na idealização e no trabalho de constituição do acervo?
Qual o significado do espaço de memória para a comunidade escolar?
O que você diria que são fortalezas do lugar e o que poderia ser melhorado?
Como você define o acervo?
O que se guarda e o que não se guarda? Quais as políticas de arquivamento?
Qual a política de doações para o espaço?
Quem visita o espaço de memória? Com que finalidades?
Você tem conhecimento de pesquisas científicas que são produzidas a partir do acervo do lugar? Fale sobre isso.
Como se dá a relação entre profs. e alunos com o lugar de memória?
Quem toma decisões sobre o lugar?
Você sabe qual é o documento mais antigo?
Quais os documentos que você considera mais potentes para o ensino e pesquisa?
Vocês desenvolvem ações com vistas a dar visibilidade ao lugar? Quais?
Quando tu saíres daqui, como imaginas que será o futuro do lugar?

Fonte: Autora

Assim, a entrevista, por meio da história oral, foi utilizada com vistas a entender o envolvimento pessoal e profissional das responsáveis pelos espaços de memória de cada instituição; para entender melhor quem são essas pessoas, seus percursos de vida, seu trabalho na instituição. Para Alberti (2008), a história oral produz, por meio da entrevista, a narrativa, ou seja, o documento oral. Na produção deste documento, não há a preocupação com a maneira que o narrador apresenta suas memórias, sem ou com distorção ou falhas, mas sim se há a possibilidade de levantar questionamentos, fazer uma

reflexão de por que razão este sujeito gravou o passado de uma maneira e não de outra, valorizando a narrativa contada por ele.

Entendo que ter escolhido a entrevista compreensiva tenha sido um acerto, uma vez que, além de criar relação com as entrevistadas, a partir das análises foi possível relacionar tanto as escolas e seus lugares de guardar memórias com os contextos sociais, políticos e ideológicos que existiam em cada recorte temporal. Essa interpretação tende a ser crítica e para que não haja deficiência neste processo é preciso considerar, segundo Sarmiento (2003), a singularidade de cada instituição escolar, as relações e ações produzidas pelos atores sociais; os gestos, objetos e indícios; e a auto-observação do investigador.

Ao visitar estes locais, como já mencionado exercitei a observação crítica, visto que o sentimento natural sempre é de encantamento, a proposta de exercitar a observação tentando ser o mais imparcial possível foi repetida em todas as visitas e até durante as entrevistas. Acredito ter conseguido, à base de muito esforço, observar, procurando me distanciar do feitiço. Tentei interferir o mínimo possível enquanto as ouvia, quando falava, muitas vezes, era para fazer as perguntas. Ao me colocar no local de escuta, quis me deter nos detalhes do que elas foram lembrando e escolhendo compartilhar comigo.

Fiz anotações também sobre seus comportamentos, suas expressões faciais e corpóreas e como elas mudavam conforme a entrevista foi avançando. Utilizei esse mesmo *modus operandi* com todas as responsáveis pelos espaços. Como era o primeiro contato presencial mesmo que só para observação do lugar, eu me apresentava, cumprimentava, perguntava se podia conhecer o espaço e se elas me acompanhariam neste processo. Naturalmente, mesmo que de maneira informal, elas foram me contando sobre as instalações, as documentações, as memórias em destaque, além de também irem me contando um pouco de si, de como chegaram até ali. Os diálogos informais que já foram suficientes para que eu pudesse traçar esboços de vida e vontade das mesmas ocorreram durante observações críticas de cada espaço.

O primeiro colégio que retornou aceitando participar foi o Colégio Farroupilha, e, de acordo, com os aceites, fui agendando as visitas às outras escolas. Repetia comigo mesma enquanto me deslocava prédio a dentro: tem acessibilidade, cadeirante entra, deficiente visual de bengala talvez também chegue, hoje é dia de observar, não pergunte, escute [...] não esquece de se apresentar, falar da pesquisa, agradecer [...] cuida os detalhes

que trata Ginzburg (1989), para olha os indícios, observa em vários ângulos não só o que estiver em destaque.

Antes mesmo de entrar no Memorial do Colégio Farroupilha, já estava com o coração aquecido e me vi enfeitiçada por aquele espaço. Pensei que adoraria ter um lugar daqueles para trabalhar. Esse deslumbre me custaria caro mais tarde, mas ainda estou no início da narrativa. Fui recebida pela responsável do lugar, trocamos algumas informações pessoais e acadêmicas e a visitação começou. Ganhei três livros de presente, sendo duas produções acadêmicas e uma memorialística sobre a escola e o Memorial, títulos que mencionarei adiante no texto.

Quando encerrei a visita, de posse dos livros e anotações, me despedi com a vontade de pedir para ficar, quem sabe eles estivessem precisando de mais uma funcionária. Comentei com minha orientadora que o espaço era maravilhoso, iluminado, arejado, organizado, limpo, cheio de vontades, ela me lembrou que eu precisava questionar. Foi como um *balde de água fria* me trazendo de volta para a pesquisa, me lembrando dos autores e da metodologia que eu mesma havia escolhido seguir. Revisei todas as anotações, coloquei desenhos e acrescentei algumas informações que haviam fugido naquele momento.

Depois da visita ao Farroupilha, foi a vez de conhecer o Colégio Bom Conselho, nesta escola primeiro fui recebida pelo diretor e pela Irmã responsável pelo espaço e secretária escolar. Ao passar pelo pórtico do colégio, já foi possível enxergar o Memorial, iluminado, com suas portas abertas, convidativo. Mas ainda não era o momento de observá-lo, primeiro eu tinha que fazer uma pequena entrevista, na verdade fui entrevistada. Expliquei meus objetivos e intenções com a participação da escola na pesquisa. Após ser aprovada na entrevista e terem, de fato, aceitado participar da pesquisa, fui levada para conhecer o espaço de memória. Inevitavelmente, acabei comparando-o com o lugar de memória anterior, o que logo parei de fazer, pois eu queria analisar o Memorial do Bom Conselho, tendo-o como único referencial, ainda não era o momento de colocá-los em comparação.

Tomei como escolha entregar-me à visitação, anotar todas as observações realizadas, rabiscar o que sentisse necessidade, ouvir bastante e só em casa, mas só no momento de construção da pesquisa, questionar. Eu tinha esse direito, a arquivista em mim, precisava deleitar-se um pouco, você leitor não imagina o quão escuro, empoeirado e triste pode ser um arquivo antes do devido cuidado e tratamento.

O ambiente destinado ao lugar de memória ainda que pequeno era bem organizado, estava limpo, com iluminação correta para expor os objetos, fotografei os objetos, o mobiliário, as paredes com a linha cronológica das Irmãs Franciscanas no Brasil passando pela criação do colégio e depois pelos principais acontecimentos do Mundo até o ano de 2010, já a inauguração do Memorial foi em 2013. Sai da visita do Bom Conselho com dois livros memorialísticos emprestados, para conhecer um pouco mais da história do colégio, e mesmo ciente da importância de problematizar, mais uma vez encantada.

Pois bem, voltando para as visitas, chegou o dia de visitar a terceira instituição, era hora de conhecer o Colégio Americano, não por querer primeiro conhecer os três da mesma cidade e por último o único de outra cidade, mas sim por ter a responsável do Sinodal adoecido na semana de nosso encontro. Essa visita foi um pouco diferente, eu já havia começado a escrita do Projeto, já estava mais inserida na produção dos alicerces, a metodologia estava ainda mais estabelecida e o referencial e literatura em processo de finalização.

Talvez por saber da realidade do espaço, que não encontraria *vida*, tenha sido mais fácil problematizar o que vi e anotar minhas inquietudes ainda no momento da visitação. Confesso que não foi uma visita fácil, ainda que rica de novos saberes e conhecimentos, foi triste. Lembro de ter anotado no meu diário de campo, *quando o feitiço acaba é normal sentir um gosto amargo?* A realidade financeira da Rede Metodista, mantenedora da escola, afetou também o Museu. Quando fui conhecê-lo, sua rotina diária já era permanecer fechado, sendo aberto apenas para atividades específicas solicitadas pelos professores. Impossível ficar indiferente, ver um lugar tão potente, tão imponente, rico de memórias, transbordando gestos e quereres, ser engolido por problemas financeiros da instituição. Isso *fez berrar em minha face*, mais uma vez, a fragilidade destes espaços. Será que depois de tantas décadas guardando memórias, seu destino é ir da posição de lugar consagrado para um lugar esquecido?

Por último, mas não menos importante, me desloquei até São Leopoldo, município próximo a Porto Alegre, para conhecer o Colégio Sinodal e seu Museu. Ao chegar na rua da escola e tomar conhecimento presencial do tamanho dela, fiquei em choque, confesso que o site não nos dá a dimensão real do colégio. Encontrei um Museu de três pisos construído em duas casas geminadas, da década de 1930, divididas em 19 salas temáticas para acolher o seu acervo. Fiz uma visita guiada, recheada de memórias que cruzaram o colégio desde sua fundação, passando pela construção do museu e nos trazendo de volta

para os dias atuais pós pandemia. A visita estava marcada para durar 2 horas, contudo, acabei ficando a manhã inteira, observando, ouvindo, fotografando. Pouco antes de me despedir, ganhei dois livros memorialísticos sobre as datas comemorativas da escola e a origem de sua fundação. Me despedi com um *até breve*, torcendo para encontrar as mesmas pessoas, cada uma, com suas particularidades e com sorte semelhanças.

As entrevistas aconteceram de maneira individual, duas delas presenciais e duas delas online, por videoconferência por motivo de saúde ou agenda lotada, mas todas tiveram mais de duas horas de duração. Enviei as perguntas junto com o convite da entrevista e percebi que as entrevistadas estavam mais tranquilas e seguras pois já sabiam de que maneira nossa conversa transcorreria. Mesmo com as perguntas, decidi em alguns momentos apenas deixar que elas falassem, e, quando achava pertinente fazer um link com a entrevista, complementava inserindo um questionamento ou dois.

Ao longo do desenvolvimento da pesquisa, realizei ao menos três encontros com cada uma das entrevistadas – as responsáveis técnicas dos lugares de memória, além de trocas de e-mails e mensagens de texto, momentos estes em que conversamos informalmente e também realizamos as entrevistas. Durante as visitas às escolas, foi possível construir uma observação crítica do espaço, do acervo exposto, das intencionalidades do local e da responsável nas suas rotinas, busquei, em cada visita inquirir, indagar, problematizar, tentar olhar por outro ângulo para absorver o maior número de informações.

Para finalizar, gostaria de trazer mais duas informações para complementar esses alicerces metodológicos: primeiro ponto, mesmo tendo realizado uma análise documental, pouco convencional por entender que os documentos desta pesquisa são os lugares de memória e não apenas os documentos contidos em suas paredes, destaquei algumas “instruções” que me valeram de “dispositivo de ameaça” ao longo da escrita. Segundo Cellard (2008, p. 305), “deve-se desconfiar de uma análise que se baseia numa pesquisa pobre, na qual o pesquisador só considera alguns elementos de contexto e uma documentação limitada, visando formular explicações sociais.”

Ao analisar os espaços, os acervos, o que disseram as entrevistadas, e até mesmo as produções acadêmicas existentes, me ative ao fato de tentar recolher sempre o maior número de informações disponíveis de distintas fontes, conferindo se o que me diziam ia ao encontro do que as narradoras falaram. Para Bacellar (2008), a perseverança é arma básica do pesquisador em arquivos, para descobrir documentos, para pesquisar por

semanas, meses ou até anos, praticando a leitura cuidadosa e a transcrição das informações encontradas, por este motivo que realizei mais de uma visita a cada local.

O segundo ponto que entendo ser indispensável discutir nesses alicerces metodológicos, ainda que elas sejam trazidas novamente no capítulo de análise e resultados, são as categorias escolhidas para analisar as entrevistas com as responsáveis pelos lugares de memória:

- ✓ Memoriais e museus escolares: enquanto espaços físicos;
- ✓ Dimensões e usos dos lugares de memória;
- ✓ Seriam elas guardiãs de memória?

Nestas três categorias, entendo ter sido possível analisar os lugares de memória escolares a partir de seus gestos e querer e o papel de suas responsáveis. Destaco semelhanças, respeitando e elencando singularidades, além de construir comparativos e questionamentos. Enfatizo que as problematizações vindas do estranhamento necessário citado por Lispector no início deste percurso metodológico, foram criticadas para que as informações presentes nesta pesquisa proporcionassem ao leitor um panorama correto e coerente, não a minha opinião composta de parcialidades e predileções, inerentes aos seres humanos, sobre as escolas e os lugares de guardar suas memórias.

Na escrita deste primeiro capítulo, penso ter explicado o percurso da pesquisa, bem como as motivações que me conduziram ao Curso de Mestrado em Educação. Ao dar por finalizado este momento de construção dos alicerces epistemológicos e metodológicos, acredito ter conseguido estruturar uma teia bem amarrada de conceitos que se intercalam e complementam, todos ancorados no Tempo Presente. Este tempo que nos instiga a guardar memórias, a produzir memórias. É neste momento que os lugares de memória emergem como uma solução viável e necessária para que a memória possa existir.

No segundo capítulo, passearemos pelas histórias das instituições e a criação dos seus lugares de memória, traçando dentro do possível uma ordem cronológica de acontecimentos que possam ter levado a escola até os dias atuais, na tentativa de justificar suas escolhas. Já o terceiro capítulo foi destinado para analisar os pontos centrais desta pesquisa os museus e memoriais das instituições escolares selecionadas, através dos olhares das responsáveis técnicas, procurando compreender suas semelhanças e analisando suas diferenças dentro do possível; classificando os usos do lugar através das dimensões de contemplação, ensino e pesquisa e por fim, mas não menos importante,

conhecer as pessoas responsáveis por eles, com vistas a buscar melhor compreender sua relação com as instituições e com os processos de preservação da memória. Seriam elas guardiãs da memória?

2 FARROUPILHA, BOM CONSELHO, AMERICANO E SINODAL: alguns elementos para pensar as trajetórias das instituições e de seus lugares de memória

Organismos vivos, as instituições educativas como os grupos sociais e como as pessoas [...], pensam, tomam decisões analisando o presente na sua complexidade [...], perspectivando o futuro e inquirindo, fazendo balanço, atualizando o seu próprio passado (MAGALHÃES, 2004, p. 71).

Entendo que as instituições deveriam ser como na descrição desta epígrafe, vivas. Penso que até sejam, contudo, questiono se existe instituição escolar que consiga contemplar todos, ou quase todos, os processos na organização de patrimônio educativo, transportando para um lugar as escolhas do que deve ser memorável. Apresento, no decorrer deste capítulo, as instituições escolhidas que serão analisadas a fim de relacioná-las com seus lugares de memória.

Tendo em vista que a pesquisa busca identificar e compreender a “vontade de memória” (NORA, 1993; VIDAL E PAULILO, 2020) de quatro lugares de memórias escolares, é importante trazer ao texto aspectos históricos dessas escolas. Na busca por indícios e contextualização em torno da construção dos espaços de memória, notei a necessidade de trazer *pedaços da história* das instituições, procurando encontrar nos percursos trilhados pelas instituições, quem sabe, os pontos de partida de seus quereres de preservar. Portanto, antes de falarmos dos lugares de memória dos Colégios Farroupilha, Bom Conselho, Americano e Sinodal, é preciso que nos aproximemos deles, enquanto escolas, enquanto comunidades, considerando aonde se localizam, as condições que permitiram sua constituição, além de levantar o que representam em sua comunidade.

Segundo Grimaldi (2016), o aumento demográfico, oportunidades de terrenos mais baratos em loteamentos em zonas mais afastadas que iriam se valorizar; aumento da violência nos grandes centros urbanos fez com que as escolas começassem a migrar para fora do centro histórico. Com esta mudança temos também o deslocamento da elite porto-alegrense para outros espaços, este movimento poderá ser percebido na escrita sobre as escolas mais adiante. Percebo que este deslocamento não aconteceu apenas na cidade de Porto Alegre, enxergo o mesmo quanto a escolha do terreno para a construção do colégio Sinodal, localizado em São Leopoldo. A compra do terreno se fez em bairro nobre, não no centro, mas próximo, com excelente metragem, bem arborizado e com possibilidade de expansão.

Desta forma, pensando no percurso destas escolas, partimos para mais um conceito, instituições escolares. É possível perceber que todos os conceitos desta pesquisa, se entrelaçam, patrimônio, memória, cultura escolar, estão relacionados com as instituições escolares e, a partir dessas conexões, temos a construção de suas identidades. De acordo com Escolano Benito (2017, p. 202), “a escola foi uma das instituições culturais de maior impacto no mundo moderno. [...] lugar essencial no desenvolvimento de nossa própria identidade e um espaço de cultura [...]”. Entendo que a escola é celeiro de cultura, e que os movimentos que ocorrem nas relações e aprendizagens dentro da escola somam tanto na construção de nossa identidade como na identidade coletiva.

Somos resultado das interações que vivenciamos e, mesmo que não tenhamos consciência ou percepção para tal, é muitas vezes na escola que aprendemos o que é certo e o que é errado; o que pode e o que não pode ser dito ou feito; é na escola que construímos amizades, aprendemos a ser seres pensantes e independentes, dimensão civilizatória da escola como invenção da modernidade. Precisamos entender o todo – a escola, sua história, suas vontades e intenções para então entender seus lugares e os responsáveis que fazem dele um local vivo. Essa postura parece o mais acertado. Segundo Magalhães (2004), nos diz as instituições trocam cultura (a cultura escolar), sem esquecer de produzir suas próprias culturas, e são estas que oportunizarão para essas instituições educativas uma identidade histórica. É importante discutir quando, como e por que cada uma das instituições, em um determinado ponto de sua trajetória, entendeu que era importante preservar sua memória.

Por fim, para a construção deste capítulo, busquei em publicações acadêmicas, notícias de jornais, livros memorialísticos, além das informações disponibilizadas pelas próprias instituições dentro de seus sites e documentos, procurando reunir dados relevantes para a construção dos textos sobre os percursos de cada uma destas escolas e de seus lugares de memória. Para analisar os livros memorialísticos, procurei exercer o rigor crítico, proposto por Cellard (2008), considerando a recorrência de um discurso edificante nesse tipo de produção. Dentre os referenciais acadêmicos, encontrei estudos sobre as escolas e seus entornos nas publicações, por exemplo, de Grimaldi (2016), Bastos; Jacques e Almeida (2013) volume I e II, Grazziotin (2015), Santos (2016), Lima (2014), Almeida (2013), Witt (2013), entre outros.

2.1 Colégio Farroupilha

O Colégio Farroupilha, como conhecemos hoje, localizado em um espaço amplo e bem estruturado na cidade Porto Alegre, teve, em seu passado, outros formatos. Com a forte presença de imigrantes alemães em Porto Alegre, a própria comunidade sentiu a necessidade de criar, em 1858, a Associação Beneficente Educacional (ABE), visando auxiliar esses alemães e seus descendentes na busca por empregos, acesso à escola e à saúde, enfim auxiliá-los a terem melhores condições em Porto Alegre.

A Associação Beneficente e Educacional (ABE), mantenedora do colégio, é uma entidade filantrópica e de utilidade pública (JACQUES, 2013). Segundo autora, surgiu em 1858 com o nome de *Deutscher Hilfsverein*, que significa Sociedade Beneficente Alemã, seu objetivo era dar amparo, assistência social, colocação de empregos e orientação profissional para imigrantes alemães e seus descendentes. Vale lembrar que outra obra importante para o desenvolvimento e proteção da comunidade alemã bem como, da sociedade porto-alegrense como um todo, foi a criação do hospital Alemão em 1914, atualmente Hospital Moinhos de Vento, segundo dados no site do colégio Farroupilha (2019).

Nessa perspectiva, a ABE entendeu a necessidade de fundar uma escola para filhos dessa burguesia alemã de Porto Alegre, em 1886, quando alugaram salas na Comunidade Evangélica na Rua Senhor dos Passos. Nove anos depois com sede própria, aonde hoje se localiza o Hotel Plaza São Rafael, na rua Alberto Bins em Porto Alegre/RS, foi inaugurado então o edifício que, anos mais tarde, seria conhecido como o Velho Casarão (1895). O colégio permaneceu neste endereço por 67 anos até ser transferido para a sede atual.

Percebi que as escolas de Porto Alegre foram fundadas no centro histórico, tendo em vista que a cidade tinha seu eixo central nessa região e imediações. E, conforme os colégios foram se deslocando para outras regiões, suas comunidades os acompanharam. Trago uma citação de Bressan (2013, p. 47) “continuava a demarcar espaços, pois, segundo a estrutura econômica local, aqueles que possuíam melhores condições financeiras continuavam a residir nos espaços onde a dinâmica cultural, social e econômica da cidade ocorria.”, sobre estudos realizados em São Paulo sobre escolarização e urbanização. O autor constata que além das escolas surgirem nos bairros mais movimentados eram as classes elitizadas que nele residiam. Grimaldi (2016), de

posse deste estudo e ao compará-lo com a cidade de Porto Alegre, tem a nos dizer que: “o mesmo pode-se concluir para determinadas partes da região central de Porto Alegre, habitadas pela elite local, no final do século XIX e no início do século XX. Nos anos que se seguiram, nesses locais surgiram as primeiras escolas particulares” (GRIMALDI, 2016, p. 59).

Quanto às mudanças de prédios ao longo da trajetória da escola, sabemos através de Grimaldi (2016), que essas transferências de localidade foram resultado de acontecimentos sociais (aumento populacional, aumento da violência nos centros urbanos, deslocamento para áreas periféricas). O autor entrevistou ex-alunos dos espaços analisados, em sua dissertação, e dentre eles estão os ex-alunos do colégio Farroupilha, e um dos pontos que me chamou atenção, foi a entrevista da ex-aluna Ana. Ela relata ao autor que entre ser aluna, ajudante do Jardim de Infância e secretaria escolar, “habitou o espaço escolar” (p. 51), que via a mudança para o bairro Três Figueiras como uma possibilidade de expansão tanto da escola ter um espaço próprio, mas também ser capaz de oferecer diversas atividades.

Grimaldi (2016), nos elucida que ao tratar prédios e espaços escolares a partir de uma perspectiva que os relaciona com o espaço urbano da cidade é possível perceber que ambos estão em constante transformação. Ainda conforme autor, “em uma cidade, não só a arquitetura deixa marcas, mas seu traçado urbano e suas constantes transformações de ordem estrutural.”. A comunidade escolar residia perto dos arredores do colégio, no entorno do Centro Histórico, Bairros Floresta e Moinhos de Vento. E conforme a escola migrou para outra região da cidade, no bairro Três Figueiras, observa-se um deslocamento da comunidade, que segue a escola, influenciando diretamente a urbanização da cidade.

Figura 1: “Velho Casarão” – como era conhecido o Colégio Farroupilha.



Fonte: Site do Memorial do Colégio Farroupilha

O Velho Casarão foi construído pela mantenedora em 1895, foi a sede da escola manteve-se até 1961, o projeto do Casarão foi idealizado pelos Irmãos Fick, possuía nos fundos da escola um prédio anexo (GRIMALDI, 2016). Inicialmente, a escola atendia apenas meninos, mas, em 1904, a Associação, em conjunto com a direção, notou a necessidade de se abrir turmas femininas. Passaram, desta maneira, a sublocar novamente as salas em que outrora havia sido o início desta escola, para abrigar turmas de meninas (JACQUES, 2013). Embora o objetivo principal fosse de transformá-las em boas filhas e boas esposas, o resultado destes esforços foi além do pouco valor que se dava às mulheres neste período.

Outro marco que entrou para os fatos marcantes da história desta instituição e também desta cidade, foi a união física das duas escolas, não em questão de união de prédios mas de administração, pois tinham uma escola para meninos e outra para meninas, para assim economizar fundos, tornando-se a primeira escola privada, de Porto Alegre, a misturar meninos e meninas em uma mesma sala, em 1929, de acordo com Jacques (2013). Na sequência, neste mesmo ano, para organizar este novo momento, passou a existir o uniforme na escola, as cores eram utilizadas conforme as turmas, criando assim uma identidade cultural, a escola até este momento não possuía nem uniformes nem nada

que pudesse indicar pertencimento do corpo discente à instituição, uma identidade (TELLES, 2012).

Durante o período do Estado Novo, havia um forte discurso nacionalista, o Farroupilha, como tantas outras escolas de origem étnica alemãs, sofreu proibição de lecionar suas aulas em Alemão; as associações alemãs só podiam realizar reuniões com autorização e licença da polícia (JACQUES, 2013). Para que não houvesse represálias, a escola se adaptou, aceitando as imposições, desta maneira o governo seguia enviando apoio para seu funcionamento.

Segundo Grimaldi e Almeida (2013), os artigos produzidos no Das Band - jornal escolar, evidenciavam quais eram os valores morais vigentes na sociedade brasileira. Conforme autores, a escola se enquadrava ao solicitado pelo governo, pois estava nacionalizando o ensino. O governo queria mostrar que seguia incentivando a existência do colégio para os estudos dos jovens e sua elevação cultural. Em 1949, o então diretor encaminhou para o Ministério da Educação e Saúde pedido para concessão do curso colegial. Portanto, o sonho se tornava realidade: o ginásio se transformava em colégio, com três ciclos (JACQUES, 2013), jardim, ginásio e colegial podendo ser cursados em um só lugar. Os alunos não precisariam mais sair para outros estabelecimentos para completarem seus estudos.

Em 1962, o Colégio se muda para o endereço atual, a construção do colégio levou quase quatro anos, o planejamento previa três prédios para o curso primário, ginásio e colegial além dos serviços de administração escolar (JACQUES, 2013). Agora os filhos da classe abastada porto-alegrense, poderiam começar seus estudos e encerrar na mesma escola.

Na década de 1970, a escola criou o espaço para Jardim de Infância, para receber crianças em idade pré-escolar. A Associação adquiriu terreno em Viamão – cidade vizinha de Porto Alegre onde construiu sua Sede Campestre, local que existe até hoje e que ainda recebe a comunidade escolar e seus projetos em prol do meio ambiente. Já na década de 1990, os alunos puderam fazer intercâmbio nas férias de julho monitorados por educadores em instituições parceiras que oportunizavam novas experiências e vivências para os jovens. Nesta década temos também a construção do berçário e do maternal, desta forma a escola aceita crianças a partir dos 4 meses de idade.

No ano de 2002, tem-se a criação do espaço de memória, conhecido naquela época como “Memorial do *Deutscher Hilfsverein*” ao Colégio Farroupilha. De acordo com,

Jacques (2013), “em 2002, nasceu da necessidade de se contar e preservar a história da instituição, sua comunidade, bem como, da História da Educação em Porto Alegre.” (p. 58).

Figura 2: Vista do Colégio Farroupilha 1962.



Fonte: Acervo Memorial do Colégio Farroupilha⁹

Figura 3: Vista do Colégio Farroupilha 2022.



Fonte: Site do Colégio Farroupilha¹⁰

⁹ Imagem disponível no site do Memorial do Farroupilha <https://sites.google.com/alunos.colegiofarroupilha.com.br/memorialcolegiofarroupilha/p%C3%A1gina-inicial>

¹⁰ Imagem disponível no site da escola <https://www.farroupilha.g12.br/novo/>

Nessas imagens, conseguimos enxergar as mudanças estruturais que a escola sofreu ao longo desses anos, na primeira foto temos o colégio em 1962, recém construído, o bairro em torno da escola ainda não existia. Em contrapartida, na segunda foto, do tempo presente, a estrutura arquitetônica do colégio é monumental, prédios modernos equipados com tecnologia interativa, localizada em dois quarteirões, lembrou-me muito aqueles espaços monumentais, vários prédios, terreno bem arborizado, hoje a escola é palco de obra de arte contemporânea em homenagem ao poeta Mário Quintana.¹¹

Início a escrita sobre este Memorial lembrando que a ideia de construção do espaço foi da responsável Alice Jacques, contudo não foi ela que desencadeou os primeiros movimentos de guarda dos acervos. A professora Lia Mostardeiro¹², após 50 anos lecionando nesta escola como alfabetizadora, foi convidada a iniciar o recolhimento e organização do acervo existente tanto da escola como os da Associação Beneficente Educacional, mantenedora da instituição. A partir deste processo, Alice Jacques assume a frente deste projeto e como uma *formiguinha* foi reunindo e escolhendo o que guardar e o que descartar, começou-se a estruturar o que viria a ser, pouco tempo depois, o Memorial que existe hoje.

Em 2022, o Memorial, ao comemorar 20 anos de existência, passou a ser chamado de Memorial do Colégio Farroupilha, e teve seu logo atualizado. Antes a representação do logo do espaço era uma máquina de escrever. Agora o logo do espaço é a representação gráfica de um arabesco. Arabesco este da estrutura arquitetônica do primeiro prédio da escola, o Velho Casarão.

11 Reportagem sobre a obra de arte pintada na parede do prédio do colégio Farroupilha. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/noticia/2019/01/kobra-pinta-mario-quintana-em-sua-primeira-obra-em-porto-alegre-cjqzjm69013601pka30cahsn.html>

12 Para maiores informações sobre a trajetória da professora Lia Mostardeiro no Colégio Farroupilha, ver ALMEIDA, Dóris Bittencourt, 2013

Figura 4: Muitas Faces de um Arabesco: do Velho Casarão ao Colégio Farroupilha, um símbolo do Memorial



Fonte: Compilado de imagens organizado pela autora

Um destes arabescos originais foi encontrado e doado para a instituição, reformado e agora pode ser visto na parede do prédio administrativo ao lado do letreiro com o nome do colégio.

O Memorial está integrado às tecnologias, possui site próprio e perfis nas redes sociais na internet, onde são postados conteúdos sobre o acervo, as atividades e oficinas realizadas com os estudantes da escola, bem como demais visitantes. Aviso ao leitor que no próximo capítulo haverá uma análise mais profunda deste lugar de guarda, por ora finalizo esta escola e seu espaço para dar sequência nos percursos históricos dos demais colégios.

2.2 Colégio Bom Conselho

Entendo que, para que possamos honrar o trabalho prestado por uma instituição educativa é preciso que, dentro do possível, e a memória permitir, juntemos os fragmentos de memórias existentes para então ser possível conhecer um pouco de seu passado, bem lá do seu início. A escola particular em questão, o Colégio Bom Conselho, foi fundada em 1905, pela ordem religiosa das Irmãs Franciscanas da Penitência e Caridade Cristã. Entretanto, esse movimento educacional data de 1900, quando três Irmãs da ordem deslocavam-se do centro da cidade, da escola Nossa Senhora dos Anjos, na rua do Rosário, hoje, rua Vigário José Inácio, para atender as crianças, em uma casa alugada, do bairro Moinhos de Vento, a “Escolinha do Bairro Moinhos de Vento, como era conhecida (WITT, 2013). Existem artefatos compondo o acervo do Centro Histórico Cultural Santa Casa¹³, que contam um pouco das memórias destas freiras enquanto elas faziam esse movimento de ir e vir do Centro Histórico para o Moinhos de Vento.

Quando este espaço se tornou pequeno, a então Superiora Geral Madre Ludmila Birckmann, comprou um terreno, no próprio bairro Moinhos de Vento. Neste terreno, planejou-se a construção da escola, de uma casa para as aulas e também a moradia das Irmãs. E, no ano de 1905, tem-se a inauguração do prédio educacional e a moradia das Irmãs, possibilitando assim a instauração da comunidade religiosa. A primeira missa celebrada ocorreu em 21 de junho daquele ano, em capela provisória.

Desde sua fundação, a escola possuía regime de internato apenas para as meninas vindas de diferentes regiões do Rio Grande do Sul, até mesmo de outros estados. O

¹³ Site do Centro Cultural <https://www.chcsantacasa.org.br/>

internato funcionou de sua inauguração, em 1905, até o ano de 1960 e, conforme o número de internas aumentava, a construção do espaço físico também ia sendo ampliada¹⁴. Hoje, o colégio conta com mais de cinco prédios para suas atividades escolares, uma vez que não existe mais internato e tampouco a moradia das Irmãs. Atualmente, moram em um apartamento próximo ao Colégio de onde se deslocam diariamente para trabalhar na escola.

Figura 5: Primeiro prédio do Colégio Nossa Senhora do Bom Conselho.



Fonte: Acervo do Memorial do Colégio Bom Conselho

O colégio fica localizado na Rua Ramiro Barcelos, nº 996, no bairro Moinhos de Vento, região aonde vive parte da elite econômica de Porto Alegre, desde as primeiras décadas do século XX, sobretudo famílias de origem alemã. Ao lado, encontra-se o Hospital Moinhos de Vento, também fundado por alemães, conforme explicado anteriormente. A construção atual é monumental, quem olha pelo lado de fora, na calçada, não imagina que a grandiosidade vista na edificação principal e muros se estenda aos demais prédios da escola no pátio interno. A imagem a seguir pode dar um pouco de noção do que falo agora.

14 Bom Conselho, s/d, doc. Eletrônico.

Figura 6: Colégio Nossa Senhora do Bom Conselho – hoje



Fonte: Guia do bairro Moinhos de Vento¹⁵

Ao olharmos o colégio de cima, a primeira impressão que temos é de estarmos contemplando uma construção de algum *palácio* antigo com reformas e pinturas renovadas. As paredes são altas, existem janelas que vão do chão ao teto, uma torre com relógio, imagino que deva ser essa a sensação ao percorrermos os corredores das salas de aulas – de estarmos andando por corredores de um clássico castelo europeu. Ao mesmo tempo que a arquitetura nos convida para passear, conhecer, investigar, as grades nas janelas, as cortinas, nos repelem para que não ultrapassemos a linha distante entre um observador e seu objeto de contemplação. Essa dualidade remete a algo como: entre

¹⁵ Guia online sobre o bairro Moinhos de Vento, bairro nobre da capital. Site: <https://moinhosmais.com.br/colégio-bom-conselho/>

observe, pergunte, mas mantenha-se distante me instiga a descobrir por qual motivo a escola preserva esse *jogo de gato e rato*.

Em sua narrativa, Irmã Carla, explica que a escola segue os princípios franciscanos, e tem como proposta pedagógica a construção e formação de pessoas comprometidas e críticas preocupadas com a transformação da sociedade, visando deixá-la mais humana. O *palácio localizado nos terrenos altos* do bairro Moinhos de Vento, possui 25 mil m² de área construída, a Irmã deixou claro que a escola quer ser mais do que um prédio exuberante, que busca ser uma unidade com alunos, familiares e professores. Em sua entrevista, comentou que acontecem passeios de observação na escola, através de visitas aos pontos referências para as novas famílias matriculadas. Uma espécie de tour, o Memorial, por óbvio, faz parte desta rota. Segundo Irmã Carla, a intenção é através do acervo e da linha cronológica exposta nas paredes mostrar aos novos integrantes que este Colégio tem memórias. Que existem diretrizes, valores a serem seguidos, e que a escola tem nome e um passado do qual se orgulhar.

O Memorial do Colégio Bom Conselho começou a ser planejado em 2010 e foi inaugurado em 2013. Desde então, não possui um site institucional específico, mas utiliza-se do perfil da escola nas redes sociais e lá, apresenta o slogan, “Dedicados à educação desde 1905”. Nesta época a diretora da escola e também responsável pelo Memorial era a Irmã Mônica Azevedo. Segundo Irmã Mônica (2013), para acesso à documentação do acervo há como mecanismo de consulta o livro tombo, e a origem de seu material deriva da guarda voluntária, dos acontecimentos, por parte das freiras.

De acordo com Witt (2013), Irmã Mônica entende que, para a escola, a memória não deve e não é só pensada no passado, é também pensada pelo presente e futuro. As ações que plantamos agora dão frutos também no hoje. Foi durante sua gestão que a ideia de memorial toma forma, e efetivamente, sai do papel. O espaço é construído a partir de assessoria e curadoria de museóloga contratada para este propósito, a escola busca orientação técnica competente para aproveitamento ao máximo das orientações que deveriam ser seguidas. Atualmente, o espaço ainda segue organização original de quando foi pensado.

2.3 Colégio Americano

Para descrever esta terceira instituição, é preciso explicar alguns fatos primeiros. Fundado em 1885, o Colégio Americano, inicialmente, foi denominado como Colégio Evangélico Misto nº1 e a primeira sede da escola ficava em um prédio alugado no centro histórico de Porto Alegre, na Rua Doutor Flores. O fundador desta instituição, Reverendo João Correa, veio para esta capital, com sua família, e enviado pela Igreja Metodista de Montevideo, seu objetivo era abrir espaço missionário nesta comunidade além de, realizar uma obra educacional, conforme Witt (2013).

Figura 7: Fachada do Colégio Americano, em 1921.



Fonte: Autora - Foto da imagem exposta no Museu do Colégio Americano

Segundo Grimaldi (2016), esta foto seria do Prédio do Colégio Americano, na Av. Independência, entre as décadas de 1920 a 1940. Antes disso, foi uma residência e, depois, adaptada para ser uma escola. Nos fundos deste prédio que enxergamos na foto, construíram um anexo para a realização das atividades escolares, e esse edifício era conhecido como Ipyranga. Em 1921, o colégio foi transferido para um edifício próprio da

igreja, localizado na Avenida Independência, conforme a imagem anterior. Apenas em 1945 que a instituição transferiu-se para seu endereço atual, em um terreno comprado pela Divisão das Mulheres da Igreja Metodista dos Estados Unidos.

Figura 8: Fachada atual do Colégio Americano, em 2022.



Fonte: Autora

A título de curiosidade, mas também para mostrar a relevância desta escola no campo da História da Educação, gostaria de dividir três fatos pitorescos: primeiro, este colégio é a instituição de ensino privada mais antiga¹⁶ da capital sul-rio-grandense ainda em funcionamento, já o colégio Farroupilha é fundado um ano depois em 1886 como mencionado no percurso histórico da escola; segunda curiosidade: mesmo fazendo parte de uma comunidade religiosa e tendo sido fundado em um período onde a maioria das mulheres ficava em casa (cuidando do lar e filhos, ou quando muito tinham profissões bem específicas, como professora, enfermeira), o colégio foi dirigido por mais mulheres

16 Informação divulgada pelo jornal Zero Hora, em notícia vinculada no site, no dia 23/10/2015, escrito pela jornalista Juliana Forner. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/educacao-e-emprego/noticia/2015/10/colégio-americano-comemora-130-anos-4885890.html>

que homens, existe no Museu uma sala que recria a antiga sala da direção da escola onde constam na parede as fotografias de todos os antigos diretores e o que se pode observar é mais de 2/3 de rostos femininos neste.

Terceiro fato, a primeira diretora desta escola, entre 1885 a 1889, enquanto ainda recebia o nome de Colégio Evangélico Misto nº1, chamava-se Carmen Chacon, uma professora jovem, uruguaia, trazida pelo Reverendo para cuidar de seus filhos e ser responsável educacional da instituição por ela fundada. Segundo Almeida (2013), o bispo João Corrêa era o diretor, e atendendo aos pedidos, Carmem era a professora. No ano seguinte, a instituição foi desdobrada em Colégio Evangélico Misto n. 1, 2e 3. Essas são as informações mais remotas que se tem da origem do colégio Americano. Mas afinal o que falavam em outras décadas a frente Carmem Chacon? Segundo Almeida (2013, p. 272), “[...] Em toda as narrativas analisadas há um tom de sacralidade à jovem professora. Sua breve trajetória de missionária e fundadora do colégio marcou a história da instituição”.

Ao visitar o Museu podemos perceber entre o acervo, objetos que lembrem a existência desta mulher tão importante para a escola, existem fotografias, quadros, lugar de destaque na exposição para que os visitantes conheçam um pouco de sua trajetória, memórias que parecem ser importantes para a identidade dessa comunidade e que foram postas e expostas neste lugar de guarda na tentativa de protege-las do esquecimento natural do tempo.

[...] A escola elegeu como ícone de suas memórias uma mulher, professora, estrangeira, que faleceu precocemente, dedicando-se integralmente à obra missionária e educativa. Uma de suas frases, publicada no Crisol de novembro de 1960, é “Combati o bom combate, acabei a carreira, guardei a fé”. (ALMEIDA, 2013, p. 272).

Com o falecimento prematuro da primeira diretora e professora, em 1889, a escola ficou sob a responsabilidade da Divisão de Mulheres da Igreja Episcopal do Sul, dos Estados Unidos (EUA). (WITT, 2013). Neste momento a instituição, já conhecida popularmente, como colégio das Americanas, passa a ser chamada de Colégio Americano, voltado apenas para meninas.

Conforme mencionei no início deste texto, três décadas após sua fundação, em 1921, o colégio ganhou nova estrutura predial, passando a ocupar uma sede própria, próximo ao Colégio Rosário, na Avenida Independência, bairro próximo ao centro da

cidade, bairro elitizado, e, naquele mesmo ano, as alunas criaram o grêmio estudantil Rui Barbosa – GERB, reconhecido também como o mais antigo grêmio estudantil ainda em funcionamento. Em 1926, quando a Divisão de Mulheres adquiriu um terreno no bairro Rio Branco, foi construída a sede definitiva existente e atuante até os dias atuais, na rua Dr. Lauro de Oliveira, 71, em Porto Alegre/RS. Ainda segundo autor, “no caso do Colégio Americano, a escola e o bairro se desenvolveram juntos, de acordo com as migrações populacionais da época” (GRIMALDI, 2016, p. 76).

O colégio teve sua construção concluída em 1945 quando deu início às suas turmas. Havia autorização para os cursos clássico, científico e economia do lar. Foi reconhecido como primeira instituição escolar a criar o curso de Secretariado no Brasil, em 1952. A construção imponente lembra aquelas casas antigas de fazendas, janelas altas, portas quase até o teto e largas. Acredito que essas construções sejam planejadas exatamente para causar esse sentimento de surpresa, de admiração, terreno amplo com mais de um prédio para as atividades acadêmicas, bem arborizado, com espaço para esportes e uma antiga casa de moradia religiosa que, desde 1994, desenvolve atividades museológicas.

A década de 1970 foi bem movimentada para o colégio, houve a mudança de mantenedora com a criação do Instituto Metodista de Educação e Cultura (IMEC) que, mais tarde, também administraria a Faculdade. Criaram-se algumas turmas mistas em 1974 do 1º grau de ensino e em 1977 todas as turmas existentes no colégio Americano passariam a ser mistas. Outro aspecto importante a destacar é a existência do internato feminino, que esteve em funcionamento entre as décadas de 1920 e 1990. Várias materialidades do internato foram reunidas para a construção do museu.¹⁷

Como dito há pouco, no ano de 1994, foi fundado o Museu Histórico Bispo Isac Aço, com o objetivo de preservar a memória da instituição e de sua comunidade. Em 2004, após a migração de todas as séries do primeiro e segundo grau do Instituto Porto Alegre - IPA¹⁸ para o Americano, tem-se a divisão de ensino, ficando o IPA apenas com os cursos de graduação, passando a ser chamado de Centro Universitário Metodista -IPA,

17 METODISTA DO SUL, s/d, doc. Eletrônico).

18 O IPA, de acordo com o antigo Reitor Edni Schroeder (1982), começou a ser estruturado durante a 3ª conferência anual sul brasileira da Igreja Metodista Episcopal do Sul, em 1919. [...] os novos educandários se identificavam com as camadas mais favorecidas economicamente e estavam voltados, inicialmente, para os rapazes das famílias ligadas à Igreja Metodista. (LIMA, 2014, p. 15).

em 2005 temos a inserção dos dois estabelecimentos na Rede Metodista de Educação do Sul.

Atualmente, o colégio passa por uma situação financeira difícil, especulou-se na sociedade a possibilidade de que a falência fosse decretada, entretanto, o grupo Metodista ganhou, judicialmente, no final de 2022 a oportunidade de aplicar um plano de recuperação. Os mais de dez mil credores somam aproximadamente, R\$ 576.000.000,00 (quinhentos e setenta e seis milhões de reais), com a homologação do plano de recuperação da dívida, está autorizado a venda de imóveis para que o montante necessário seja arrecadado.¹⁹

Infelizmente, a situação financeira da Rede Metodista refletiu tanto no IPA como também no colégio Americano e em todos os setores inclusive diretamente no Museu Bispo Isac Aço. Desde o início da pesquisa, em 2022, o espaço vinha sendo mantido fechado para comunidade externa e a partir do meio do ano de 2023 fechado até para a comunidade interna. Em 2023, a partir do segundo semestre, o IPA encerrou oficialmente seu funcionamento, a Universidade se responsabilizou em concluir o ano letivo apenas dos estudantes que estavam na reta final para receberem seus diplomas de nível superior. Os demais alunos foram instruídos a procurarem outras universidades para concluir seus estudos.

O Museu Metodista de Educação Bispo Isac Aço (MMEBI), foi fundado em 1994 e o nome dado foi em homenagem ao último bispo que atuou na instituição e faleceu em 1991. Sua origem data de 1931, com a constituição do Museu integrado de Ciências Naturais e História. Quando houve a separação dos dois museus, o Museu Bispo Isac Aço passou a ser responsável pelas memórias da instituição educativa, tanto das memórias da faculdade do IPA²⁰ e como do Colégio Americano, assentando, desta maneira, suas raízes na casa onde moravam os bispos. O espaço não possui site próprio nem interação nas redes sociais.

19 Reportagem de ZH, datada de dezembro de 2022. Disponível: [Com "ok" para reestruturação, dono do IPA e do Americano venderá parte de emblemático imóvel de Porto Alegre | GZH \(clicrbs.com.br\)](https://gzh.clicrbs.com.br/com-ok-para-reestruturacao-dono-do-ipa-e-do-americano-vendera-parte-de-emblematico-imovel-de-porto-alegre)

20 Ver capítulo 5 – história das instituições escolares, subtítulo 5.3 Colégio Americano.

2.4 Colégio Sinodal

Dentro das instituições escolhidas para esta pesquisa, este colégio é o único que se localiza em São Leopoldo, município conhecido como o berço da colonização alemã no Rio Grande do Sul. Foi nele que o Sínodo Rio-Grandense reuniu pequenas escolas de modo a melhorar as condições de estudo dos colonos, também é o único que não tem cem anos de existência. Contudo, sua mantenedora Rede Sínodo Rio-grandense²¹, além de ser uma rede religiosa atuante em sua comunidade, também exerce papel importante no âmbito da educação há mais de cem anos. A história da Rede Sínodo Rio-Grandense entrelaça-se com muitos fatos históricos importantes que aconteceram no país e no mundo. Segundo Grazziotin (2015), “o Sínodo Rio-Grandense é o precursor da atual Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil -IECLB.”.

Ainda conforme a autora, no momento de fundação estavam presentes sete pastores e sete delegados leigos, eles representavam as sete comunidades: São Leopoldo, São Sebastião do Caí, Santa Cruz do Sul, Igrejinha, Santa Maria, Dois Irmãos e Teutônia. Fundada em 1886, por descendentes de imigrantes e imigrantes alemães que seguiam a religião luterana, tinha dentro de seus objetivos manter as comunidades evangélicas luteranas em concordância com os ensinamentos da religião, além de, prezar pelo bem estar de suas comunidades (MUSSKOPF, 2011).

Destaco que tanto o Colégio Farroupilha quanto a Rede Sínodo foram fundados no mesmo ano, em 1886, por comunidades oriundas dos imigrantes e descendentes alemães. Dentre as distinções, chamo atenção desde já para a primeira delas, o Colégio Farroupilha ainda que criado por e para alemães é uma instituição laica, enquanto o Sinodal é de confissão luterana.

21 Livro sobre a história da Rede Sínodo Rio-Grandense e Colégio Sinodal de São Leopoldo em comemoração aos 75 anos de existência deste colégio. RENNER; KOHL; KUNER, 2011.

Figura 9: Foto Panorâmica do Colégio Sinodal.



Fonte: autora – Foto do quadro exposto no Museu Arnildo Hoppen

Ao olharmos essa foto panorâmica do colégio, conseguimos ter uma noção do espaço territorial em que ele está inserido, toda essa área de prédios e árvores pertence ao terreno da escola. Visualmente é a instituição mais arborizada das quatro pesquisadas. Conforme o colégio foi crescendo e o número de alunos aumentando, as construções foram sendo erguidas e aumentadas. O círculo preto na foto nos dá a localização de onde está o Museu dentro do terreno escolar, e o círculo laranja nos mostra a entrada da escola, bem ao lado do prédio de educação infantil que observado de cima parece uma criança com os braços abertos para cima.

Figura 10: Fotos de ambientes do Colégio Sinodal.





Fonte: Site do colégio Sinodal²²

As fotos disponibilizadas, no site da instituição, são das estruturas arquitetônicas da escola. Temos a fachada de um dos prédios de salas de aula; a entrada principal da escola onde até mapa de localização tem para os visitantes e por fim, a área externa da cafeteria. Mas para que o colégio se tornasse o que é hoje, referência em educação entre as escolas, (SINODAL, s/d, doc. eletrônico), eles entendiam que era necessário começar do zero, desde os primeiros anos da criança até sua saída para a universidade.

Conforme o livro comemorativo pelos 75 anos do Colégio Sinodal de São Leopoldo (MUSSKOPF, 2011), a instituição nasceu do sonho coletivo desta comunidade, de dentro e fora do estado, que entendiam a importância em se pensar e fazer educação dentro dos preceitos seguidos.²³ Inicialmente, foram as paróquias que cuidavam da

²² Site do colégio Sinodal <https://sinodal.com.br/>

²³ Oferecer uma educação que visa à construção do conhecimento, ao desenvolvimento dos valores cristãos, à consciência ético-moral; e que valoriza a abordagem do novo, a diversidade cultural, a capacidade para solucionar os desafios da vida e a formação de líderes para a promoção do bem comum. (SINODAL, s/d, doc eletrônico).

educação de suas crianças com escolas primárias, mas com o desenvolvimento da comunidade sentiu-se a necessidade de se criar escolas.

Ao longo dos anos, o Sínodo Rio-grandense²⁴ foi assumindo o controle de diferentes escolas, mas ainda faltava uma escola pensada e construída desde a sua fundação que apresentasse características específicas e necessárias para o desenvolvimento desta comunidade religiosa. É neste cenário que, em 1935, no 42º Concílio do Sínodo Rio-Grandense surgiu a proposta de construção uma escola ginásial para dar sequência à educação ensinada nas escolas primárias, tal como no colégio Farroupilha, na primeira visita, em conversa informal com a responsável pelo memorial ele informou que a intenção era oportunizar uma educação completa para que o aluno só fosse embora quando chegasse o momento de ingressar no ensino superior.

A data de fundação do Colégio Sinodal é de maio de 1936, pouco tempo antes de mudanças importantes acontecerem no nosso país, estávamos à beira de mais uma Grande Guerra, prestes a entrar na ditadura Vargas. Era o ano do Jubileu de Ouro do Sínodo Rio-Grandense e a comunidade sentia a necessidade de comemorar estes acontecimentos, temos então o evento de colocação da pedra fundamental da escola (MUSSKOPF, 2011). Estava feito, como o próprio significado de Sínodo²⁵ - por si só já explica a importância deste momento, eles estavam lançando não apenas uma pedra para a construção de um colégio, mas sim plantando sementes de um local que acolheria jovens pertencentes a comunidade luterana para dar-lhes educação e lhes preparar para que no futuro virassem adultos e membros atuantes da religião entre suas comunidades.

Diferente dos outros três colégios já analisados, o Colégio Sinodal possui apenas 87 anos de existência, único ainda a não completar seu centenário. Localizado no endereço Avenida Doutor Mário Sperb, 874 - Morro do Espelho, possui terreno amplo, com muito verde, espaços para convivência e esportes ao ar livre, prédios (casas) para conhecimentos específicos como música, informática, biblioteca, etc.

O Museu Escolar Professor Arnildo Hoppen foi criado em 1996, a partir da iniciativa e vontade de uma professora do colégio chamada Lilian Sofia Saenger,

24 Assembleia ou reuniões, das comunidades luteranas de uma determinada região que se uniram para enfrentar determinados acontecimentos. O Sínodo Rio-Grandense foi fundado em 20 de maio de 1886, hoje este sínodo está subdividido em nove sínodos menores, e é em uma escola pertencente ao Sínodo do Rio dos Sinos que farei parte da pesquisa. (Portal Luterano: [Portal Luteranos | 130 Anos de Fundação do Sínodo Riograndense](#))

25 Significa caminhar juntos.

professora de Belas Artes, que sentiu a necessidade de construir um museu para guardar as memórias do Colégio, da Rede Sinodal, bem como de sua comunidade interna.

Figura 11: Aquarela pintada do Museu, antigo internato.



Fonte: autora. Foto da obra: Pintura em aquarela – Casario, 1977 Doado Artista plástica Eclair Moelecke, exposta no Museu.

Localizado onde antigamente foi o primeiro internato dos alunos do colégio, o museu se constituiu em uma junção de duas casas geminadas de dois andares com diversos ambientes e salas. A foto anterior é de uma pintura em aquarela ofertada pela artista plástica que a produziu em comemoração aos 50 anos do colégio. Nesta representação em aquarela, conseguimos enxergar a casa de internato que foi destituída por ter ficado muito pequena para o número crescente de alunos.

De posse dos percursos históricos das escolas, bem como, dos movimentos que originaram a fundação dos espaços de guarda das memórias escolares é cabível já elencar singularidades e diferenças. Dentre as diferenças, enumero apenas uma, pois as demais serão trabalhadas no próximo capítulo: três destes colégios foram fundados por

mantenedoras religiosas e só um é laico. Dentre as semelhanças destaco que todas as escolas foram criadas por pessoas ou ordens religiosas de outros países; todas tornaram-se mistas seguindo as tendências, do país, de políticas de educação, mas em sua origem ofereciam aulas apenas para um grupo de alunos – meninos ou meninas; instituições centenárias; as pessoas que deram o primeiro passo de interesse quanto à organização e construção deste espaço foram mulheres; os colégios são para pessoas de camadas abastadas da população, pois as escolas não eram públicas; quase todas ofereciam o regime de internato acolhendo os meninos ou as meninas que vinham do interior do estado; seus acervos guardam suas memórias e de suas mantenedoras.

Encerro este capítulo do contexto histórico e seus espaços de guardar salientando o quanto é importante observar o todo sem esquecer dos detalhes miúdos sobre as memórias da escola na busca por compreender os lugares de memória construídos. No capítulo que segue analiso a partir de três categorias o espaço físico destes lugares e seu acervo; as dimensões de uso dos espaços; as responsáveis técnicas para tentar vislumbrar se elas são guardiãs de memória.

3 Os lugares de memória escolares e seus quereres

Não mais inteiramente a vida, nem mais inteiramente a morte, como as conchas na praia quando o mar se retira da memória viva (NORA, 1993, p. 13).

Ao chegar até aqui, foi possível vislumbrar os fatos marcantes dos percursos das escolas para então direcionar o olhar a seus lugares de memória, com a intenção de entender o que cada um procura nos dizer. Tal como as conchas, citadas na epígrafe, as memórias são esses fragmentos de outras temporalidades, vestígios *do que um dia foi e não é mais*, não são a reprodução exata dos fatos, tampouco são o próprio passado em nossas mãos, elas são momentos, representações do que se escolhemos guardar, ainda que essa dança incansável das ondas de ir e vir se assemelha com as tomadas de decisões do que guardar e por que guardar.

É como se cada um desses espaços, aqui tomados como objetos de estudo, sussurrasse aos ouvidos: *olhem, observem, falem sobre isso, falem de mim, vejam minha grandiosidade, se deixem enfeitiçar, essa é minha contribuição, encantem-se*. Esses lugares se colocam em evidência, expondo suas belezas, singularidades, destacando suas relevâncias e, por vezes, escondendo suas fraquezas. Mas, no final, todos têm o mesmo objetivo, *encantar!*

Para construir uma análise sólida entendo que todos os pontos de conexões e divergências entre os espaços precisam ser observados. Seguindo este pensamento, torna-se importante trazer neste momento as terminologias e significados de museu e memorial que foram adotadas pelas instituições para compor o nome destes lugares, na busca por compreender se existem diferenças entre elas ou se apenas foi uma questão de escolha. Conforme Comitê Internacional de Museus (ICOM), a definição de museu:

“uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade, que pesquisa, coleciona, conserva, interpreta e expõe patrimônio material e imaterial. Abertos ao público, acessíveis e inclusivos, os museus promovem a diversidade e a sustentabilidade. Atuam e se comunicam de forma ética, profissional e com a participação das comunidades, oferecendo experiências variadas de educação, entretenimento, reflexão e compartilhamento de conhecimento”. (ICOM, 2022)

O ICOM entende que para ser considerado museu o espaço precisa seguir algumas premissas, como não ter fins lucrativos, estar aberto ao público sem distinção ou ser acessível e inclusivo, precisam atuar oferecendo para a sociedade educação através de

experiências distintas. Além disto, depois das leituras realizadas, entendo que espera-se que nestes espaços existam equipe técnica qualificada para o exercício das atividades, que seja um espaço de pesquisa, movimento. Já o significado de memorial segundo Axt (2012), seria visto como “uma proposta de lidar com a memória sem necessariamente vinculá-la a um acervo, seja objetual, artístico, documental, imagético”. O autor ainda indica que cabe ao memorial prestar serviços à comunidade, desenvolver e ofertar espaço de reflexão sobre a instituição trabalhada, tendo como ancoragem a pesquisa histórica.

Para analisar se estes conceitos são sinônimos ou não é preciso que sejam levados em consideração alguns fatores: primeiro que existe uma distância temporal de uma década de discussões e atualização entre eles, são conceitos que ainda carecem de apreciação e discussão, por representarem locais amplos e em constante modificação; segundo que, em teoria, museu apresenta um significado mais amplo e memorial mais brando no sentido de atribuições e deveres de cada local; terceiro que de acordo com as diretrizes e leis²⁶ existentes sobre museus, espera-se que os locais que levam o nome de museu possuam diretrizes, normas; quarto motivo é o fato da realidade dos espaços escolares, em sua maioria, ser bem diferente do que é esperado e desejado nos enunciados dos termos.

O que temos nas leis é o ideal e o que as escolas possuem é o possível, o que me leva a crer que o nome escolhido é mais por opinião do que segundo o significado de seus conceitos. Em resumo, trouxe o significado de ambos a título de análise, visto que, na prática - por falta de atualização da terminologia que abrace completamente essas nomenclaturas, museu e memorial, em verdade, entendo que na prática nestas escolas seriam entendidos como sinônimos.

Ao dar por encerrada a parte conceitual desta seção, indico as categorias de análise escolhidas para esta pesquisa: O espaço físico, a ocupação, o acervo e a organização; As dimensões do lugar de memória: contemplação, ensino e pesquisa; e Quem “guarda” esses lugares? Que relação elas estabelecem com o lugar?

Nas linhas que seguem, apresento as análises realizadas em cada categoria, com intenção de responder os objetivos propostos nesta pesquisa: Observar o espaço físico atual do lugar de memória; Analisar os lugares nas dimensões de contemplação do passado, de ensino e pesquisa; Investigar a relação das pessoas responsáveis com os

²⁶ Lei 11.904, de 14 de janeiro de 2009, e regulamentado pelo Decreto nº 8.124/2013, o Estatuto de Museus possibilitou a regulamentação e o reconhecimento público dos museus em toda a sua diversidade.

lugares de memória, à luz do conceito de “guardiãs de memória” (GOMES, 1996) e Avaliar as aproximações e singularidades de cada um dos lugares, objetos de estudo da pesquisa. Pretendo, neste momento, explicar como organizei dentro de cada categoria as análises necessárias. Busco tanto nas minhas observações como nas entrevistas base para essa tarefa de construção de resultados.

3.1 O espaço dos Museus e Memoriais

Como foi possível observar no capítulo anterior, museus e memoriais escolares são lugares instituídos para guarda e preservação de memórias da instituição, e dos sujeitos que participam desta escola. De mesma importância e intensidade que estabelecer corretamente os conceitos fundantes, percebo que é importante lançar luz sobre a estrutura física dos espaços. A intencionalidade está imbricada em todos os entrelaçamentos destes lugares de guarda, seja na sua constituição, na sua construção, na escolha de quem o administra, no que é destinado para seu acervo. Portanto, acredito que seja importante analisar todas as características que envolvam estes espaços para compreender o que os tornam lugares de memória.

Enxergo que, nesta categoria, além das características estruturais e físicas dos espaços de guarda em questão, também faça parte o acervo constituído de cada um. Para tanto, acredito ser imprescindível conceituar cultura escolar, uma vez que, os materiais, objetos e artefatos que compõe este acervo fazem parte da cultura escolar desta instituição, segundo Julia (2001) que entende como um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar, de práticas que permitem a transmissão do conhecimento e a possibilidade de incorporá-los.

[...] cultura escolar como um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização) (JULIA, 2001, p. 10).

Julia (2001), auxilia na compreensão do conceito de cultura escolar, ao formular que a análise dessa cultura, através dos objetos, artefatos, deve considerar as relações culturais, formatos e conteúdo, além de, considerar as transferências culturais ocorridas entre o mundo externo e as instituições escolares. Ainda sobre cultura escolar, “assume o

papel de dispositivo de tradução, isto é, uma função de apropriação ou adaptação dos saberes à gramática que rege o funcionamento da instituição educativa”. (ESCOLANO BENITO, 2017, 118). A cultura escolar fará o trabalho de construir um meio positivo de inter-relações, absorvendo o necessário e também o indispensável para a construção da identidade cultural, individual ou coletiva.

Há uma troca de cultura entre escolas e entre os indivíduos que transitam nessas relações. Sendo a escola o ponto de partida essencial para compreensão do todo, questiono mais um pouco o significado de cultura escolar. Desde que a escola, e mais especificamente, frequentar a escola passou a ser obrigatório, foi que sua cultura e seus processos sociais passaram a integrar a memória individual e coletiva. Conforme Mogarro (2005), a cultura escolar é conjunto de teorias, regras, normas e prática, nos remetendo ao fazer pensar.

Quanto a escola, ela é mais do que apenas uma estrutura arquitetônica, espécie de templo que expressa em si mesmo conteúdo e valores de memória, de acordo com Escolano Benito (2017). Mais do que apenas edificações, as escolas são também são capazes de expressar suas vontades, ao mesmo tempo que possibilitam que as pessoas envolvidas adquiram identidade individual e coletiva através do sentimento de nação. Este sentimento é transformado em acervo nestes espaços de memória a partir da construção deste conjunto de materiais, objetos e artefatos reunidos para contar a história desta comunidade.

Quadro 4: Peças para a construção de um lugar de memória escolar

	FARROUPILHA	BOM CONSELHO	AMERICANO	SINODAL
Nome do Espaço	Memorial do Colégio Farroupilha	Memorial do Colégio Bom Conselho	Museu Bispo Isac Aço	Museu Arnildo Hoppen
Ano de fundação	2002	2013	1994	1996
Responsável	Alice Jacques	Irmã Carla	Suzana Oderisch	Leni Schneider
Outros Funcionários	Não	Não	Não	Não
Metragem	Aprox. 90m ²	Aprox. 50m ²	Casa de 2 andares com 10 ambientes	2 casas geminadas de 3 andares com 19 salas temáticas e outras dependências
Disposição na planta da escola	Localizado no prédio administrativo B no andar térreo	Localizado no prédio administrativo, no andar térreo e em frente ao pórtico de entrada do colégio	Casa distante do prédio principal sem movimentação em seu perímetro	Casa distante do prédio principal, mas dentro do perímetro de

	quase em frente a porta de entrada			movimentação dos alunos
Características físicas	Espaço amplo, com paredes externas de vidro, móveis planejados, expositores com vidro, divisórias de ambientes transparentes e vazados, não aparenta ter umidade	Espaço amplo, paredes externas de vidro, integrado entre os dois ambientes, móveis sob medida, expositores com vidro, não aparenta ter umidade	Casa de alvenaria de 2 andares, piso de madeira no primeiro andar e piso de cerâmica no andar subsolo, ambientes amplos, expositores com vidro, escada de alvenaria	2 Casas geminadas parte de alvenaria, parte de madeira; piso de madeira; 19 salas temáticas organizadas com mobiliário antigo da escola – original ou reformado; escada de madeira
Iluminação	Correta	Correta	Correta	Correta
Ventilação	Ambiente bem ventilado, com amplas janelas	Ambiente bem ventilado, ar controlado	Casa bem ventilada, ambientes com janelas amplas	Casa bem ventilada com janelas amplas
Acessibilidade	Espaço com acessibilidade física	Espaço com acessibilidade física	Acessibilidade física apenas no primeiro andar	Acessibilidade apenas no andar térreo
Acervo Aquisição de novos objetos ocorre como	Acervo constituído de objetos e artefatos que tenham relação com a escola e com a mantenedora ABE, ex: cadernos escolares, fotografias, mobiliário antigo, uniformes, documentos de fundação, agendas, mata borrão, móveis setores administrativos, atas Doação de ex-alunos, familiares de membros da mantenedora, professores	Acervo constituído de objetos e artefatos que tenham relação com a escola e com a congregação das Irmãs Franciscanas, ex: imagens religiosas, caneta pena, caneta tinteiro, atas, livros sobre a história da escola, aparelhos de mídia de diferentes épocas, uniformes, boinas, fotografias A exposição atual não permite inclusão de novos objetos. Neste momento não estão aceitando doações, os objetos que vem sendo guardados são produzidos na escola	Acervo constituído com objetos e artefatos relacionados com a escola, com a Rede Metodista, mobiliário de dormitório, banco de bonde utilizado pelas alunas para irem até a escola, mobiliário escolar, violino, louça de porcelana, troféus, mapas, fotografias, convites de formatura, bandeiras, documentos de fundação, jornal estudantil, mobiliário da sala da direção, uniformes antigos, fotografias dos primeiros diretos, recortes de jornais sobre a escola e sobre educação na cidade, objetos e maquinário de laboratório de física e química, medalhas Museu não recebe doações	Acervo constituído com objetos e artefatos relacionados com a escola e com a Rede Sinodal, mobiliário antigo da época do internato, recepção, secretaria, fotografias, documentos sobre fundação, jornal estudantil, piano, maquinas fotográficas, artefatos dos laboratórios de química, física, geografia, história, literatura, biologia, matemática, música, teatro, uniformes, figurinos, bandeiras, pedras, couro de cobra, manuscritos, mapas, atlas, troféus, medalhas, cadernos escolares, material de escritório Só recebe doação de alunos, ex-alunos e comunidade escolar se tiver ligação com a escola
	O Memorial possui um sistema	O local foi construído por	O inventário que existia se perdeu, não se tem	Ainda que apenas no papel, o Museu

Políticas Arquivísticas Catalogação Organização	de catalogação, a responsável tem conhecimento de técnicas de organização e preservação, mas não há aplicação de políticas arquivísticas	museóloga, o acervo que existia foi utilizado e organizado, atualmente não existem procedimentos de manutenção, não há aplicação de políticas arquivísticas	controle do que existe no espaço atualmente, não há aplicação de políticas arquivísticas	apresenta fichas de catalogação do acervo, inventário e técnicas de manutenção. A responsável possui conhecimento museológicos para manutenção do espaço, não há aplicação de políticas arquivísticas
O que está exposto? Como está exposto?	Há um pouco de cada categoria de objetos que apresentam caráter permanente de exposição, cadernos, agendas, fotografias, livros ficam guardados para exposições itinerantes	Tudo que foi selecionado para ficar exposto fica em caráter permanente, não há troca de objetos, temos pelo menos 1 objeto de cada categoria, numa tentativa conjunta de contar uma história através de memórias em conjunto com uma linha do tempo construída nas paredes do Memorial	O acervo do Museu é exposto em ambientes separados de maneira organizadas seguindo uma ordem cronológica de acontecimentos da escola, existe uma linha adesiva no chão para que o visitante a siga e entenda um pouco do que acontecia naquela escola, entre os objetos temos fotografias, mapas, recortes de jornais, croquis, violino, sala de aula, pinturas, maquinas de escrever, quarto de internato com objetos pessoais fotografias, perfumes louça O que não está exposto foi amontoado em uma sala no andar subsolo	O acervo do Museu está exposto e organizado em 19 salas temáticas com intenção de exposição permanente. Não há troca de objetos, no máximo inclusão Sala recepção, secretaria, esportes, música, teatro, informática, laboratórios de química, biologia, estudos sociais, física, literatura, biblioteca, dormitório, cozinha, enfermaria, entre outras
Visitações? Consigno informações como? Quem visita?	Visitas a qualquer tempo da comunidade escolar, visitas externas com hora marcada e motivação, por exemplo, pesquisa, turma de faculdade para visita	Visitas a qualquer tempo da comunidade escolar, visitas externas com hora marcada após análise da intenção do visitante	Quando estava aberto o Museu recebia comunidade escolar, pessoas da sociedade, pesquisadores, estudantes universitários	Visitas da comunidade escolar livre em todos os horários de funcionamento do espaço, comunidade externa com hora marcada e com motivação.

Fonte: autora, a partir dos dados levantados das entrevistas com a responsáveis dos espaços de guarda.

Ao analisar as escolas, a partir dos apontamentos realizados, é possível descrever cada espaço com suas singularidades e semelhanças. Trabalho que me proponho a realizar nas linhas que seguem. Tal como nos capítulos anteriores que segui a ordem das visitas

realizadas para a construção dos contextos históricos, opto por seguir esta mesma sequência até o final da pesquisa, sempre que for possível, começando pelo Farroupilha, Bom Conselho, Americano e finalizando com o Sinodal.

Quanto ao Memorial do Colégio Farroupilha, é possível conhecê-lo através de agendamento prévio, seu espaço está localizado no prédio administrativo B, apresenta 90m² de área útil, encontra-se no andar térreo, ao fundo, mas não escondido, há um monumento de troféus, acredito que de competições esportivas da escola bem na frente da entrada do Memorial, contudo não impede sua visão desde a entrada, placas sinalizam como chegar até ele.

Figura 12: Foto da entrada do Memorial do Colégio Farroupilha



Fonte: autora

As paredes externas do Memorial são de vidro que possibilitam sua observação desde a entrada do prédio administrativo e ao longo do corredor. Neste espaço, podemos visualizar exposições permanentes e as exposições temporárias que vão sendo trocadas, conforme os eventos escolhidos pela escola. O ambiente é iluminado, e as divisórias apresentam uma ordem coerente na disposição do acervo, uma ordem cronológica flexível, mas que segue um fluxo de tempo. Ao entrar no Memorial é possível observar o Leão de pedra parte do prédio do Velho Casarão de 1886; na sequência outra divisória nos leva para a reprodução de uma sala de aula com seus materiais da época, por fim no último espaço temos a fotografia do prédio novo colado no chão onde acontecem muitas atividades pedagógicas. Por certo, existem mais objetos que transpassam esses espaços,

contudo trouxe exemplos para sustentar a organicidade lógica da maneira que vários objetos foram dispostos.

Em se tratando de acessibilidade, como mencionado antes, fica no térreo, possui espaços amplos, ainda que aparente ter dimensão e espaço para que pessoas com limitações físicas transitem, pessoas portadoras de outras necessidades especiais não estão contempladas, como por exemplo, leitura em braile, áudio descritor, miniaturas táteis. Ao longo do espaço, observam-se características de arquitetura contemporânea, em constante contraste uma espécie de um duelo entre passado e presente o tempo inteiro, um duelo que não me parece ter fim, até porque se findasse não teríamos mais memórias nem locais de guarda.

É possível notar que as divisórias no ambiente criam espécies de *salas* distintas com placas de acrílico transparentes. Nestas placas, foram colados os nomes de diversos ex-alunos da escola. De acordo com Alice (2023), para a construção das divisórias foram pesquisados os nomes de todos os ex-alunos da década de 1920 até 2012, pois em março de 2013 o espaço atual foi inaugurado. Segundo sua narrativa, estes nomes chamam a comunidade para dentro do Memorial hoje.

São tantos nomes que as perguntas começaram a borbulhar em minha mente, quem seriam? Que tipo de memórias os ex-alunos constroem no presente das experiências vividas na escola? Intencionalmente essa ação de expor os nomes dos ex-alunos nas paredes, transmite para o visitante um sentimento de identidade, união, força, profundidade pertencimento.

Ao olhar como visitante, percorrer o Memorial, passar por divisórias repletas de *pessoas*, tive uma sensação de grandiosidade, de querer saber quantas memórias existem *atrás desses nomes*. Observo enquanto pesquisadora, ser importante ressaltar mais uma vez o quanto é difícil escapar do encantamento, livrar-se das “malhas do feitiço” (GOMES, 2013) para conseguir produzir um estudo crítico. Ao encarar este espaço de guarda, senti como se estivesse sendo provocada, instigada a pensar, perguntar, pesquisar, a seguir procurando indícios, restos de memórias que pudessem sanar minha curiosidade.

Meu passear por paredes repletas de memórias, de nomes que você olha e sabe que existiram, que criaram lembranças, também produz em mim uma estranha sensação de eternidade efêmera. Eternidade por ter sido uma fração de memória representada com a intenção de durar e de proporcionar reflexão densa sobre sua existência, quer nesta década ou nas próximas e, em contra partida, efêmera pois tenho consciência que estas

paredes são pequenas partículas de memórias de acontecimentos já vividos que facilmente podem ser esquecidos.

Ao tratar sobre o acervo pode-se descrevê-lo sendo composto por rastros: objetos, artefatos, fotografias, mobiliários, uniformes, cadernos, mata-borrão, tudo que seja relacionado com a memória da escola e dos seus alunos e ex-alunos. E está dividido em nove categorias: Acervo Açoriano; Acervo Condecoração; Acervo Digital; Acervo Escrito; Acervo Iconográfico; Acervo Maquinário; Acervo Mobiliário; Acervo Outros e Acervo Vestuário.

Figura 13: Fotos do Memorial e seu acervo.



Fonte: autora

Nestas fotos, aparecem peças do acervo como, por exemplo, os uniformes, os móveis originais de uma das salas de aula, sala de recepção do colégio. Quanto ao acervo, vem da junção de material encontrado nos arquivos antigos do Colégio, bem como da

Associação Beneficente Educacional de 1858 (ABE) e do da produção documental realizada pela professora Lia Mostardeiro, professora esta que lecionou como alfabetizadora por cinquenta anos na escola, e, ao se aposentar, aceitou a tarefa de organizar álbuns e fotografias (JACQUES; GRIMALDI, 2013). O Memorial recebe doações de objetos que tenham relação com o colégio ou com mantenedora que tenham sido de ex-alunos, professores, ou membros da associação.

Parto, agora, para apresentação do Memorial do Colégio Bom Conselho. Ele se encontra no andar térreo do prédio administrativo, bem em frente à entrada da recepção, suas paredes são de vidro que possibilitam a visualização de seu interior já da calçada, neste andar, ainda tem-se a biblioteca, formando assim os três espaços que dão uma espécie de boas-vindas aos visitantes, com aproximadamente 50m². Segundo Witt (2013), a intenção da instituição já estava clara no momento de organização e construção do Memorial onde se encontra, de apreciação.

Enxergo, o espaço de memória construído com paredes de vidro, bem iluminado, climatizado, em frente à entrada, com expositores de vidro e móveis planejados. A intencionalidade no deslumbramento está em chamar a atenção de quem ainda não faz parte da comunidade escolar para dentro do Memorial do Bom Conselho, a transparência das paredes possibilita esse feitiço indireto, diretamente, tal como no Farroupilha. Ao optarem por paredes que nos mostram o interior dos Memoriais, Bom Conselho e Farroupilha, sem que tenhamos que entrar faz chamar atenção de quem passa, pois cada indivíduo encontrará um objeto que nos *salte os olhos*. Além de reforçar também a ideia de união e pertencimento do lugar com a instituição, sem paredes de concreto o ambiente transforma-se em um espaço de convívio e trânsito.

Para visitá-lo, é necessário que haja contato prévio, desta maneira, com data marcada é possível passear pelo espaço. O Memorial não fica aberto ao público externo continuamente, visto que, trata-se de ambiente escolar e visando a segurança de seus alunos e funcionários.

Figura 14: Fotos do Memorial do CBC.



Fonte: autora

Pode-se notar que o acervo deste Memorial não se encontra todo neste espaço, contudo, foi decidido, desde sua fundação, que ficaria assim, apenas uma exposição. O restante do acervo fica disposto dentro da reserva técnica, ao lado da sala de exposição, sala que não me foi dado acesso, portanto, desconheço quais são os objetos que estão guardados. Em entrevista para Witt (2013), Irmã Mônica relata com precisão toda a composição do acervo do memorial: fotos desde a fundação da escola, mobiliário, uniformes, jogo de talheres e louçaria, fotos dos dormitórios, salas, globo, cadernos de aula, livros comemorativos,

Tal como o Memorial do Farroupilha, o Memorial do Bom Conselho encontra-se também em sala climatizada, iluminada, disposta e preparada para receber o acervo da instituição. Arquitetura moderna, com móveis sob medida, possui acessibilidade física para pessoas cadeirantes ou com dificuldade de locomoção, contudo as outras formas de inclusão não estão disponíveis neste espaço. Irmã Mônica explica, durante entrevista para

Witt (2013), que o acervo foi acumulado ao longo dos anos, uma vez que as Irmãs iam selecionando objetos para construir as “Crônicas” anuais, a fim de catalogar esses objetos, crônicas essas que agora são vistas como “Crônicas históricas”. Estas Crônicas eram escritas pelas Irmãs no final de cada ano e apresentavam as produções escolares, as festividades e os fatos importantes para a comunidade escolar que haviam acontecido durante o ano letivo.

Atualmente, conforme informado anteriormente, a Irmã responsável pelo memorial se chama Carla Ferreira, após aposentadoria da Irmã Mônica, ela ficou responsável pelo Memorial, pela Secretaria Acadêmica e demais funções administrativas/financeiras. Irmã Carla assumiu a responsabilidade sobre o Memorial em dezembro de 2021, quando as escolas estavam tentando retornar às atividades presenciais. Pude notar que, mesmo sem conhecimento técnico e epistemológico sobre memória, há uma vontade de seguir com o espaço em pleno funcionamento. Minha impressão inicial permite dizer que deve haver tanto na Irmã quanto na direção da escola uma vontade de se preservar a memória da instituição. Segundo Irmã Carla, o Memorial em funcionamento espera conseguir manter viva a memória do CBC e das Irmãs Franciscanas da Penitência e Caridade Cristã.

O acervo é composto por objetos da época do internato, uniformes, boinas, canetas pena, canetas tinteiro, imagens religiosas, máquinas fotográficas e máquinas de escrever, livros memorialísticos em homenagem ao colégio, história cronológica do colégio e fatos importantes para o Estado, o país e o Mundo nas paredes em uma linha do tempo. O Memorial não recebe doações por enquanto, mas está estudando a maneira como irá produzir a segunda parte do Memorial, visto que seu acervo vai até o ano de 2010, o que se tem guardado é produzido na escola.

Depois de expor algumas informações sobre o Memorial do Colégio Bom Conselho, é chegado o momento de apresentação do terceiro espaço, o Museu Histórico Bispo Isac Aço, do Colégio Americano, antiga casa dos bispos, de dois andares dentro do perímetro escolar, mas não pertencente ao prédio principal, organizada com sete ambientes entre, salas, quartos, corredores. A casa possui iluminação natural boa além de ter recebido iluminação indireta correta para destacar e não prejudicar os objetos. O ambiente é arejado, e apresenta uma estruturada planejada para receber um acervo. Hoje, por estar fechado devido à crise financeira da instituição escolar, não há mais visitação, mas o espaço já esteve aberto diariamente para visitação com e sem aviso prévio.

Figura 15: Caminho para o Museu, Prédio museal e Entrada.



Fonte: autora

Nas fotos, é possível ver o caminho que a comunidade escolar faz por dentro das grades do colégio, indo do prédio principal até a casa onde fica o Museu. Na segunda foto, observa-se a entrada lateral que nos direciona ao subsolo do museu, onde também vê-se parte da exposição e sala de reserva técnica. Por último, a frase inscrita na parede de entrada do Museu, que nos lança ao guardar, nos instiga em pensar na memória e o que preservar, automaticamente, nos orientando sobre o que deveríamos esquecer. Lugar acessível, arejado, iluminado e espaçoso, atualmente apresenta apenas exposições permanentes que podem ser observadas atrás da linha do tempo construída e marcada no

chão do Museu. Possui rampa de acesso da rua para entrar no Museu, apresenta espaços adaptados dentro da antiga Casa dos Bispos com corrimão, rampa e piso sem aclives, contudo não possui acessibilidade física para o andar térreo, também não apresenta outras formas de acesso caso haja um visitante com outra deficiência. A atual responsável técnica se chama Suzana Oderisch e também é professora da instituição na disciplina de História.

Fazem parte do acervo do Museu, fotografias, troféus, medalhas, mobiliário escolar, quadros, pinturas, violino, banco de bonde, máquinas de escrever, mobiliário de quarto, uniformes, perfumes, objetos pessoais da época do internato, mapas, documentos da fundação, louça de porcelana, atas, livros registro de atividades administrativa da escola, bustos étnicos produzidos em aulas de história. Segundo Witt (2013), entre as fotos avulsas, algumas são datadas a partir de 1930, fotos coloridas outras preto e branco, mas coloridas mais a partir da década de 60. Dentre os documentos, vê-se muitos exemplares de *O Crisol*, jornal publicado pelas alunas entre as décadas de 1920 à 1980, e vinte e quatro exemplares do *Colunas*, e de acordo com Lima (2014) era um anuário institucional, um periódico que retratava a identidade dos alunos e feitos da instituição, o IPA. Além destes objetos descritos por Witt (2013), o acervo do Museu Metodista Escolar Bispo Isac Aço também possui em sua composição: convites de formatura, cartas, cadernos, cadeiras, entre outros objetos vinculados à memória do Colégio Americano e do Instituto Porto Alegre (IPA), mencionado na história da escola. O Museu não está recebendo doações.

Figura 16: Fotos das salas do Museu Isaac Aço.



Fonte: autora

Na primeira foto, no canto superior esquerdo, nota-se a entrada do museu. Quando chegamos, é este espaço que enxergamos, nele estão fotografias e recortes de jornais exibindo informes sobre a fundação do colégio, um exemplar de *O Crisol*, fotos da primeira turma de meninas formadas, fotografia da primeira diretora da escola, entre

outros. Na segunda foto, a representação de uma sala de aula de época com mobiliário original. Na terceira, enxerga-se a representação de um quarto do internato feminino com móveis, objetos e vestimentas originais de época. A última foto apresenta o andar de baixo do museu, onde, além de mais uma parte da exposição, temos também a exposição de trabalhos pedagógicos dos alunos vinculados as atividades realizadas dentro do museu conforme calendário acadêmico, esta atividade foi elaborada para que os alunos criassem logos novos para a escola em comemoração ao seu aniversário de 137 anos.

É possível observar quatro ambientes distintos, bem como uma faixa adesiva que faz sinalização no piso de cada uma delas, essa faixa adesiva foi inserida para que o visitante pudesse segui-la, uma espécie de protocolo, realizando assim uma visita em ordem cronológica de acontecimentos históricos. Neste espaço, antes da pandemia, eram realizados os chás de ex-alunas, encontros periódicos em que elas utilizavam a louça da escola na época de internas que pertence hoje ao museu, segundo a responsável técnica, era um dos eventos mais esperados. Atualmente, estas atividades estão encerradas e sem data para recomeçarem, não mais em virtude da pandemia da Covid-19, mas pela crise instalada.

O Museu Bispo Isac Aço, por um período, ficou sob tutela do curso de graduação de História do IPA²⁷, normalmente seu diretor acadêmico era a pessoa responsável pelo espaço de memória. Naquele momento, o Museu estava aberto e seu funcionamento a todo vapor, existiam funcionários e estagiários que trabalhavam na reserva técnica e na parte de visitação guiada. Com o fechamento do Curso de História, a parceria se encerrou, o inventário se perdeu e o museu voltou a ser administrado pelo colégio apenas.

Deixando de lado meu olhar inicial de arquivista, relato (quase um desabafo) sobre o que senti ao entrar neste museu, confesso que um sentimento de tristeza arrebatou meu coração, entristeceu minha visita perceber o quão esquecido, sozinho e abandonado aquele espaço de memória se encontrava, não relato isso apenas com olhar técnico, mas organicamente falando, como consumidora deste tipo de serviço, compreendo que esses centros de memórias foram criados para estarem repletos de visitantes, pulsando memórias, produzindo ideias, e não silêncio. Faço aqui uma explicação, para lembrar sobre a questão financeira desta escola, fato informado no capítulo que apresenta a História das instituições e de seus lugares de memória. Exemplo que nos mostra o quanto

²⁷ Ver nota de rodapé 14

esses lugares são sensíveis diante de situações externas as suas atividades mas que possuem influência direta pois fazem parte da instituição escolar.

Por certo, eu deveria estar ouvindo o ressoar dos saltos nas madeiras do piso, naquele vai e vem sincronizado que uma visita guiada nos oferece, o *téc-téc* dos sapatos seguidos de um silêncio de contemplação, e após aqueles murmúrios, com sorte, uma pergunta aqui e outra acolá, para então ouvirmos novamente os sons dos saltos encontrando a madeira do piso de parquet lindamente, encerado e com sinalização de por onde começar a visita.

Contudo, o que encontrei foi uma casa antiga, transformada em local de guarda, com todos os detalhes que um Museu deveria ter, não posso falar o contrário, e dentro da realidade que uma construção antiga nos oferece um espaço digno de elogios. Seguindo as flechas indicativas, foi possível enxergar e sentir propósito de existência e organização salas e acervo, organicidade na exposição e construção do conjunto documental exposto e comunicação clara tanto sobre as regras do local como sobre as memórias da escola e do internato. Mais uma vez me encontrei nesta encruzilhada, *enxergar algo encantador e sentir algo triste*, não faltavam naquelas paredes vontade de existir, vontade de disseminar conhecimento, memórias enriquecedoras para o campo da História da Educação, entretanto, estão lá, amordaçadas atrás de cadeados, esquecidas embaixo do pó, silenciadas entre acúmulo desgovernado de acervo não catalogado e organizado.

Por fim, chegamos no Museu do Colégio Sinodal, o prédio (duas casas geminadas – antiga moradia do internato) encontra-se em bom estado de conservação, o que surpreende, já na chegada. As salas são bem ventiladas, beneficiadas pela iluminação natural e artificial comum em residências, geralmente composta por uma única fonte de luz localizada centralmente no teto de cada ambiente. Desde sua criação, em 1996, o espaço permanece o mesmo, ao constituí-lo na antiga casa as exposições e salas temáticas foram pensadas e estruturadas de maneira a sempre receber objetos para o acervo a partir daquele ponto.

Através da observação realizada, bem como na conversa informal com a responsável atual, entendi que não se tinha o desejo de trocar as exposições, e sim aumentá-las, a intenção sempre foi de manter exposições permanentes, as salas temáticas foram recebendo mobiliário, nova organização e logística, conforme o acervo foi crescendo.

Quando a professora Lilian percebeu que a comunidade escolar já estava às voltas com o aniversário comemorativo de cinquenta anos de existência da escola, começou a reunir os objetos, documentos, fotografias, que eram selecionados, para construir memórias que pudessem contar a história deste colégio. Segundo a própria prof^a Lilian, em entrevista concedida em outra pesquisa:

[...] dinheiro era pouco, mas havia uma imensa vontade de colocar algumas ideias em prática. Um ano antes da comemoração começaram a pensar em um espaço para organizar os materiais que já haviam sido recolhidos, [...] nós não tínhamos espaço, só lá em cima no administrativo que havia, o internato tinha sido dissolvido, nós tínhamos o sótão. Sótão é gostoso, gostoso, gostoso, aí que coisa mais gostosa é sótão, eu adoraria morar num sótão[...] mas quem é que vai a um museu num sótão? (GRAZZIOTIN apud SAENGER, 2015, p.320).

Através desta narrativa, é possível perceber o ponto de partida da “vontade de memória” (VIDAL E PAULILO, 2020) desta instituição e destes profissionais, e desta professora em específico. O trecho da entrevista exemplifica um momento de intenção de memória, ao pensar em construir um espaço de memória, mesmo com pouco dinheiro, pensando no que o público sentiria ao entrar em um sótão, em um museu, escolher quais objetos, documentos, artefatos serão preservados.

Figura 17: Lateral do Museu, letreiro de identificação virado para pátio.



Fonte: autora

Para visitantes externos conhecerem o espaço é necessário que façam prévio agendamento, integrantes da comunidade escolar podem visitar o lugar de guarda sempre que tiverem interesse. Por se tratar de casas antigas o Museu apresenta acessibilidade restrita apenas para pessoas com limitações físicas visitarem o primeiro andar do espaço. Os demais ambientes que carecem de acesso via escadaria ficam restritos para pessoas que possam visita-los caminhando, não existe acessibilidade para outras necessidades que possam surgir como leitor em braile, áudio descrição, rampas, elevadores, etc. O Museu apresenta a fachada para o lado interno do pátio da escola, possibilitando assim a visualização da placa e do espaço de longe, uma vez que a entrada da casa ficou para os fundos do terreno. Recebeu este nome para homenagear um querido professor que trabalhou com dedicação exclusiva de 1939-1981, foi o segundo diretor do Colégio, o

senhor Arnildo Hoppen, por quem a comunidade apresentava grande carinho, é de sua autoria o livro memorialístico em comemoração aos 50 anos do colégio.²⁸

Logo no início da instalação do Museu, no que seria a representação da antiga sala de espera, observa-se a foto do homenageado emoldurada e, ao lado, explicação de quem ele foi como profissional e como pessoa para aquela instituição. O Museu é organizado por salas temáticas, algumas são representações das dependências antigas da escola, como a recepção, secretaria, cozinha, enfermaria, dormitório, outras são salas que receberam a reunião de parte do acervo coerente com seu propósito, como salas das disciplinas da escola e atividades extraclasse como Esportes, Biologia, Música, Teatro, entre outras.

O lugar acolhe materialidades que tenham relação direta com a comunidade escolar, tal como os outros espaços selecionados, ou seja, um caderno utilizado em aula por um ex-aluno; uma fantasia do grupo de teatro de uma das excursões artísticas; mobiliário da enfermaria em tempo de internato. O acervo é composto por: uniformes, cadernos escolares, telefones, reprodução de quarto, enfermaria, medalhas e troféus, piano, cofre, quadros, roupas típicas, fotografias, mobiliário escolar, máquinas de escrever, aparelhos de projeção, diários de classe, entre outros documentos e artefatos, instrumentos de laboratórios de Química e Física, artefatos arqueológicos e geológicos.

Destaco aqui, como exemplo, das infinitas possibilidades de sentimentos que as memórias podem nos provocar, as fotografias expostas no Museu, são imagens de uma excursão artística que o grupo de Teatro fazia pelo interior do estado. Quem as vê na parede com um texto explicativo ao lado, pode pensar *que interessante, um grupo de adolescentes acompanhados de seus professores levando cultura*. Em contrapartida, Leni Schneider (participante daquelas saídas artísticas como aluna), coordenadora do Museu, vai olhar para estas mesmas fotos e nos trazer outros olhares, outras lembranças. Ricoeur explica que a memória é seletiva, que escolhe e organiza as lembranças do passado, de acordo com a perspectiva e os interesses do sujeito que evoca o passado.

²⁸ Livro: 50 anos de Colégio Sinodal. Manifestação em comemoração ao jubileu de ouro do colégio, onde autor reuniu informações sobre a origem, as atividades pedagógicas e didáticas, assim como a influência do colégio na vida dos jovens que por ali passaram, para tanto traz duas entrevistas com ex-alunos.

Figura 18: Objetos expostos ao longo das salas temáticas.



Fonte: autora

Nessas fotos, identificam-se alguns objetos que representam grande importância para a escola, por exemplo, o Cravo²⁹, instrumento enviado da Alemanha para as aulas de Música, utilizado na época do internato, hoje exposto na sala de Música do museu; o armário de troféus, que se encontra na sala de esportes, evidenciando o quanto a prática do esporte e das competições eram importantes na educação dos jovens que aprendiam espírito esportivo, liderança e senso de coletivo. Guarda-se aquilo que *enobrece* a escola,

²⁹ Externamente, o **cravo** difere do **piano** por não ter pedais e por ser menor – ele tem as teclas mais finas que o **piano**. Mas o que muda mesmo é a parte mecânica. No **cravo**, as cordas não recebem impacto, elas são “beliscadas”, de um jeito parecido ao que os dedos fazem ao tocar um violão. Disponível em: <https://harmoniaproducoes.blog.br/diferenca-entre-orgao-cravo-e-piano/>.

que enaltece e se esquece aquilo que pode desvalorizar esse legado. Este armário faz parte de uma coleção com mais uniformes, fotografias, aparelhos esportivos de diversas modalidades, mais troféus, reportagens sobre o belo desempenho esportivo da instituição e de seus alunos.

A última foto representa muito mais que um guarda roupa antigo repleto de figurinos na sala Folclore/Teatro. Conforme ficha técnica do móvel e narrativa da responsável pelo espaço, estas são as roupas utilizadas nas excursões artísticas que a escola fazia pelo estado. O grupo de teatro se apresentava em praças, escolas, segundo nossa guia, dentre os alunos que se apresentavam estavam ela e seu colega de turma o, agora ator, Werner Eduardo Schünemann.

Dividido em 19 salas temáticas, o museu apresenta espaço arejado e bem iluminado, mesmo se tratando de uma construção datada da década de 1940. As salas estão divididas em, sala de música, sala de informática, sala de esportes, sala da secretaria; sala de espera, sala da recepção, despensa, cozinha, sala folclore/teatro, sala de Estudos Sociais, sala Geologia, sala Química, sala Física, sala Botânica, biblioteca, sala Anatomia, sala enfermaria, sala dormitório, sala especial.

Figura 19: Ambientes temáticos do Museu Arnildo Hoppen.





Fonte: autora

Nestas fotos, apresentam-se a reunião de quatro espaços do museu, começando do canto superior esquerdo temos a recepção, sala de espera, dormitório e escadaria para o segundo andar, em que há exposta uma pele de cobra de mais de 3 metros de comprimento. O museu apenas acrescenta objetos nas salas de exposição conforme vão entrando no acervo, assim que são inseridos no inventário.

Quanto aos processos administrativos de guarda, higienização, inventário, catalogação, Leni me explicou que o museu não apresenta seu inventário organizado e catalogado em um só espaço. Desde sua criação, foi adotado o uso de fichas por sala, dos objetos que recebem, mas todas as informações existem e estão disponíveis para pesquisa. Percebi que ela manteve esse processo intuitivo de entrada e controle de acervo, por acreditar ser a maneira mais organizada de se administrar o museu. Tempos mais tarde, Leni começou a digitar esse inventário, entretanto, com a pandemia o computador que continha o arquivo base se perdeu, o computador estragou, enfim, uma sucessão de fatos lastimáveis que fizeram esse trabalho se perder. Me questiono, qual o motivo da administração da escola não abraçar essa tarefa, garantindo a existência de um inventário ou um catálogo? Falta de informação, ou descaso?

Um dado curioso que faz parte dos processos técnicos, mas que pode dar mais indícios sobre a vontade deste espaço em ser um intermediador entre passado e presente é o fato de que todos os móveis utilizados no museu pertenceram a instituição. As mesas,

os armários, os gaveteiros, expositores, tudo pertenceu ao colégio, por exemplo, na sala que representa a Biblioteca, o móvel que guarda os livros era guarda-roupa no internato, a equipe de marcenaria que o modificou trocando portas por vidros, colocando mais prateleiras. Por repetidas vezes. Leni narrou sobre a vida dos móveis, “esse móvel tem mais idade do que aparenta” ou “ele era do internato, sofreu alterações para virar esse balcão” ou “quantas vidas passaram por essas madeiras”.

Dentre tantas preciosidades do acervo, desde a primeira visita foi possível reconhecer uma dupla de objetos que merecem um pouco mais de atenção por sua relevância para a comunidade. Vale ressaltar que esses objetos foram mostrados com entusiasmo e até uma atenção extra, bem como, para a memória da educação: um pedaço do antigo Muro de Berlim, doado por membro da comunidade em função da ligação da escola com a cultura germânica; jornal/revista *O Ateneu*³⁰, produzido pelos alunos e que tem de existência quase o mesmo tempo de vida da escola, desta forma o museu guarda um exemplar de cada jornal publicado até a última edição impressa.

O Museu, em si, não possui mais funcionários, além da Leni. O motivo foi respondido sem rodeios: falta de verbas. Será mesmo que não se tem verba ou não se tem interesse em deslocar um funcionário a mais para este setor?

Destaco ainda sobre o Museu Arnildo Hoppen a *pasta e mural de primeiros momentos*, ação incorporada pela professora Lilian que é mantida com entusiasmo pela funcionária Leni até hoje. A pasta *primeiros momentos* contém registros dos acontecimentos iniciais da trajetória da instituição, como o primeiro contrato de compra e venda do terreno, foto da primeira pá de terra, anotação e foto da primeira turma, documentos sobre a construção da primeira pista de atletismo, etc. Mesmo que tenha recebido o nome de *primeiros momentos*, o que eles possuem naquela pasta são lembranças que a cada pesquisa viram memórias nas mãos de quem as analisa!

³⁰ Inicialmente, *O Ateneu*, o jornal escolar, era impresso, agora ele é produzido virtualmente.

Figura 20: Mural primeiros momentos.



Fonte: autora

Neste mural, conseguimos identificar a construção do prédio ginásial, a construção da casa de internato, foto da primeira turma de alunos, colocação da pedra fundamental da biblioteca, construção da sala de música, aragem da pista de atletismo entre outros primeiros momentos.

Durante a primeira visita, percebi que, por ser ex-aluna, a responsável técnica do Museu Arnildo Hoppen possui vínculo afetivo forte com o museu, desta maneira o discurso sempre vinha carregado positivamente. O que mais me chamou atenção foi a maneira que a primeira técnica decidiu inventariar este acervo, e ainda que intuitivo o modo de trabalhar, ou até mesmo com falhas, pensar o fazer arquivístico, nos detalhes me deixou impressionada. Principalmente por apresentar dentro dos caracteres de registro os dados que de fato são necessários para a catalogação de um item em um acervo. Leni ainda segue à risca os procedimentos de sua antecessora, mesmo dispondo de mais tecnologias e conhecimentos específicos, uma espécie de veneração.

3.1.1 Pontos de conexões e singularidades

Neste ponto da análise percebendo que existem situações que são comuns aos quatro espaços, mas também existem ocorrências que são iguais apenas para dois deles enquanto para os demais existem distinções, decidi criar esta seção para elencar esses pontos de conexões. Mesmo que nas próximas linhas apareçam informações repetidas e

já esmiuçadas anteriormente no início desta categoria, entendo que seja aqui o ponto de chegada de tantas informações e descrições vistas até então.

Portanto, ao concluir a descrição e análise destes quatro espaços sob a ótica de suas estruturas físicas, é possível elencar algumas singularidades e muitas características similares entre eles. Longe de comparar para dizer qual é melhor e qual é pior, a intenção desta análise é relativizar, com base no conceito de lugar de memória e suas implicações. Destaco como pontos de conexões, que todos são espaços de guarda de memórias escolares; possuem acervo composto prioritariamente por objetos relacionados às suas mantenedoras e comunidade escolar – objetos produzidos na escola ou doados pelo corpo técnico, docente, discente ou demais integrantes dessa comunidade. Encontrei locais arejados, iluminados, sem aparentes avarias estruturais, o que me leva a concluir que mesmo com pouco investimento há ainda uma preocupação que estes locais sejam seguros para a guarda destas memórias.

Foi possível concluir que todos os lugares criados com a intenção de contar uma narrativa sobre a memória de sua instituição, seus feitos e fatos marcantes. Na mesma proporção, notei que todos estes espaços não possuem informações sobre os alunos excluídos, desligados – uma espécie de esquecimento provocado tanto por parte das escolas como dos espaços. Não haveria motivos para guardar rastros e restos de discentes que não representam o espírito daquela comunidade, ou pelo menos que para a escola não represente. Por quê?

Notei que nenhum deles possui equipe técnica especializada, como por exemplo museólogos, arquivistas. Entretanto, o que podemos perceber é que estes quatro espaços de um modo ou de outro buscaram meios de profissionalizar o que podiam para a construção e aprimoramento da tarefa a que se propunham. O Memorial do Colégio Bom Conselho foi constituído a partir do aval de museóloga contratada para o projeto. Esta profissional organizou, identificou, escolheu quais objetos expor e como expor. O Museu do colégio Americano enquanto era administrado, pelas direção, do Curso de História do IPA, foi organizado em parceria com o curso de Museologia da UFRGS, garantindo assim uma visão técnica de como estruturar este espaço.

O Memorial do Colégio Farroupilha é administrado por uma Doutora e pesquisadora em História da Educação, que entendendo a importância de possuir conhecimentos técnicos buscou formação através de cursos específicos disponibilizados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), e por último temos

a coordenadora do Museu do Colégio Sinodal que também buscou cursos para entender os processos técnicos tais como de higienização, catalogação, e outros.

Ainda sob análise desta parte técnica, dos lugares de memória, enumero mais alguns fatores que existem nas atividades administrativas de dois espaços, o Memorial do Farroupilha e o Museu do Sinodal, possuem catálogo dos objetos compõe seus acervos, e seus inventários estão em construção. O Memorial do Farroupilha, conforme narrativa de sua responsável – Alice Jacques (2023), possui sistema informatizado de inventário e catálogo, e hoje mais da metade desta informação já está disponível online para consulta. Em contrapartida o Museu do Sinodal, apresenta um catálogo de todo seu acervo em fichas manuais seguindo a organização de suas salas temáticas.

Os outros dois espaços não possuem catálogo tampouco inventário. O que se tem no Colégio Bom Conselho é um levantamento de tudo que está exposto no Memorial, documento produzido na época de construção do espaço. O Museu do Colégio Americano possuiu um inventário e um catálogo, segundo a entrevistada responsável pelo espaço, contudo com o fechamento do IPA documentos se perderam nesta devolução do Museu para administração do colégio e dentre estes documentos estariam o inventário e o catálogo.

Duas escolas possuem salas técnicas onde acomodam seu acervo, a sala do Memorial do Bom Conselho, que não tive acesso por estar fechada e sem uso e a sala técnica do Museu do Americano que está mais para sala de depósito e aglomeração de lixo do que uma sala de reserva técnica, a situação de abandono e descaso é de entristecer qualquer pesquisador e apreciador de memórias, rapidamente, só em observar encontrei, mofo, bichos, poeira, umidade. Nos outros dois locais, Museu do Sinodal e Memorial do Farroupilha o acervo que não está a vista está organizado dentro dos armários do próprio espaço de exposição.

É unanime em todos os quatro ambientes, hoje, que as responsáveis trabalham sozinhas. Dois espaços, do colégio Farroupilha e do colégio Americano, já receberam estagiários, mas nos últimos anos a realidade destes espaços é de apenas as funcionárias atuando nestes lugares. Outro ponto de conexão é que as responsáveis ou pela criação ou pela coordenação destes espaços são mulheres. Em sua maioria, mulheres com muitos anos dentro da instituição e que exercem ou já exerceram outras funções dentro da escola. Outra característica comum é que foram as funcionárias que demonstraram interesse pelas memórias da instituição, partindo delas a proposta de trabalho ou em função deste

interesse foram convidadas para estes cargos. São espaços constituídos pós movimento de institucionalização da memória e do patrimônio.

Por se tratarem de lugares de memória escolares, todos os espaços possuem semelhanças entre seus acervos, como por exemplo, apresentarem dentre seus objetos, fotografias das estruturas arquitetônicas da escola desde sua construção até os dias de hoje, primeiras atas entendidas como importantes para a escola, exemplares dos uniformes, cadernos, livros, cartilhas, móveis, cópias das produções estudantis de imprensa, materiais antigos de sala de aula.

Quando falamos de diferenças nos acervos elas variam em função da origem das mantenedoras, escolhas por parte de quem está à frente do lugar sob o que guarda e o que eliminar, e doações por parte da comunidade de artefatos específicos que até fogem do que é considerado cultura escolar, mas ainda assim integra o patrimônio educativo por ter relação com a comunidade sua guarda fazer sentido para a mesma.

Indico dois exemplos de objetos que pertencem ao patrimônio educativo mas não necessariamente fazem parte da cultura escolar que o espaço de memória representa, o primeiro exemplo, já citado é o pedaço do Muro de Berlim doado por integrante da comunidade escolar para o Museu, não foi um artefato produzido pela instituição tão pouco durante as atividades dos seus participantes, contudo faz sentido para quem o doou por ter sido esta escola fundada por alemães. Como segundo exemplo, destaco os desenhos confeccionados por designer para os possíveis novos uniformes do Colégio Americano partindo de seus uniformes anteriores, sua logo, estes desenhos foram criados por um integrante da comunidade escolar, já na sua fase adulta, e doados para o Museu como forma de produção artística.

Quanto às conexões ainda destaco que dois espaços, das escolas Sinodal e Americano, recebem o nome de Museu e os outros dois, do Farroupilha e Bom Conselho, de Memorial. Por coincidência ou não, os Museus foram criados na década de 1990 e os Memoriais pós anos 2000. Relembro o leitor que estas nomenclaturas ainda sofrem alterações conforme o entendimento sobre os espaços vai mudando, pois são conceitos em transformação. Atualmente, Museu seria um local destinado a guarda e preservação de um acervo, sem fins lucrativos que busca ações com finalidade de exposição, ensino e pesquisa. Enquanto Memorial seria entendido como espaço de uma exposição sem que seu acervo necessariamente precise possuir vínculo institucional. O que pude constatar foi que a escolha se deu mais por composição nominal do que por regras técnicas.

Os Museus estão instalados em casas dentro do terreno escolar, mas independentes do prédio administrativo. São casas carregadas de contexto histórico e enorme apelo emocional para a comunidade escolar, pois estas casas fizeram parte das memórias de muitas pessoas que tiveram algum tipo de relação com a escola. Já os Memoriais foram criados dentro dos prédios administrativos em frente ao pórtico de entrada com paredes de vidro. Ouso dizer que a intenção também evidencia a vontade de mostrar às futuras famílias que ali decidissem matricular seus filhos a memória da escola. Uma espécie de propaganda sob o viés da memória da tradição e dos feitos realizados enquanto instituição, essa intenção é percebida nos quatro espaços, além do destaque arquitetônico dentro da estrutura escolar.

Os espaços de memória dentro dos prédios escolares apresentam um ar contemporâneo, com jogo de luzes, iluminação natural, móveis planejados, ambientes interligados onde a visita flui como se fosse um espaço só, pois a falta de paredes faz com o que o observador não se dê conta do tempo ali admirando, visto que, não trocou tanto de ambiente. Os ambientes localizados dentro de casas e deslocados do prédio principal tem um ar de museu histórico, com salas definidas, divididas por paredes de concreto, de maneira que as visitas ficam, estratificadas, seguindo uma sequência estabelecida do que visitar primeiro.

Quanto às singularidades, é importante dizer que o espaço com maior acervo é o Museu do Colégio Sinodal, e segundo Zansul (2015), este espaço é considerado um dos primeiros museus escolares do Rio Grande do Sul, além de possuir uma variedade enorme de objetos, documentos e artefatos em sua lista. Outra diferença é o número de ambientes no Museu do Colégio Sinodal, dos quatro espaços ele é o maior em tamanho e número de salas temáticas. Apresentando espaços para representar enfermaria, laboratórios técnicos de disciplinas educacionais, salas administrativas reproduzindo o ambiente original da escola de décadas passadas. Quanto as modernidades do espaço e das atividades técnicas aplicadas, entendo que o Memorial do Colégio Farroupilha seja o que mais preencha as normas museais. O Memorial oferece acervo digitalizado, catalogado, site para comunicação e pesquisa. Ambiente espaçoso pensado para receber os visitantes e as atividades.

Infirmo também uma mudança no que era entendido como patrimônio no final do século XX e o que se entende por patrimônio agora no século XXI. A incorporação de bens escolares antes excluídos faz com que além dos edifícios monumentais os bens

materiais e imateriais produzidos dentro das escolas comecem a ser aceitos. Com toda essa mudança os lugares criados já neste século apresentam uma linguagem arquitetônica mais leve, articulada, enquanto os espaços mais antigos apresentam essa ideia monumental de suas estruturas.

Encerro esta seção, bem como esta categoria de análise, afirmando que dentro do possível e disponibilizado pelas instituições e seus lugares de guardar memória, observei todos os espaços físicos atuais dos lugares de memória, examinando sua relação com o edifício escolar e descrevi seus acervos. Desta forma, destaco que há certo reconhecimento por parte das escolas, sob o real valor destes espaços, visto que, os locais pesquisados não são entendidos como setores essenciais dos Colégios, mas ainda sim merecem atenção.

Ainda que a intenção das instituições no momento de autorizar a criação destes lugares tenha sido para contar a narrativa das memórias deste colégio, o sentimento de pertencimento impresso nos estudantes e egressos transcende a ideia de vitrine expositora. Em quase todas as observações e entrevistas foi possível notar e ouvir que a comunidade reconhece nestes espaços suas identidades enquanto grupo. Seja por fotografias, seja por nomes nas paredes, seja por medalhas nos armários, ou até mesmo por olhar as imagens sacras em destaque, pois dentro de suas limitações, são locais que recebem e oferecem espaço de preservação e cuidado das memórias de sua comunidade.

3.2 As dimensões de uso dos Lugares de Memória

Guardar uma coisa não é escondê-la ou trancá-la. Em cofre não se guarda coisa alguma. Em cofre perde-se a coisa à vista. Guardar uma coisa é olhá-la, fitá-la, mirá-la por admirá-la, isto é, iluminá-la ou ser por ela iluminado. Guardar uma coisa é vigiá-la, isto é, fazer vigília por ela, isto é, velar por ela, isto é, estar acordado por ela, isto é, estar por ela ou ser por ela [...] (Antonio Cícero)³¹

Ao me deparar com o poema de Antonio Cícero, enxergo o papel dos lugares de memória nos versos tão lindamente escritos. Acredito que um espaço destinado ao guardar, não guarda para esconder, trancar, esquecer. Seu dever é guardar para cuidar, guardar para preservar e guardar para difundir. Dito isto, nesta categoria de análise, me detive a responder um dos objetivos desta pesquisa analisando quais dimensões do

³¹ Poema Guardar de Antonio Cícero <https://www.tudoepoema.com.br/antonio-cicero-guardar/>

guardar que cada espaço apresenta, os *usos do lugar* propriamente dito: **contemplação; ensino; pesquisa.**

Através do processo de salvaguarda de um acervo e de sua exposição temos a dimensão do contemplar. Com a abertura do lugar para pesquisa e por existirem publicações de diferentes níveis de saberes, entendo que mais uma dimensão esteja sendo preenchida – a de pesquisar e a terceira, mas não menos importante dimensão (possivelmente, a mais difícil de se pôr em prática) é a do ensinar, conseguir integrar o acervo e atividades do espaço com o cronograma acadêmico estudantil, e proporcionar novos conhecimentos.

E mais uma vez me questiono, qual a razão para que o preservar ainda não seja uma atividade rotineira dentro das atribuições administrativas e pedagógicas de uma instituição escolar? Sobre este assunto, Bonato (2005), percebe que a receptividade à guarda varia conforme a direção da escola no momento. Para tanto, sinaliza que com uma sensibilização dos profissionais de ensino quanto à importância da preservação e uso dos documentos produzidos na escola, teremos a construção de um acervo ainda mais diverso. A partir de mais gestos e querer de mais profissionais, poderíamos ter mais força para não ficarmos tão à mercê das decisões das equipes diretivas.

Quando se tem um grupo, suas vozes chegam mais longe do que a voz de um indivíduo que grita sozinho, seria uma maneira de, quem sabe, começar a modificar a essa realidade destes espaços e destes acervos. Enfatizo a necessidade de políticas arquivísticas oficiais mais incisivas, que atendam às necessidades de preservação dos arquivos escolares. Conforme Almeida (2021, p.45), “arquivar é um modo de testemunhar, de deixar registradas nossas memórias, nossas relações com os outros, enfim, nosso lugar no mundo”. A autora enfatiza que “educar para guardar” (ALMEIDA, 2021, p. 14), seja uma escolha eficaz para capacitar mais docentes

Penso que é mais fácil mudar os sujeitos do que as instituições envolvidas, desta maneira concordando com a autora, enfatizo que a conscientização e formação técnica dos docentes seria uma alternativa mais eficaz. Inclusive entendo que oportunizar este tipo de conhecimento para os professores e licenciados faria toda a diferença, *ensinar o guardar* na universidade pode ser o divisor de águas, de uma realidade por vezes solitária para uma realidade onde mais professores entendam e façam a movimento de preservar.

Acredito que seja consenso que todos os espaços preenchem o quesito contemplação, visto que, a construção destes lugares já parte da intenção de guarda das

memórias de cada instituição escolar presentes nesta pesquisa, relacionado com a identidade da comunidade e na relação de pertencimento desta comunidade tanto com a escola quanto com o espaço de memória. O diferencial acontece nas demais dimensões, reforço a ideia de que através delas possamos entender em que ponto do percurso cada local está nesta intenção de guardar memória.

Quanto à dimensão de ensino, entendo que tenha a ver com as relações de uso dos lugares de memória escolar por alunos e professores. Para tanto, deve existir uma organização prévia em que a instituição e o lugar de memória de maneira síncrona trabalharam para que acontecessem atividades programadas e inseridas na grade curricular dos estudantes, em seus diferentes componentes e graus de ensino. Descarto assim, as visitas esporádicas que os alunos realizam aos lugares de memória. Nesta ideia de atividades programadas, o espaço precisaria estar inserido dentro do currículo de conteúdo do aluno, anualmente, para construir um projeto pedagógico utilizando o acervo como base para aulas expositivas, atividades lúdicas, jogos, meios de ensinar os assuntos que seriam vistos em sala de aula só que dentro dos museus e memoriais.

Ao falar da terceira dimensão, a de pesquisa, entendo que a abertura destes lugares para a comunidade pode ser traduzida e até mensurada através das produções científicas de pesquisadores com vínculo ou não com a escola e ou espaço de guarda. Destaco o quadro a seguir (Quadro 5) construído a partir das entrevistas concedidas pelas quatro responsáveis técnicas dos espaços analisados e nos dados levantados em revistas científicas para que possamos de maneira rápida quais usos acontecem em cada lugar de memória.

Quadro 5 – Dimensões de uso do lugar

Lugar de memória do Colégio	Dimensão de contemplação	Dimensão do ensino	Dimensão da pesquisa
Farroupilha	X	X	X
Bom Conselho	X		X
Americano	X		X
Sinodal	X	X	X

Fonte: produzido pela autora, a partir das observações dos lugares de memória.

Quando pensamos em contemplação, é perceptível que todas as escolas possuem lugares de guarda que oferecem esse momento de apreciação, na busca por promover a identidade - ideia de pertencimento de uma comunidade, e na busca por enfeitiçar seus visitantes estes espaços se organizam para encantar, entreter, agradar e por vezes produzir no observador uma admiração quase sacra. Por exemplo, na época da organização do

Memorial do CBC, em 2010, já foi pensado e estruturado seguindo normas técnicas de uma museóloga contratada para esse projeto. A ideia sempre foi de que o acervo ficasse em uma exposição permanente para que os alunos, familiares e comunidade escolar pudessem admirar, através da linha do tempo colocada naquelas paredes, as memórias da escola.

Essa ideia de sacralização nos remete aos objetos-museais, que ganham essa importância, valor simbólico e viram objetos de desejo e de respeito, inalcançáveis (CASTRO, 2007). A percepção de sacro oportuna ao objeto transformá-lo de objeto comum em um objeto único, impossível de se ter um exemplar. Por exemplo, as boinas coloridas das alunas, um objeto pertencente a cultura escolar de uma determinada temporalidade e comum em outras escolas também, que viram apenas boinas antigas e coloridas quando deslocadas deste acervo. Entretanto, ao tornar esse objeto em um objeto-museal conferimos a esta peça um ar de importância e relevância para a sociedade. São as memórias da escola contadas através de fotografias, objetos, documentos, móveis, etc, que envolverão a comunidade num sentimento de pertencimento, é enxergar uma avó em uma foto, rememorar um acontecimento vivo anos atrás enquanto estudante que apropria este coletivo com uma identidade só deles.

Os espaços foram montados para contar uma narrativa, ainda que organizados cada um do seu jeito todos apresentam semelhanças entre si, quase todos seguem uma mesma intenção, mostrar os feitos e fatos mais importantes da escola, sua identidade, seus valores, desde a fundação do prédio até os dias atuais, sempre destacando sua relevância para sua cidade e para a educação. Segue uma ideia de cronologia dos fatos e feitos importantes da escola, mantenedora e criação do lugar que conserva memórias daquelas comunidades. O único espaço que apresenta seu acervo em ambientes e não organizados com a intenção de cronologia é o Museu do Colégio Sinodal, que por estar dividido em salas ambientes traz dentro de cada tema sua organização. Neste espaço não existem linhas cronológicas nas paredes ou piso, mas os objetos estão dispostos nas salas de certa maneira do mais antigo ao mais atual para que os visitantes possam perceber as mudanças entre eles.

Na sequência, o ensino, dimensão esta que vislumbro como a mais propícia dentre as dimensões para ensinar não só sobre a memória da escola, mas também para trabalhar nas aulas de matemática o conteúdo de geometria a partir das características arquitetônicas da escola, por exemplo. Ou então construir com os alunos os jornais

estudantis de uma determinada época adaptando-o à outro tempo. Além de ser também oportuno nesta dimensão ensinar aos alunos e professores a arte do guardar, a importância em se guardar, prezando a ideia de identidade e pertencimento pelo ensino. É ensinar que os materiais produzidos por alunos e professores dentro do ambiente escolar pertence sim ao espaço de memória que estão visitando, é fazer com que se sintam pertencentes ao coletivo.

Ao observar o Memorial do Farroupilha, é possível identificar que está presente nas práticas pedagógicas em todos os níveis de ensino. Existem aulas programadas com o objetivo de aproximar estudantes e professores das memórias da instituição e também para melhor conhecerem a história da cidade, de seus antepassados, da educação. Destaco um exemplo de uma atividade realizada pelo Memorial com os alunos do ensino fundamental, para falar sobre a história da escola. Alice dá uma aula sobre o assunto junto com a professora da turma utilizando objetos que fazem parte do acervo, como por exemplo as fotografias da primeira sede, a maquete em miniatura do Velho Casarão, jogos de memória a partir de imagens dos uniformes para criar uma linha do tempo de como eram os uniformes e como são agora, possibilita desta maneira através da materialidade as informações em forma de objetos o assunto estudado.

Sobre as atividades de ensino no Memorial do Colégio Bom Conselho, foi possível identificar que as aulas e uso do espaço acontecem por parte dos professores conforme seus cronogramas e conteúdo, são práticas individuais, sem a presença da responsável pelo lugar de guarda. De acordo com Irmão Carla, o que se tem é uma solicitação via sistema para agendamento do Memorial de maneira que só uma turma utilize o local por vez. Sobre as atividades realizadas no espaço não se tem registro, formal do que é ensinado para os alunos das dependências do Memorial. Em verdade, as informações disponibilizadas sobre este ponto não foram específicas o suficiente para que eu pudesse entender esta dimensão na escola.

Parto para análise do Museu Arlindo Hoppen, do Colégio Sinodal, referente ao ensino, conclui que os professores sempre tiveram livre acesso ao espaço, produziam suas aulas e levavam suas turmas para dentro do Museu, agendam com a coordenadora e ela fazia as visitas guiadas dentro da temática da proposta de aula. Inclusive projetos de diferentes áreas foram produzidos pelo Museu com alunos de idades diversas. Destaco como exemplo o projeto de Botânica realizado em parceria com a disciplina de Biologia onde os alunos catalogam todas as flores e árvores existentes na escola. Como resultado

deste projeto, foi produzido um relatório, um texto e uma exposição com fotografias e dados das flores e plantas encontradas, os materiais oriundos deste projeto fazem parte do acervo do Museu.

Quanto à dimensão pesquisa, acredito que nada melhor do que um levantamento do que foi produzido sobre estes espaços ou baseado nos acervos deles para nortear esta parte da análise. Ressalto que existem muitas produções acadêmicas como Trabalhos de Conclusão de graduação, apresentações em eventos, Dissertações e Teses, além de citação sobre estes Museus e Memoriais aqui estudados. Contudo, optei por construir um quadro (QUADRO 6) apenas com artigos publicados em revistas científicas, usei como descritores os nomes dos colégios e dos seus espaços, bem como das revistas/jornais estudantis dos colégios. Escolhi o Google acadêmico para tentar localizar publicações em diferentes revistas não só as de História da Educação.

Quadro 6: Publicações acadêmicas produzidas a partir dos acervos escolares

PERIÓDICO	TÍTULO	ANO	AUTORES	ESCOLA
REVISTA ELETRÔNICA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MUSEOLOGIA E PATRIMÔNIO	Patrimônio educativo e patrimônio histórico-científico no Brasil: alguns apontamentos	2015	Maria Cristina de Senzi Zancul	SINODAL
<u>RIDPHE R REVISTA IBEROAMERICANA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO-EDUCATIVO</u>	“Quem vive de presente é o museu”: a dinâmica do Memorial do Colégio Farroupilha de Porto Alegre/RS.	2016	Alice Rigoni Jacques Gabriela Mathias de Castro	FARROUPILHA
REVISTA EDUCAÇÃO POR ESCRITO	Vestidas de azul e branco: o feminino uniforme no Colégio Farroupilha de Porto Alegre (1950)		Alice Rigoni Jacques, Raphael Castanheira Scholl	FARROUPILHA
REVISTA HISTÓRIA UNICAP	Traçando o perfil social de técnicos contabilistas uma análise prosopográfica a partir de fontes encontradas no Memorial do Colégio Farroupilha de Porto Alegre/RS	2016	Eduardo Cristiano Hass da Silva Milene Moraes de Figueiredo	FARROUPILHA
REVISTA LINHAS	Liturgia da memória escolar - Memorial do Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha (2002)	2014	Maria Helena Câmara Bastos Alice Rigoni Jacques	FARROUPILHA
REVISTA ACADÊMICA LICENCIA&ACTURAS	PARA ALÉM DE REPOSITÓRIOS DA CULTURA ESCOLAR: cartografiados lugares de	2018	Lucas Costa Grimaldi	FARROUPILHA AMERICANO

	memória da educação de Porto Alegre/RS			
REVISTA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO	Museu Escolar Arnildo Hoppen do Colégio Sinodal de São Leopoldo/RS (1996-2015)	2015	Luciane Sgarbi Santos Grazziotin	SINODAL
REVISTA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO	O Crisol: periódico das alunas do Colégio Americano (Porto Alegre/RS, 1945-1964)	2013	Dóris Bittencourt Almeida	AMERICANO
REVISTA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO	Entre lápis, cadernos e memórias: o memorial do Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha	2015	Alice Rigoni Jacques	FARROUPILHA
REVISTA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO	Do Schüler-Zeitung ao O Ateneu: marcas da cultura escolar nas páginas dos periódicos (São Leopoldo/RS, 1964-1973)	2013	Luciane Sgarbi Santos Grazziotin Joana Frank	SINODAL
REVISTA DO CENTRO DE MEMÓRIA DO OESTE DE SANTA CATARINA - CADERNOS DO CEOM	Ensino e Memória: os museus em espaço escolar	2016	Nara Beatriz Witt Zita Rosane Possamai	AMERICANO FARROUPILHA BOM CONSELHO
REVISTA CONJECTURAS: FILOSOFIA E EDUCAÇÃO	Um periódico juvenil: civilidades nas páginas de O Clarim	2012	Dóris Bittencourt Almeida	FARROUPILHA

Fonte: Autora

Através deste quadro conseguimos identificar a potência que possuem estes espaços e dos acervos contidos neles, uma vez que encontramos publicações sobre diversas temáticas. Na sequência, apresento mais informações individuais sobre cada espaço quanto aos movimentos produzidos para promover pesquisa dentro de suas paredes.

O Memorial do Colégio Farroupilha oferece oficinas e visitas ao acervo de pesquisadores de diversas instituições de ensino superior, principalmente, estado do Rio Grande do Sul, com o intuito de que novas pesquisas possam emergir de seu acervo. Muitas pesquisas emergiram e foram publicados através do acervo do Memorial do Colégio Farroupilha, material este que enriquece o campo de História da Educação, fomenta mais interesse por parte da comunidade universitária e retorna para a instituição como publicidade positiva para que novas famílias tenham interesse em pôr seus filhos nesta escola, além de publicações³² comemorativas pelo tempo de existência da instituição.

³² Abe 150 anos O passar dos tempos e a Educação: a excelência na história do Colégio Farroupilha. Leandro Telles e Naida Menezes. Porto Alegre: [S. ED], 2012.

Destaco que Alice, enquanto responsável pelo Memorial produziu inúmeros artigos, uma Dissertação e sua Tese, entre os temas estão a história e memória da escola, bem como do Memorial, cadernos escolares, agendas escolares por exemplo. Há uma política de envio para o Memorial de todas as pesquisas realizadas que envolvam o seu acervo e sua história, mantendo, desta forma, um controle sobre os números de produções. Esta dimensão é muito forte no Memorial do Colégio Farroupilha, sobretudo há alguns anos quando Alice então estudante de Doutorado em Educação e integrante da equipe do projeto, financiado pelo CNPq, de sua orientadora de Mestrado e Doutorado, a professora Maria Helena Câmara Bastos, o que viabilizou a produção de dois livros, *Do Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha/RS: Memórias e histórias (1858-2008)*, vol. I e II. Estes livros são a reunião de trabalhos acadêmicos sobre a história do Colégio e seu Memorial e suas influências na história da educação e da sociedade - de diferentes autores, com consulta ao acervo do Memorial. Entendo a importância destas produções científicas para o campo da História da Educação, de modo que decidi reunir em um quadro (Quadro 7) o sumário dos dois volumes para que você leitor possa ter acesso à pluralidade de pesquisas que podem se constituir a partir de um acervo escolar.

Quadro 7: Artigos presentes nos livros *Do Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha/RS: Memórias e histórias (1858-2008)*, vol. I e II.

Volume I
O Associativismo entre Alemães e Descendentes no Rio Grande do Sul
A Associação Beneficente e Educacional de 1858 e o Colégio Farroupilha (1886)
O Memorial do Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha: Um Espaço de Ensino e Pesquisa (2002)
O Velho Casarão: Um Estudo sobre o Knabensechule des Deutsches Hilfsverein/ Colégio Farroupilha (1895–1962)
O Kindergarten do Deutscher Hilfsverein (1911-1929)
A Imprensa Escolar do Colégio Alemão: Das Band e Relatório Mensal do Ginásio Teuto-Brasileiro Farroupilha (1929-1939)
Um Caminho de Pregnâncias: Os Cinquenta Anos de Alfabetização da Professora Lia Mostardeiro (1945-1994)
Memórias Juvenis nas Páginas de um Periódico: O Clarim (1945-1965)
Cartilha, Festa e Escrita Infantil: Álbuns e Cartas dos Alunos do Curso Primário (1948-1966)
Do Carimbo à Caneta Vermelha: Marcas de Correção em Cadernos Escolares (1948-1958)
A Escola Técnica de Comércio Farroupilha (ETC/1949-1982)
Meu Diário: Escritas de Si na Escola Primária (1951/1957)
Um Retrato Multicolorido da Escola: Cadernos de uma Aluna Singular (1953-1957)
À Moda da Escola: O Uniforme Feminino (1950)
A Lembrança em Preto e Branco: Imagens de Primeira Comunhão (1958/1969)
Territórios de Professoras: O Currículo e as Práticas Escolares nos Registros de Matéria
Volume II

Um Arquivo em vários tons
Fragmentos de um Tempo: Fotografias e Memórias dos Alunos da Knabenschule des Deutschen Hilfsvereins (1886-1929)
Mädchenschule: Escola de Meninas do Deutscher Hilfsverein (Porto Alegre 1904-1929)
Era Uma Vez... as Escritas e os Desenhos Infantis no Álbum de Composições do Ensino Primário – 1939/71
O Processo de Reconhecimento do Ginásio Teuto-Farroupilha: Os Relatórios de Inspeção Federal (1937-1962)
A Pedagogia em Imagens: o Ensino Primário em Foco (Décadas de 1940 a 1960)
O Menino Brasileiro tem um Dever a Cumprir: Valores Morais e Cívicos em Cadernos Escolares do Curso Primário (Décadas de 1940/1950)
Páginas que persistem: Cadernos de Ciências Naturais e a Permanência de um Tempo Escolar (1940/1960)
Representações do Mundo nas Aulas de Matemática: Problemas Aritméticos em Cadernos dos Anos 1950
Escritos Imaculados: Cadernos de História, Registros de Memórias do Colégio Farroupilha (1950-1962)
Os Saberes Geométricos nos Cadernos do Ensino Primário (Década de 1950)
Gerações de Técnicos em Contabilidade: uma Análise Prosopográfica (Escola Técnica de Comércio 1950-1983)
Evocando Memórias: as Práticas do Clube Excursionista Serra do Mar (Cesm- 1948) e o Periódico Mícuim (1951/1958)
Interações Entre a Escola e a Cidade: do “Velho Casarão” ao “Novo Farroupilha” (1930-1962)
Os Caminhos do Livro no Colégio Farroupilha: Itinerários de uma Biblioteca Escolar
O Ensino Primário nas Páginas do Diário da Diretora Vera Elisabeth Reimer Matte (1968/1973)
Nos Tempos do “Farroupilha”: Memórias de Trajetórias Docentes (1966/2000)

Fonte: autora, sumários extraídos dos livros citados.

As organizadoras reuniram nos dois volumes 33 artigos que foram fruto de pesquisas a partir das memórias e história do Colégio Farroupilha, sua mantenedora e seu Memorial. Como já mencionado ao leitor, são produções com diversos temas a partir da cultura escolar desta instituição centenária.

Ao analisar a dimensão de pesquisa no Memorial do Colégio Bom Conselho, encontrei poucas publicações que tenham partido ou utilizado o espaço. Encontrei mais trabalhos referentes ao colégio, ao internato, ao modo de vida das Irmãs Franciscanas. Acredito que esse fato seja um sintoma das prioridades da instituição. Notei na fala da Irmã Carla que a ideia do espaço era para apreciação. A intenção sempre foi o uso pelos alunos e para os alunos, até então não existe um projeto estruturado para abrir o espaço para pesquisas e visitas externas. Importante destacar que a instituição mesmo não oferecendo atividades para a produção de pesquisa por parte de sua comunidade escolar ou até da sociedade, é uma escola que é favorável que pesquisadores entrem em contato para que o colégio ou o Memorial participe destes estudos

Quanto ao Museu Bispo Isac Aço, do Colégio Americano, este não apresenta registro de atividades relacionadas com visitas, oficinas, pesquisas, atualmente, visto que, o espaço está fechado, atividades que existiam anteriormente como é possível observar nas fotografias do próprio Museu. As publicações contidas no quadro foram produzidas antes do anúncio da falência da Rede Metodista e do fechamento do espaço, o que vai ao encontro de tudo descrito até o momento. Este Museu continha vida, difundia conhecimento, recebia visitantes e alunos, era um lugar propício a pesquisa.

Por fim, ao analisar esta dimensão no Museu Arnildo Hoppen, foi possível levantar que foram realizados diversos trabalhos acadêmicos sobre práticas antigas de educação, acervo do Museu, história da escola e da Rede Sinodal. A coordenadora do Museu realiza visitas guiadas, disponibiliza consulta ao acervo para pesquisa, tudo com hora marcada. Observei que o perfil dos pesquisadores que buscam pelo Museu é, principalmente de estudantes da Unisinos³³, pois existe uma larga relação entre a Universidade e a Rede Sinodal o que facilita a entrada dos alunos universitários e pesquisadores na escola para que façam suas pesquisas, essa relação se dá por proximidade geográfica e também por afinidades religiosas.

Para concluir esta categoria, sinalizo as informações elencadas como pertinentes, entendo que todos os espaços, de alguma forma, deveriam trabalhar todas as dimensões, contudo a realidade que temos é outra, e dentro do que é entendido pelas instituições, os lugares vão trabalhando em cada dimensão vista até aqui.

Portanto, afirmo que foi possível observar que os espaços dos Colégios Farroupilha e Sinodal percebem, cada um à sua maneira, as três dimensões dos seus lugares de guardar memória. O Memorial do Farroupilha é o lugar de memória mais ativo em ensino, pesquisa, difusão de seu acervo. É o espaço mais moderno, único com site ativo do Memorial, que possui maiores investimentos por parte da instituição, único que possui previsão de custos anuais com verba destinada exclusivamente ao seu uso, conforme narrativas das entrevistadas.

Em contrapartida, o Colégio Sinodal, mesmo sem site, sem sistema de catalogação, sem previsão orçamentária se esforça e se empenha em oportunizar para sua comunidade e para a sociedade meio de utilizar o Museu em todas as suas dimensões.

³³ A Unisinos foi fundada por jesuítas alemães fato que facilita o estreitamento de laços com o colégio Sinodal por possuírem muitos valores religiosos parecidos.

Desde sua criação, o espaço se empenhou em ficar aberto, tanto que hoje sua existência é reconhecida através de produções científicas, pesquisas e comunidade.

Por sua vez, o Colégio Bom Conselho, ainda que não se observe a presença das três dimensões, fornece indícios de estar aberto para mudanças, existem ideias de novas formas de utilizar o espaço, além de ficar subentendido na narrativa da responsável técnica que existem intenções para ampliar a interação entre Memorial, escola e comunidade. Reconheço nas palavras da Irmã Carla uma tentativa de explorar mais os espaços e usos deste memorial.

Entendi, ao longo da entrevista, que existem ideias, esboços de projetos, mas que o número de mãos disponíveis para tanto ainda é escasso. Existem muitas outras ações que precisam ser priorizadas antes de efetivamente todas as dimensões deste Memorial serem constituídas.

Decidi deixar o Colégio Americano e seu Museu por último na conclusão desta categoria, pois algumas inquietudes voltaram a percorrer meus pensamentos, dentre elas a que julgo ser mais importante neste ponto da pesquisa: será que eu deveria me deter apenas aos fatos presentes como este quase fechamento da escola ou levar em consideração toda a trajetória deste espaço de memória na utilização das dimensões de uso? Decido e acredito ser o mais correto optar neste momento em olhar o todo, uma escola centenária com um Museu estabelecido e reconhecido pela comunidade acadêmica merece que seus feitos e percurso sejam vistos como parte do todo, não só os acontecimentos das últimas décadas e sua destruição.

É público o fato de que a Rede Metodista, mantenedora da instituição, passa por dificuldades financeiras bem sérias, muitas reformulações estruturais foram feitas na tentativa de salvar a escola para que não seja necessário seu fechamento. Obviamente, o Museu também sofre com essa nova realidade e, atualmente, está fechado, sem possibilidade de acesso para visitas, pesquisas, sua responsável é a professora de História Suzana Oderisch.

Em sua narrativa, a entrevistada destacou que nos áureos tempos do Museu Isaac Aço, um tempo em que havia estagiários dos cursos de graduação de História e Museologia para fazer visitas guiadas. Existia um inventário em processo de estruturação para que se pudesse saber o que se dispunha no acervo, atividades culturais com ex-alunas mensais no andar subsolo do museu, havia movimento de pesquisas e produções

acadêmicas. O Museu Bispo Isac Aço foi um local que pensava em todas as dimensões de seu lugar, contudo, atualmente, nem como local de contemplação ele pode mais atuar.

Até o primeiro semestre desse ano (2023), havia uma tentativa de mantê-lo aberto mesmo que apenas com hora marcada para que os alunos pudessem usufruí-lo com seus professores, agora ele está oficialmente fechado e sua responsável foi deslocada para a sala de aula novamente. Triste fim de um lugar tão potente que periga ser esquecido junto com as paredes centenárias da escola mais antiga de Porto Alegre ainda em funcionamento.

Concluo esta seção destacando três fatos importantes sobre a relação entre pesquisa e lugares de memória escolares: primeiro ponto é a potência em pesquisa que existe dentro dos acervos destes espaços, como nos mostra a variedade de revistas, estudos e campos temáticos encontrados no quadro de artigos publicados. Dentre os títulos incluídos, encontramos temáticas relacionadas aos imigrantes, educação de moças, arquitetura escolar, revistas juvenis escolares, papel das responsáveis na construção dos espaços; os lugares de memória escolares da capital; patrimônio educativo, perfil dos técnicos contabilistas, entre outros.

Segundo ponto a ser elencado é a disponibilidades destes lugares em difundir seus acervos para além de sua comunidade escolar através de projetos de pesquisas, através de participações em eventos para falar sobre estes espaços. Último ponto, é a proporção direta entre publicações e atividades desenvolvidas nos lugares de guarda, ficou perceptível que quanto mais atividades, visitas e envolvimento com o espaço, maior é o acesso ao acervo, mais sujeitos se interessam por suas memórias, mais pesquisas *florescem naquele jardim*. Em sentido oposto, a proporção também se mostrou verdadeira, quando menos envolvimento e acesso ao acervo, menores os números de produção científicas. Infiro o fazer pesquisa como uma ação indispensável e imprescindível para o futuro de um lugar de guardar memórias, afinal de contas guardamos para dividir, para difundir, para multiplicar, para aprender e ensinar.

3.3 Seriam elas Guardiãs da Memória?

O guardião, [...] tem como função primordial ser um “narrador privilegiado” da história do grupo a que pertence e sobre o qual está autorizado a falar. Ele guarda / possui as “marcas” do passado sobre o qual se remete, tanto porque se torna um ponto de convergência de histórias vividas por muitos outros do

grupo (vivos e mortos), quanto porque é o “coleccionador” dos objetos materiais que encerram aquela memória (GOMES, 1996, p. 7).

Ao nomear esta categoria como “Seriam elas Guardiãs da Memória?”, faço referência exclusivamente, às funcionárias designadas a cuidar dos locais pesquisados. Percebi que todas são professoras ainda que nem todas atuantes, porém todas envolvidas com a Educação, seja lecionando ou como funcionárias administrativas das instituições, em posição de administradoras e responsáveis técnicas.

Trago na epígrafe uma reflexão Ângela de Castro Gomes acerca do que vem a ser uma guardiã de memória. Uma das questões que a pesquisa persegue é discutir se estas mulheres, responsáveis pelos memoriais/museus das escolas, podem ser consideradas guardiãs de memória, tendo em vista as relações que construíram com sua atividade de trabalho. Portanto, em conjunto com a intencionalidade do local de guarda de memória em existir, também é importante problematizar o papel de quem cuida deste espaço para que ele siga existindo e funcionando, as *personagens chave* para que essas ações aconteçam, para que haja movimento e organização do lugar.

A autora em questão entende que a ideia de uma guardiã de memória a identifica como sujeito responsável por um acervo, e que absorve as memórias e falas do grupo que representa. Essa guardiã se torna parte do todo e tem autorização para falar pelo grupo, portanto, elas são vistas como guardadores e narradores de lembranças compartilhadas. São pessoas que vivem aquele espaço e são as recordações que influenciam e são influenciados pelas memórias do grupo de quem são porta voz, além de ser importante para a guarda, para o controle do espaço, os guardiões fazem parte do processo, fazem parte do local e de sua significância.

Nesta pesquisa, as pessoas responsáveis pelos lugares de memória são todas mulheres. Longe de tomar isso com naturalidade, entendo que se trata de mais um dado a ser analisado. Neste sentido, Pereira (2007) explica a importância de levar em consideração essas questões, o ato de guardar é entendido como uma ação na maioria das vezes feminina. Conforme autora, durante suas vidas (essas mulheres) selecionaram e guardaram objetos de memória que foram sendo depositados, no que ela chama de caixinhas de lembranças (p. 7).

Corroborando com Pereira, busco em Michelle Perrot, estudiosa da história das mulheres, bases para compreender melhor o porquê de serem todas mulheres as responsáveis pelos lugares pesquisados. Qual a relação entre os gestos de guardar e a

história das mulheres? Como cita a historiadora (2005), “Ninharia, presentes recebidos em um aniversário ou uma festa, bibelôs trazidos de uma viagem ou de uma excursão, mil nadas, preenchem vitrines, pequenos museus da lembrança feminina...” (2005, p. 37). Essas mulheres foram construindo as memórias familiares e até as suas próprias recordações, guardando essas miudezas dentro de caixinhas, dentro de seus quartos, dentro de suas casas. Este gesto de guardar que foi passado de uma geração para a outra, quase que uma imposição do que é ser mulher.

Outro ponto destacado por Perrot (2011), “no teatro da memória as mulheres são sombras tênues” (p.18), fazendo referência ao fato de a história ter privilegiado o masculino quanto ao acesso aos espaços públicos, política, sociedade como um todo, pondo essas mulheres à margem – silenciadas e invisíveis. A sociedade colocou essas mulheres como aquelas que deveriam cuidar da casa, aquelas que deveriam cuidar dos filhos, dos maridos, das memórias da família através da guarda de fotografias, convites, bilhetes, cartas. Uma “memória silenciosa” (PERROT, 2011, p. 131), uma prática que vem sendo passada de mãe para filha, mesmo após essas mulheres tendo se libertado e ocupado espaços que antes eram em sua maioria ou em totalidade masculino.

Ouso antecipar uma informação que aparecerá nas análises mais adiante, pois pensando que nada é óbvio, ao realizar as entrevistas percebi que, mesmo de extratos sociais diferentes, todas as entrevistadas tiveram mães donas de casa. O que me leva a enxergar a transposição deste modelo de cuidado da casa para esses lugares de memória. O que corrobora com os fatores influenciadores destacados através das escritas das autoras citadas nos parágrafos anteriores.

Serão estas mulheres, de fato, guardiãs ou apenas responsáveis administrativas dos lugares de memória pesquisados? Quais as relações que elas estabelecem com as instituições em que trabalham? Para que possamos ir nos ambientando e para que todo o texto a seguir faça sentido ao leitor, faço uma apresentação das quatro personagens envolvidas para, nas próximas páginas, avançar individualmente com base na análise das entrevistas.

A primeira entrevistada é Alice Rigoni Jacques³⁴, pedagoga, Doutora em Educação, coordena o Memorial do Colégio Farroupilha em Porto Alegre, desde sua

³⁴ Informo ao leitor que prezando por uma leitura mais fluida, após apresentação das entrevistadas, por vezes optarei por identifica-las apenas pelo primeiro nome, visto que, seus nomes aparecem muito e colocar sempre nome e sobrenome pode pesar o ritmo da leitura.

criação em 2002. Ingressou na instituição ainda na década de 1980, vinda do interior do Rio Grande do Sul, e conforme fala da própria entrevistada “no auge de seus 22 anos”, assumiu turmas de 3ª série como professora.

A segunda entrevistada, Irmã Carla Ferreira da Silva, é responsável pelo Memorial do Colégio Bom Conselho, desde 2021, quando recebeu *a missão* de assumir a secretaria da escola, e, por consequência, de acordo com a estrutura organizacional da escola, o Memorial ficou sob seus cuidados. Formada em Artes Visuais, a religiosa cursou Magistério, lecionou para as noviças temas relacionados à religião católica.

Na sequência, apresento Suzana Oderisch, ela tem formação em História e, como professora, trabalhou por mais de vinte anos à frente de uma sala de aula. Ingressou no Colégio Americano em 2008, e, em 2019, assumiu o Museu da escola, pouco antes da pandemia do covid-19 começar. Oficialmente aposentada desde o primeiro semestre de 2023, segue atuante como docente de História, e agora já não mais no papel de responsável pelo Museu.

Por fim, Leni Schneider é coordenadora do Museu do Colégio Sinodal, ex-aluna da Rede Sinodal, ex-funcionária educacional da Rede. Aposentou-se pela Rede Sinodal, e foi convidada a assumir o trabalho no Museu no ano de 2011. Ela é formada em Ciências Sociais, bacharel e licenciatura, e tem pós-graduação em Administração Escolar. Entre vinda, partidas e retornos, sua relação com a escola tem por volta de meio século de existência, praticamente sua vida inteira.

Devidamente apresentadas aquelas que são, de certo modo, *peças chave* para a pesquisa, entendo que possamos dar continuidade aos demais itens desta categoria de análise. Conforme relatado ainda na introdução desta dissertação, nos primeiros segundos de vida deste trabalho não existia a intenção de pesquisar diferentes escolas nem seus locais de memória, tampouco essas personagens, contudo, inquietudes foram emergindo que nos levaram, pesquisadora e pesquisa, para outros lados. E foi neste novo caminho que as responsáveis por estes lugares se destacaram em meus apontamentos, a ponto de ganharem um espaço de investigação só para elas.

Portanto, à luz do conceito de “guardiã de memórias” (GOMES, 1996), pretendo analisar a relação destas mulheres com o lugar e com a instituição. Ou seja, por meio do exame da narrativa produzida em entrevista, juntamente com as observações que fiz, busco avaliar se essas mulheres podem ser reconhecidas como “guardiãs” do lugar em que trabalham.

Lembro o leitor que, no momento de escuta, procurei abordar questões que me disponibilizassem informações de suas vidas pessoais, origens, os caminhos que as trouxeram até os espaços de memória na busca por entender quem são elas? E, no segundo momento da entrevista, minha intenção era, a partir dos questionamentos já escolhidos, procurar compreender como se dá a relação entre estas mulheres e os lugares de memória que trabalham, como é a relação deste lugar com a instituição, bem como, com a comunidade escolar de modo geral.

Ao conhecer as escolas pela primeira vez, pude perguntar, me dedicar a observar os acervos com mais cuidado, tentar entender a própria configuração da escola a partir do que estava exposto em forma de memórias a serem lembradas, pude observar a rotina de cada responsável. Nas segundas e seguintes visitas, consegui novas fotos, me deparei com detalhes que eu não havia percebido de imediato. Vejo esses detalhes como indícios, descritos por Ginzburg (1989), que poderiam ter passado despercebidos se eu não tivesse me atentado aos sinais, examinando, a partir de outros vieses.

Conforme já expliquei, as quatro entrevistas ocorreram em datas marcadas, com o envio prévio das perguntas, busquei evitar assim um possível desconforto por parte das entrevistadas em não saberem o teor dos questionamentos. Notei que todas se sentiram mais confortáveis por saberem o que seria abordado durante o encontro. Todas elas, antes de iniciarmos, agradeceram a escolha de suas instituições e reiteraram a disponibilidade em participar de novas pesquisas acadêmicas. Conforme Errante (2000), muitos entrevistados se preparam para as entrevistas, e de acordo com sua disposição para o assunto a rememoração terá um resultado ou outro. Uma espécie de decisão do que irá rememorar ou não e dentro dessas recordações o que irá disponibilizar durante sua fala, dando a sensação a este sujeito entrevistado que ele pode negociar inclusive o contexto em que irá dividir suas memórias. As entrevistadas falam por si e, naturalmente, em nome das escolas para as quais trabalham, o que me leva a sinalizar que, por vezes, suas falas podem vir controladas quando as perguntas forem relacionadas às instituições.

Considerando que fiz uma rápida apresentação de cada uma, agora é o momento de trazer outros elementos acerca dos itinerários dessas mulheres. Para tanto, apresento um quadro com o objetivo de evidenciar aspectos de seus percursos que entendo serem importantes para a pesquisa.

Quadro 7: Quem são estas mulheres? Quais são seus gestos de guardar?

	Alice R Jacques	Irmã Carla	Suzana Oderisch	Leni Schneider
Idade	64 anos	40 anos	59 anos	65 anos
Filhos	Sim	Não	Sim	Sim
Profissão	Doutora em Educação, Pedagoga	Professora de Magistério e Formada em Artes Visuais	Professora de História	Bacharel e licenciada Cien Sociais, pós em Adm escolar
Profissão dos pais	Mãe dona de casa, pai securitário	Mãe dona de casa, pai pescador	Mãe dona de casa, pai engenheiro	Pais Agricultores
Instituição que trabalha	Colégio Farroupilha	Colégio Bom Conselho	Colégio Americano	Colégio Sinodal
Ingresso na escola	1985	2021	2008	2011
Cidade	Porto Alegre	Porto Alegre	Porto Alegre	São Leopoldo
Fundação do Lugar de Memória	2002	2013	1994	1996
Nome do espaço	Memorial do Colégio Farroupilha	Memorial do Colégio Bom Conselho	Museu Bispo Isac Aço	Museu Escolar Arnildo Hoppen
Ano de ingresso no espaço	2001	2021	2019	2011
Como ocorreu o ingresso	Construiu projeto sobre a criação do espaço	Transferência Missão religiosa	Convite até aposentadoria	Convite pós aposentadoria
Qual o seu papel no local	Coordenadora	Responsável	Responsável Interina	Coordenadora
Relação com o espaço	“Isso aqui é minha alma, eu não consigo me desvincular desse espaço, tem minha essência, tudo tem meu encanto, meu jeito, meu olhar, e eu olho e penso em como eu vou passar isso adiante. Me preocupa muito. Eu não criei esse espaço para ser um lugar só de coleção, para que venham só olhar, eu gosto desse movimento”	“[...] Nosso Memorial vai até o ano de 2010, sabemos que temos 13 anos de história e memórias que precisam ser disponibilizadas a ideia é, conservar a exposição permanente neste espaço e criar também exposições transitórias entre as paredes e corredores do colégio”.	“Atualmente não há atividades neste Museu, como havia apontado, a Rede Metodista está em processo de recuperação judicial e de seus colégios no Brasil. Tenho dificuldade de imaginar o futuro”.	“Voltei da aposentadoria, não pelo valor financeiro ofertado, mas pelo valor sentimental que esta instituição representa em minha vida, e das memórias que carrego comigo desse lugar. Voltei porque entendo que esse lugar de memória precisa existir e seguir aberto”.

Fonte: Autora, a partir das entrevistas realizadas com as responsáveis.

Ao iniciar a análise das informações produzidas pelas entrevistas, é possível perceber, de imediato, que a maioria delas têm sessenta anos ou mais, o que reforça a

ideia de que elas já eram adultas quando da emergência por memória ressoar pela sociedade. São mulheres que, enquanto estudantes, possivelmente usavam o papel como principal meio de guardar informações, um recurso para a produção de documentos.

Notei que todas possuem relação direta com a Educação, mesmo que nem todas atuem na docência, atualmente, Alice é formada em Pedagogia, Irmã Carla é formada no Magistério (formação em nível médio) e bacharel em Artes Visuais, Suzana é professora de História e Leni é professora de Sociologia, apenas uma leciona. A partir deste ponto em comum, sou levada a crer, mais veemente, que a Educação está diretamente relacionada com a produção e preservação da memória, uma vez que, enxergo no ato de ensinar uma maneira de bloquear o esquecimento, uma forma de disseminar informação, de dividir e multiplicar culturas e saberes.

A maioria delas é mãe, acredito que este seja um dos motivos que as fizeram desenvolver a dimensão do cuidar, muito atrelado ao cuidado - que historicamente e culturalmente foi sendo passado para muitas mulheres - com a casa, marido, filhos, pais. Destaco que, em virtude de sua vida religiosa, a entrevistada, que não possui filho, também adquiriu o cuidar do outro como algo importante em sua trajetória. Outro ponto, já indicado, que me faz acreditar neste ato de cuidar, de preocupar-se com o guardar é que todas elas tiveram mães donas de casa.

Quando as questioneei sobre os locais em que trabalham, todas expuseram que exercem função remunerada em apenas uma instituição o que nos indica indiretamente maior probabilidade de construção de vínculo afetivo com o local de trabalho. Neste sentido, relataram que nutrem um sentimento fraternal, quase familiar, pela instituição e comunidade. Quase todas as entrevistadas já passaram por situações delicadas envolvendo a saúde delas e de familiares, contaram que o sentimento de acolhimento vindo da instituição e dos colegas, foram as ancoragens necessárias para que se mantivessem bem e sãs. Sentir-se pertencente a um lugar foi o diferencial para que superassem os momentos de dor.

Exceto a Irmã Carla que ingressou no Colégio Bom Conselho em 2021, as demais entrevistadas fazem parte do corpo de funcionários das escolas há bastante tempo: Alice ingressou na escola em 1985; Suzana é contratada em 2008 e Leni efetivamente começa a trabalhar no colégio Sinodal em 2011, contudo se aposentou pela Rede Sinodal, anos antes. Essas informações convergem com quanto tempo de relação que a guardiã precisa estabelecer com a instituição e o espaço para criar vínculo e pertencimento.

Quando paramos para analisar a data de criação dos espaços de memória e a relação que possam ter com suas administradoras, precisamos exercitar aquela nossa velha amiga, a inquietude, e procurar nas miudezas informações que possam ser valiosas para essa pesquisa, neste caso, o tempo. Começamos por Alice, ela ingressa na escola na década de 1980, e mais de vinte anos depois que o Memorial ganha vida através de um projeto seu. Ela pôde nesse tempo anterior a criação do espaço fazer parte desta comunidade, sentir-se pertencente, ser *o rosto da comunidade*, tanto que até hoje, quando a equipe diretiva precisa se ausentar é ela quem assume e segura as rédeas da escola, é um referencial para assuntos administrativos e pedagógicos, tanto para o Memorial como para o colégio.

Neste momento da escrita, me dou conta de que, erroneamente, pensei ser possível analisar item por item deste quadro de maneira individualizada. Ao contrário, vejo que as respostas se interligam porque quem respondeu apresenta relação direta com o lugar de memória pesquisado. O envolvimento delas com estes espaços, em algumas vezes, transcende o racional. Durante as entrevistas, elas demonstraram sentimentos *atrelados ao guardar* de preocupação, cuidado, ciúme, zelo, compaixão, posse, por estes lugares de memória e estas escolas. Quanto a isto, Errante (2000) diz que quanto mais o pesquisador se envolve com o objeto de sua pesquisa, mais passível de assumir aquela realidade ele fica. Acaba que começamos a viver aquele momento, aquelas dores e alegrias e torna-se cada vez mais difícil problematizar e construir pensamentos críticos sobre os objetos observados.

Corroborando com Errante trago o que Gomes (1998), denomina de “malhas do feitiço”, a dificuldade do pesquisador em se desprender do encantamento e realizar escolhas quanto a fonte em sua posse. Ao ver-se envolvido decidir o que utilizar de uma fonte vira um desafio, pois ingenuamente enxergamos o todo como verdade, somos iludidos pela feitiçaria inerente e natural das fontes. Imagino o quanto tenha sido difícil para Alice, enquanto produzia a Dissertação de Mestrado e Tese de Doutorado, lutar contra a sedução natural do local em que trabalha.

Irmã Carla é o oposto de Alice em questão de tempo na instituição e idade, enquanto a segunda está há quase quatro décadas de escola, a primeira chegou há apenas dois anos na instituição. Em contrapartida, ambas fazem parte da equipe diretiva dos colégios em que trabalham, Alice assumiu a coordenação pedagógica além do Memorial e quando necessário fica à frente como diretora interina. A Irmã Carla tem sob sua

responsabilidade a Secretaria Acadêmica, o cuidado com as outras Irmãs que trabalham na escola, o gerenciamento dos assuntos ligados aos ex-alunos, o Memorial, entre outras funções. Ela trouxe, com suas mais de duas décadas de vida religiosa, a experiência do preocupar-se com o outro, com a educação, com o sentimento de fazer parte de um todo. Além de ser a entrevistada mais jovem, a responsável com menor tempo de escola, também tem sob sua administração o Memorial mais recente de todos os analisados.

Suzana ingressou na escola em 2008, quatorze anos depois da criação do Museu Bispo Isac Aço, antes este espaço era conjunto com o Museu de Ciências Naturais e, na separação, ganhou a denominação que conhecemos hoje, sendo alocado na edificação em que se encontra até hoje. Antes de ser contratada pelo Colégio Americano, trabalhava em vários colégios o que, segundo a narradora, dificultava a construção de vínculos e laços afetivos no trabalho. Relata que os eventos de final de ano eram os piores, pois ela não conseguia participar de todos e, por vezes, decidia não participar para não ter que escolher um só. Quando passou a lecionar em tempo integral na escola, começou a participar da vida da comunidade escolar, a viver o espírito do Colégio Americano. Suzana comentou, com alegria, que presenciou os *anos de ouro do Museu*, os primeiros quinze anos do século XXI, em que tudo funcionava, tinham estagiários, atividades, alunos entrando e saindo, familiares visitando, estudantes universitários pesquisando, mas também, com tristeza, rememorou o início do fim deste espaço que possivelmente esteja já fadado ao esquecimento, em virtude da instituição enfrentar uma crise financeira. Com quinze anos de trabalho na mesma escola, ela já viu e viveu muitos sabores e dissabores enquanto pertencente a esta comunidade escolar.

Leni é a narradora com mais *tempo de casa*, entre ser aluna, voltar como funcionária, se aposentar, e então retornar para coordenar o Museu Arnildo Hoppen, já se vão meio século de relacionamento e engajamento à comunidade Rede Sinodal. A entrevistada não foi aluna do colégio, estudava do outro lado da rua em uma escola que pertencia a Rede Sinodal e participava das aulas de teatro que aconteciam na instituição. Andava pelas calçadas da escola, antes mesmo do Museu ser pensado, suas memórias do tempo de estudante do clube de teatro estão organizadas junto com os antigos figurinos, fotografias e desenhos que hoje fazem parte do acervo do mesmo Museu que ela coordena. Durante toda sua fala, fez pausas saudosas, rememorando o passado. Demonstra orgulho por estar ali como o posto que desempenha, confia que voltou pelas memórias, pela escola, mas por ela, para poder respirar aquele ar puro e diferente

que só o Morro do Espelho³⁵ tem, “entendia que existia vida fora dali, mas eram os ares do Morro do Espelho que ela sentia falta, era do lado de dentro dos portões que ela se sentia em casa” (2023). Compreendo que são as memórias da narradora entrelaçadas com as da escola, o sentimento de pertencimento daquele espaço que faz Leni sentir-se em casa enquanto está no Museu.

Ainda relacionando as narradoras com os espaços de trabalho, penso ser importante fazer alguns destaques. Alice idealizou a construção do Memorial, em 2001, e, desde então, está à frente deste setor. Irmã Carla recebeu uma missão religiosa no Colégio Bom Conselho, assumindo, desde final de 2021, os setores anteriormente mencionados e, por consequência, está à frente do Memorial. Suzana recebeu convite para ficar como responsável interina do Museu Bispo Isac Aço, em 2019, pouco antes da pandemia covid-19, uma vez que, estava no período pré-aposentadoria³⁶. Por fim, Leni trabalhou para a Rede Sinodal até se aposentar e, em 2011, devido à aposentadoria da coordenadora do Museu, ela foi convidada a retornar como coordenadora do lugar de memória.

Ao chegar no final da análise do quadro, me deparo com a questão mais subjetiva dentre as selecionadas a partir das entrevistas: como elas entendem sua relação com o espaço? Escolhi trechos das entrevistas em que percebi maior comoção, subjetividades, diante do que estavam dividindo comigo. Quando Alice diz que o Memorial do Colégio Farroupilha “é a sua alma” dá para sentir o peso dessas palavras, dói nela imaginar que aquele lugar possa cair no esquecimento, quando ela se aposentar. Seu receio é que tudo o que foi construído se perca, perca movimento, perca as cores e se transforme apenas um local de exposição permanente de *coisas antigas* da escola.

Em momento distinto ao de Alice, que carrega aquele sentimento de vivência de pertencimento estabelecido, destaco, na fala da Irmã Carla, o momento em que relata, com entusiasmo, as ideias que ela e equipe diretiva têm para o futuro do Memorial do CBC. Este momento me remeteu aos meus primeiros anos da graduação em Arquivologia, onde eu esperava conseguir organizar tudo de um Arquivo e em pouco tempo ter outros tantos à minha espera. Ela tem essa vontade de selecionar e organizar o acervo,

³⁵ Nome do bairro onde a escola foi construída na cidade de São Leopoldo conforme explicado nos capítulos anteriores.

³⁶ Estabilidade que a professora adquiriu de não poder ser demitida da Instituição através de legislação por estar próxima de se aposentar.

principalmente deste período, de 2010 até 2023, de memórias que estão acumuladas e ainda não foram expostas, e, de algum modo, conseguir construir uma continuação do Memorial. Fico imaginando como será possível esse movimento, uma vez que, acumula naturalmente várias responsabilidades. Acredito que deverá ser um trabalho de muitas mãos, uma ação dirigida por toda a equipe diretiva com apoio e auxílio de outros funcionários. Em sua narrativa, Irmã Carla, expressa que a ideia é preservar o Memorial já existente, sem mexer em sua estrutura e exposição atual. Respeitando a intenção original do espaço existente, visto que foi projetado para ser um lugar de memória, com exposição permanente com memórias, de 1905 até 2010, da escola e da congregação.

Enquanto isto a fala destacada da entrevistada Suzana não poderia ter sido outra, uma vez que, durante toda nossa conversa as questões financeiras e a possibilidade real da instituição vir a falir vieram à tona. Sua narrativa sobre o Museu Bispo Isac Aço veio carregada de pesar, por vezes beirando a incredulidade de que um lugar de guarda tão importante para a cidade está ruindo. É notório, em sua fala, que não consegue entender nem aceitar que este seja o destino deste espaço, um lugar potente, que vivia lotado, que tinha cor, movimento, agora estar vazio. Durante a entrevista, refletiu sobre o sentimento de impotência, pois o espaço de memória está fechado, sem atividades, sem vida. Há, em suas palavras, o temor de que se a escola encerrar suas atividades, devido à falência, o Museu esteja sentenciado ao esquecimento. É possível notar que tanto Alice quanto Suzana verbalizam o temor do esquecimento, não de si e de seu feitos, mas do espaço enquanto lugar constituído para ser guarda de lembranças de uma comunidade inteira.

Por sua vez, Leni *desistiu* da vida de aposentada e voltou para o colégio, de acordo com suas palavras, “não por necessidade financeira, mas pelo apego emocional que a escola e o Museu representam na minha vida”. Com orgulho, afirmou que o Museu precisava continuar existindo, que a comunidade precisava dele aberto. Pareceu que, mesmo de maneira inconsciente, acreditava que só ela poderia seguir o legado da administradora anterior. Claramente, percebi que ela sofreria se o espaço por algum motivo viesse a fechar, não chegou a mencionar o esquecimento, mas com outras através de outras palavras e sentimentos também demonstrou o mesmo medo das narradoras anteriores. Me atento neste momento para o fato de que esta angústia, medo aproximam Alice, Leni e Suzana. A incerteza do que será depois delas, se estes locais ainda existirão, o que farão deles.

Antes de seguir adiante, justifico que escolhi falas pontuais, propositalmente, para mostrar os diversos sentimentos que o trabalho em um lugar de memória pode provocar. Acredito que trazer essas singularidades no momento que elas se mostraram mais sensíveis e abertas durante as entrevistas possa nos ajudar, eu e você leitor, a identificar com mais clareza se elas podem ser consideradas guardiãs de memória ou não, à luz do conceito de Ângela de Casto Gomes, objetivo este que essa categoria se propõe. Reforço que, para considerarmos alguma destas mulheres como guardiãs, é necessário que, além da vontade, elas tenham se apropriado do espaço, do discurso, das atividades. Que elas sejam parte do todo, sintam verdadeiramente o discurso que expõe sobre os espaços, sua importância para aquela comunidade. É preciso viver o momento, o espaço, ser parte do todo. Dito isto, regressamos para as análises e apresentações das narradoras.

Seguindo a sequência expositiva, apresento mais detalhes das vidas e das atividades desenvolvidas por cada uma das quatro mulheres. No Memorial do Colégio Farroupilha, à sua frente temos Alice é viúva, e tem uma filha de 28 anos. Estudou em escolas particulares de freiras e padres, e segundo ela mesma conta, o interesse por memória foi despertado logo cedo, “Desde criança eu sempre fui muito ligada às coisas de coleção, eu tinha coleção de bonecas, chapéus, figuras de revistas, vários tipos de xícaras, vestidos. Sempre gostei dessa coisa de coleções e mexer com materialidade, papel” (2023). Atribuiu, como motivação interna, também ao pai este interesse por memória, vê nele o incentivador e combustível para esse despertar, “meu pai sempre teve um envolvimento muito grande com as questões culturais e históricas da cidade, ele pertencia ao Rotary Club e lá eles faziam muitos trabalhos voluntários, de recuperação de escolas e asilos” (2023). Rememorou que, mesmo não tendo muito estudo, seu pai tinha o costume de trazer revistas e livros para casa, vivia assinando revistas e comprando enciclopédias. Ela credita aos hábitos do pai seu acesso à leitura de obras importantes e também o gosto pelo estudo.

Sobre seu itinerário na instituição, Alice atuou no Colégio Farroupilha primeiramente, a partir de 1985, como docente dos anos iniciais de escolarização, depois, em 1990, integrou a equipe diretiva, quando surgiu a oportunidade de se construir efetivamente o Memorial, onde, desde então, trabalha. Assim, em 2000, elaborou o projeto de criação do Memorial do Colégio Farroupilha, a inauguração aconteceu em 2002 e, desde sua abertura, é ela quem responde pelo espaço. Diferente das responsáveis dos demais colégios, foi a pessoa que desenhou o projeto físico do Memorial, entretanto

não foi a primeira a pensar na importância daquele acervo. A professora Lia Mostardeiro, alfabetizadora, que lecionou por cinquenta anos nesta escola, antes de se aposentar, começou a reunir e unificar os acervos, tanto do colégio, quanto da Associação Beneficente e Educacional, a mantenedora da instituição, assim iniciou o processo de seleção das materialidades que comporiam, posteriormente, o acervo.

Figura 21: Alice e seu lugar predileto no Memorial



Fonte: autora

Na foto, Alice aparece posando na representação de uma antiga sala de aula, e que destacou ter mais carinho, “acho que a reprodução da sala seja meu objeto favorito do acervo por ser professora de formação” (2023). Após 2010, retornou para a Universidade para fazer Mestrado e Doutorado em Educação, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul no Programa de Pós Graduação em Educação, hoje segue atuante neste campo de pesquisa que é a História da Educação, contribuindo, tanto através de suas produções, como possibilitando que novos pesquisadores conheçam o Memorial e seu acervo.

Apresento os títulos da dissertação e da tese de Alice para que o leitor consiga entender que estes estão totalmente imbricados na história da escola: a dissertação “As marcas de correção em cadernos escolares do curso primário do colégio Farroupilha/RS”

e a tese “O ensino primário no Colégio Farroupilha: do processo de nacionalização do ensino à LDB nº 4.024/61 (Porto Alegre/RS: 1937/1961)”, no Programa de Pós-graduação em Educação da PUCRS, e orientação de Maria Helena Bastos, Doutora em Educação e ex-aluna do Colégio Farroupilha. É possível, caro leitor, perceber que ambas produções utilizaram como fonte o acervo do Memorial do Colégio, e, neste ponto, pondero o quanto deve ter sido desafiador para Alice. Escrever sobre uma temática que ela possui experiência, vivência, convivência, lutando para conseguir distanciamento e não cair nas artimanhas do feitiço.

Alice trabalha neste espaço há mais de duas décadas, produzindo aulas e oficinas para os alunos de todos os níveis escolares, desde a educação infantil. Essas atividades ocorrem regularmente durante o ano inteiro, relacionadas aos temas de estudo de cada etapa escolar. Ela explicou que utiliza os objetos do acervo expostos e alguns guardados para fazer ligações visuais de conteúdos estudados pelos estudantes. Ao longo do ano, quando existem atividades no calendário escolar, em que a escola estará aberta para a comunidade, o Memorial participa abrindo suas portas, ativamente, seja com exposições, seja com oficinas.

Além dessas atividades, Alice também recebe estudantes de Universidades, sobretudo de graduação dos cursos de História e Pedagogia. Nessas visitas, propõe reflexões sobre os gestos de guardar, sobre a História da Educação. Há uma combinação prévia com o professor responsável da turma de visitantes que os resultados produzidos destas visitas sejam enviados para que o espaço possua um controle do que é produzido pela Universidade através destas oficinas. Durante a entrevista, a questioneei sobre sua relação com o espaço, como ela entende seu papel naquele lugar de guarda:

Não tenho medo de esquecerem de mim, a escola tem muito disso, as administrações deixam seus registros, como diz Ricoeur, as gestões deixam seus rastros, ficam nos livros, nos textos. Meu medo é de que chegue alguém e não dê a continuidade que precisa, não valorize. Eu tenho um compromisso com esse legado da escola, com quem me antecedeu, me sinto responsável com quem vem aqui e deposita suas histórias e memórias sob a minha confiança, meu medo é o esquecimento disto. Meu dever de memória é esse, que tudo isso que me foi confiado siga sendo preservado e de maneira respeitosa. (Alice Jacques, 2023, entrevista concedida)

É perceptível, em sua fala, o quanto este lugar *toma conta de suas vísceras*, diz não ter medo do esquecimento, me questiono quanto a isso, uma vez que, se aquele espaço é indiretamente uma extensão dela, se dela esquecerem não estariam esquecendo o

Memorial em paralelo? Ainda, a responsável pelo Memorial do Colégio Farroupilha, diz que seu dever de memória com a sociedade é garantir que tudo que lhe foi doado em confiança como representante do lugar, seja respeitado, preservado, em outras palavras, acredito que ela gostaria que o Memorial seguisse assim, do jeito que está hoje.

Alice vislumbra um medo da aposentadoria, e, com tristeza, disse ter receio de se aposentar, de não saber quem assumiria o seu lugar. Entendo esse temor como um reflexo do sentimento de posse que ela não segurou e deixou transparecer, uma vez que, conscientemente ou não, aquele espaço *é dela*, existe através do esforço e dedicação dela, assim verbaliza, “esse espaço não é meu, mas sinto como se fosse, eu me vejo em cada objeto posicionado, isso tudo é o trabalho de uma vida, da minha vida” (2023).

À frente do Memorial do Colégio Bom Conselho encontra-se, atualmente, a Irmã Carla, também responsável pela secretaria do colégio. Natural da Bahia, Irmã Carla é a mais nova das mulheres, com 40 anos, tem mais 5 irmãos, filha de mãe dona de casa e pai pescador, relatou que ouviu o chamado da vida religiosa ainda muito jovem, e, desde então, vem se dedicando à obra franciscana, assumiu suas atribuições no colégio no final do ano de 2021, após aposentadoria e afastamento da antiga Irmã que cuidava desse lugar.

Contou que vive no Rio Grande do Sul desde 2006, foi neste período que ministrou aulas para as meninas que estavam ingressando na vida franciscana. Reforçou que o carisma franciscano se preocupa muito com a Educação, com uma Educação que vai além da Academia, guiada também por valores, propósitos.

Figura 22: Irmã Carla e sua parte predileta do Memorial



Fonte: autora

Para a fotografia, quando questionada qual seria seu objeto ou espaço preferido do acervo, não precisou pensar muito, “eu sou formada em Artes Visuais, gosto de obras, quadros, pinturas, mas o que mais me chama atenção são as máquinas fotográficas, os aparelhos de reprografia que temos. Ver a evolução da tecnologia é muito legal” (2023). Ao assumir a secretaria, ela *ganhou* o Memorial e, com ele, a responsabilidade de preservar e cuidar para que o local sempre esteja organizado para visitação. De acordo com a Irmã, a direção, como responsável pelo colégio, entende que este espaço é necessário para preservar e rememorar lembranças, tanto da instituição, como da vida das Irmãs Franciscanas da Penitência e Caridade Cristã.

No primeiro contato com a Irmã, pude perceber que, mesmo nova neste cargo e sem experiência de condução de um Memorial, demonstra interesse e preocupação com a memória contida naquele lugar. Durante entrevista, comentou que se preocupa em como essa memória estará guardada para que as futuras gerações de alunos possam usufruir e ter acesso as lembranças do que foi produzido pelo colégio e pelas Irmãs Franciscanas.

Ela verbaliza a importância em preservar as memórias, ressalta que o papel de guardar partiu das Irmãs, mesmo não se tendo como objetivo a construção de um espaço naquele momento. Muito do que se tem no acervo hoje foi guardado por décadas e, em 2000, quando a ideia do Memorial começou a ser desenhada no papel o acervo guardado já estava à disposição.

A ideia é usar as paredes e corredores para construir exposições itinerantes, sobre as memórias de 2011 a 2023. Usar o colégio para contar sua história. Já mencionei que nossa congregação tem mais dois espaços como este? Um no colégio São José em São Leopoldo e outro que conta a história só das Irmãs, todos foram feitos no mesmo período e visualmente são bem parecidos. (SILVA, 2023).

Conforme Quadro 7, o Memorial apresenta em seu acervo objetos que nos mostram os feitos da escola até o ano de 2010, e, ao longo de sua fala, a Irmã Carla foi me explicando a ideia, ainda um esboço em fase de maturação, sobre utilizar as outras dependências da instituição para conseguir expor memórias de 2011 a 2023. Destacou que a intenção não é mexer no formato do espaço atual do Memorial. Ele foi pensado e criado para oferecer uma exposição permanente e, assim, é muito provável que siga. A ideia seria utilizar as paredes centenárias, as salas e corredores cheios de história para receberem estas novas recordações através de exposições itinerantes e quem sabe até interativas.

Irmã Carla mencionou que a Congregação possui três espaços: o Memorial do Colégio Bom Conselho, o Memorial do Colégio São José na cidade de São Leopoldo, em que ambos os acervos são compostos por objetos tanto da história da Congregação como das memórias das escolas e das cidades. O terceiro Memorial foi construído no mesmo período dos outros, contudo este foi pensado para guardar as memórias das Irmãs Franciscanas pelo mundo e no Brasil. Destacou que os três lugares de guarda apresentam características físicas semelhantes, pois todos foram construídos e organizados por uma mesma museóloga³⁷ contratada na época, quase que simultaneamente.

Ao analisar a entrevista concedida pela Irmã Carla e observações realizadas sobre seu itinerário no Memorial e escola é que ela desempenha muitas funções ao mesmo tempo. Pelo que pude perceber a equipe diretiva como um todo se divide para atender muitas áreas da escola, o que diminui o tempo que ela pode se dedicar ao Memorial. A

³⁷ Até o final da escrita desta pesquisa não foi possível identificar o nome da museóloga que organizou o Memorial do CBC.

intenção do espaço ao ser criado já era um local de exposição permanente, o que por si só já diminui as atividades que precisam ser realizadas no espaço.

Chegou o momento de refletir sobre a narrativa de Suzana Oderisch, responsável pelo Museu Bispo Isac Aço. Ela é viúva, tem 60 anos, mãe de dois filhos já adultos. Natural de Porto Alegre, seu pai era engenheiro e sua mãe dona de casa. Ela diz que sua educação foi o maior trabalho de sua mãe. Comentou que, após ter crescido, viu sua mãe decidir cursar Enfermagem, se formar e começar a trabalhar na área. Sua antecessora, uma professora de Artes da escola, aspirava pela aposentadoria e queria se afastar de algumas funções, dentre elas o Museu. Permito-me a especulação de qual seria a razão para que esta docente quisesse se afastar do Museu? Será que ela quis encerrar todas as suas funções na escola? Será que o espaço analisado era visto como um peso? Será que a dificuldade financeira do colégio influenciou

Atualmente, no segundo semestre de 2023, o Museu está totalmente fechado, mas no começo desta pesquisa, em 2022, Suzana ainda estava trabalhando à frente do Museu e buscava reorganizar o acervo, tentando levantar seu inventário, enquanto se desdobrava para auxiliar os professores durante as práticas pedagógicas em que o Museu estava envolvido e também cumprindo sua carga horária como professora de História da mesma instituição.

Figura 23: Suzana, e a entrada do Museu Bispo Isac Aço



Fonte: autora

Na foto temos Suzana, do lado de fora do Museu, em frente a porta principal de entrada. Como é possível observar pelo chão cheio de folhas que as informações divididas em entrevista são, infelizmente, reais, o espaço está jogado às traças. Durante narrativa, a entrevistada contou que a parte do lugar de guarda que ela mais tinha apreço era o painel das cabeças de diversas etnias. Estes bustos eram utilizados para explicar a história e a geografia dos povos, como professora de história, ela gostava de mostrar para os alunos toda diversidade que podia ser pesquisada partindo desta exposição.

Suzana comentou que a pandemia de Covid-19 afastou a comunidade do Museu, pois a escola ficou muito tempo fechada, e, com a vida escolar retornando à normalidade, em 2022, esperava que a comunidade também reaparecesse. De certo modo, tinha esperança que tudo se normalizando o espaço teria recursos para seguir em frente, que teria uma maior carga horária nesta função para que pudesse, de fato, administrar o lugar, “me entristeço em ter esse acervo disponível e não poder oferecer um trabalho real e significativo, além disso não se tem verba no Museu, não tenho carga horária para me dedicar aqui como precisaria”. (2023).

Outro possível motivo, na percepção da entrevistada, sobre a ausência da comunidade escolar como um todo, foi a troca de professores, a maioria dos docentes desconhece a existência do Museu. Enfatizo, neste momento, que o conteúdo desta fala é de grande relevância para a pesquisa, quando Suzana narra que “docentes novos desconhecem a existência do Museu”, penso que pode ser uma realidade que se repita em muitas instituições, não só com as escolas analisadas. Estes professores muitas vezes atuam em mais de um colégio, possuem pouco tempo livre fora das salas de aula, além de não terem tido formação para o guardar durante sua formação acadêmica. Acredito que grande parte deste desconhecimento se dê por falta de incentivo e valorização da própria instituição com este espaço. Quem pensará em conhecer um lugar como este se não possui a prática de guardar suas memórias. Em parte, por ainda não se enxergar a potência que um espaço destes representa para pesquisa, para memória desses colégios. Quem pensará em guardar se durante a graduação não foi ensinado o movimento de preservação de lembranças?

Ainda sobre este momento de esquecimento do Museu, Suzana sugere em sua fala o que pode ter sido crucial para que a lembrança do espaço se perdesse entre os corredores dessa escola centenária, em suas palavras: “Houve uma renovação muito grande do plantel de professores, [...] duas ou três professoras, oriundas do internato, consideram o Museu como um lugar de memória afetiva e social” (2023). A entrevistada entende a importância, como professora de História, de seu papel à frente do Museu, lamenta não ter recursos para fazer mais e melhor por este espaço de memória, “não possuo formação, sei da importância em se fazer cursos, procurar pelas técnicas certas, gostaria de ter tempo”. (2023).

Quanto ao itinerário de Suzana, obtive informações apenas anteriores à sua chegada ao Museu Bispo Isac Aço. Contou que, como professora de História, tinha o hábito de levar seus alunos para visitarem o espaço, relacionando o conteúdo visto em aula com o acervo. Quando havia eventos na escola em que o Museu também era aberto, visitava-o, não só como professora em momento de aula, mas como parte de uma comunidade. Entretanto, à frente do Museu Bispo Isac Aço, não há muito o que se escrever, pois parece que ele já não mais existe. Essa realidade enfrentada por Suzana se enquadra nas limitações encontradas por muitos administradores de espaços de memória, nem sempre as instituições enxergam a necessidade destes lugares em existir. A importância destes espaços por vezes precisa ser provada constantemente e como no caso

do Museu do Colégio Americano, mesmo sendo um lugar de memória consagrado está à mercê da saúde financeira da escola para seguir existindo.

Como encarregada pelo Museu Escolar Arnildo Hoppen do Colégio Sinodal, encontrei Leni Schneider, membro da Igreja Luterana. Natural de São Miguel do Oeste/SC, é casada e tem um filho adulto. Filha de pai agricultor e mãe dona de casa, vai para São Leopoldo completar os estudos. É neste momento, ainda adolescente que sua história com o Sinodal começa, “Estudei no ensino fundamental na cidade de Feliz no RS e no ensino médio, em São Leopoldo/RS, na Rede Sinodal, se chamava Instituto Pré-Teológico, hoje é a Escola Superior de Teologia” (2023).

A narradora trabalhou na Rede Sinodal dentro do departamento educacional, é formada bacharel e licenciada em Ciências Sociais, com pós graduação em Administração Escolar e também em Educação Popular. Sua vida se mistura com a escola, tendo em vista que há quase meio século possui laços que a liga ao colégio e a Rede. Depois que assumiu o Museu Arnildo Hoppen, procurou por cursos na área da Museologia, ofertados pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, para conseguir desempenhar melhor suas funções. Participou de cursos práticos de curta e média duração. Essa parceria entre Colégio e Universidade é longa, rendeu muitos frutos, entre eles, pesquisas de iniciação científica, estágios, entrevistas, pesquisas de mestrado e doutorado. É a própria Leni que conduz as visitas guiadas para a comunidade e pesquisadores, ela também é responsável pelos eventos que envolvam os ex-alunos.

Ao longo de sua narrativa, Leni enfatiza que voltou da aposentadoria pelo valor sentimental que esta instituição representa em sua vida, em sua história e das memórias que ela carrega daquele lugar. Enxergo aqui mais um indício do relacionamento entre entrevistada e o lugar em que trabalha, a dificuldade do desprendimento, creio que existam mais fatores, mas não foi possível identifica-los através de suas narrativas. Segundo suas palavras, “ela precisa mais daquele espaço do que o inverso”, pois na possibilidade do Museu não ser mais o que era significaria que ela fracassou, como se mantê-lo aberto fosse mais do que apenas um mero trabalho. De acordo com suas próprias palavras, Leni voltou porque entendia que esse lugar de memória precisa existir e seguir aberto, só assim as crianças da comunidade entenderiam quem são, pensar em para onde ir descobrir de onde vieram.

Fui contratada para o cargo de Coordenadora do Museu Escolar, na qual exerço as funções de manter, cuidar, organizar e apresentar o acervo histórico do Colégio Sinodal, visando manter viva a memória da instituição para gerações mais novas de estudantes a partir de visitas e exposições do acervo. (2023)

Leni assumiu este cargo em 2011, mas comentou que a antiga responsável, prof^a Lilian, à frente da administração do Museu, de 1996 até 2011, a visitava com frequência para ajudá-la, nas atividades do lugar de memória, ainda em 2019. A pandemia de Covid-19, a partir de 2020, fez com que as então *parceiras* de Museu se distanciassem, uma vez que, a professora Lilian Sofia tem hoje 90 anos e precisa tomar mais cuidado com sua saúde. A narradora lembra, com ares de orgulho e satisfação, o tempo em que trabalharam juntas, sem constrangimento algum, dá créditos à sua antecessora por todas as técnicas e organizações do Museu. Leni diz que toda a organização, inventário e catalogação seguem as diretrizes iniciadas por sua antecessora.

Figura 24: Leni, na entrada do Museu Arnildo Hoppen



Fonte: autora

Apresento neste instante, Leni, a coordenadora do Museu Arnildo Hoppen, em um dos locais que ela disse gostar de tirar fotos, na entrada do espaço, onde recebe os visitantes e onde pode observar as tantas árvores e flores que existem no terreno, muitas plantadas com a sua ajuda. Lembro que ela me encontrou na porta na minha chegada com um largo sorriso e se despediu de mim no mesmo lugar de maneira a concluir comigo o trajeto percorrido durante minha visita.

Neste momento, entendo ser importante, para o entendimento deste lugar de memória, conhecer melhor a professora Lilian Sofia Saenger. Ex-aluna do colégio, estudou nas décadas de 1940 e 1950, trabalhou como secretária da escola e após se formar retorna à instituição como professora de Belas Artes. Em entrevista concedida em 2013, Lilian, a *famosa* antecessora, mencionou que foi atrás de cursos, que não era formada em Museologia, mas que fez curso de como cuidar de documentos, fotografias, organização de arquivo, enfatizou que foi tudo com seu dinheiro, pois desde a criação do projeto do Museu a instituição esclareceu que não haveria verba fixa para o espaço. Em sua narrativa, Lilian, esclareceu que para tirar, efetivamente, o Museu Arnildo Hoppen do papel teve ajuda de docentes, marceneiro, auxiliar de limpeza. Tudo que havia de mobiliário na escola passou por reforma, higienização e adaptação para que virasse balcões, expositores, armários.

Em 1996, próximo ao aniversário de cinquenta anos do Colégio, conseguiu organizar o acervo do Museu Escolar, onde trabalhou até sua aposentadoria em 2011 (GRAZZIOTIN, 2015). Começou a selecionar os documentos e objetos para as datas comemorativas, Hartog (2006), fala das comemorações realizadas pelos sujeitos como parte do dever de memória coletivo, a necessidade de mostrar os feitos, reviver histórias que representam a identidade de um grupo sejam de lembranças boas ou ruins, o importante é rememorar, por felicidade ou para não esquecer. Ao longo de sua fala, Lilian, ao ser questionada sobre seu relacionamento com a atual funcionária, além de elogiar o trabalho da colega expressou contentamento por serem diferentes (2013), “eu gosto da pesquisa, Leni gosta de organizar [...] cada uma faz uma coisa e ela passa a conhecer o Museu”, lembrança de quando ambas coordenadoras do Museu estavam trabalhando juntas e Lilian fica para ajudar na ambientação de Leni com a administração do lugar de guarda.

Enxergo Lilian como uma guardiã, e possivelmente só tenha se afastado em função da avançada idade. Ela dedicou mais de duas décadas só ao espaço. Entre coordenar oficialmente e seguir ajudando extraoficialmente, foram 23 anos de dedicação. Não foi possível entrevistá-la, contudo tive acesso a uma entrevista que ela concedeu em 2013/2014. De posse deste documento somado com a fala de Leni, Segundo a responsável atual do Museu:

Lilian buscou saberes, dedicou-se para que o Museu saísse do papel mesmo sem recursos. Mesmo sendo nora do diretor daquela época, não teve regalias e privilégios, precisou empenhar-se e contou com ajuda de funcionários do Colégio, como marceneiro e faxineira, para deixar o lugar com mais jeito de Museu possível. (Leni, 2023, entrevista concedida).

A partir da publicação de Grazziotin (2015), observa-se que Lilian transformou o antigo internato em local de visitação e contemplação de uma história rica em importância que não podia ficar esquecida nos documentos encaixotados ou nos móveis já sem serventia. Durante sua narrativa (2013), ela também evidencia que, mesmo tendo vontade e disposição para construir e fazer crescer o Museu, tudo que foi conquistado foi sob muita perseveranç a, nenhum incentivo financeiro.   possível notar, em sua fala, que há uma gratidão e um apego muito grande pelo Museu e pela escola. Filha de pai sapateiro e mãe costureira pôde estudar na escola pois ganhou bolsa de estudos, assim como seus irmãos. Lilian fez questão de esclarecer que sua dedicação em tirar a ideia de Museu escolar do papel veio antes de seu sogro virar diretor do colégio, bem como, não teve privilégios por isto. Tudo que foi construído e conquistado foi fruto de trabalho em equipe, crenç a no seu objetivo e esforç o para que o Museu fosse reconhecido como setor indispensável de sua instituição. Atualmente, reside em um lar para idosos também da Rede e localizado próximo ao colégio.

Ao rememorar a trajetória de Lilian, penso ser importante trazer um breve relato sobre a trajetória de Lia Mostardeiro, professora do Colégio Farroupilha, uma alfabetizadora que dedicou literalmente meio século de vida a esta escola, lecionando para turmas da 1  série. Inclusive em virtude deste feito, a professora Lia recebeu, em 1995, o título de cidadã em rita³⁸ pelos serviç os prestados em prol da educação da cidade de Porto

³⁸ Ata da sessão solene em homenagem a professora Lia Mostardeiro. Disponível: https://www.camarapoa.rs.gov.br/site/anais_sessoes_plenarias_antigas/1995/04/18/004a%20SS%20-%2018abr1995.htm

Alegre. Antes de se aposentar, foi convidada a organizar e reunir acervo tanto da escola como da mantenedora. Automaticamente me questiono, caso Lia Mostardeiro ainda estivesse viva, será que ela teria agido como Lilian? Se ela tivesse voltado de sua aposentadoria, será que ela iria trabalhar com Alice Jacques no Memorial do Colégio Farroupilha?

Retorno para a responsável pelo Museu do Colégio Sinodal, quanto às atividades desempenhadas por Leni, pude observar que ela continua buscando guardar e preservar as memórias da instituição, segue tendo o cuidado de catalogar os objetos que chegam, aceita pesquisadores para que possam conhecer e entender a importância daquele lugar para a História. Quando expõe o que pensa sobre a necessidade de se preservar a memória escolar, quando participa e se envolve com as visitas dos alunos para atividades de aula, ela tem em sua fala uma intimidade e uma posse sobre o que discorre por viver aquele momento com a instituição, por se sentir parte destas memórias. O Museu recebe visitantes e estudantes externos mediante agendamento, mas os alunos e comunidade escolar possuem entrada livre.

Ao encerrar as análises em torno do papel dessas mulheres à frente dos espaços de memória das escolas, pude notar semelhanças e singularidades tanto em suas relações com o lugar de memória quanto com seu papel à frente deste espaço. Parto não só das entrevistas, mas dos questionamentos que foram sendo produzidos ao longo de minha escrita sobre o que levou essas personagens a se interessarem pelos espaços de memórias, o que faz com que ainda queiram estar nestes lugares; o que estas instituições representam na vida destas mulheres? Relembro o que Gomes (1996) diz sobre ser guardiã e suas funções, “a guardiã tem como função ser um “narrador privilegiado” com autorização do grupo sobre o qual fala. Ponto de convergência das histórias vividas, um profissional da memória”.

Dentre as semelhanças, foi possível identificar que todas possuem nível superior relacionado com a Educação em cursos de graduação em licenciaturas, embora apenas Suzana Oderisch atue como docente atualmente; quase todas possuem filhos adultos; todas expressaram entender a importância e necessidade em guardar memórias desde jovens. Quanto aos questionamentos sobre a relação delas com o espaço que trabalham, todas trabalham sozinhas nestes espaços pesquisados. Pontos convergentes que me remetem as problematizações construídas no início desta categoria de análise. Esse gesto de guardar vem entranhado em nós mulheres, esse ato de cuidar, de preservar as

memórias, essa ligação com a Educação são reflexos de nossa sociedade que por muito tempo *aprisionou* suas mulheres na segurança de suas casas, e ditou quais as profissões seriam apropriadas para o sexo feminino.

Quanto às singularidades, compreendo a importância de rememorar alguns detalhes das nossas entrevistadas, visto que, o objetivo desta categoria é entender se elas podem ser consideradas guardiãs de memória à luz do conceito de Gomes (1996). Dito isto, inicio o final desta análise, com minha percepção. Depois de tudo o que investiguei, sou levada a concluir que Alice e Leni podem ser consideradas sim guardiãs de memória, pois elas *vivem* aqueles lugares, sentem e compreendem cada lembrança contida naquelas paredes, elas estão profundamente implicadas nas memórias guardadas pela instituição e a comunidade reconhece nelas suas interlocutoras. Suas ações e atividades enquanto guardiãs visam a guarda e preservação das memórias, mas também a disseminação da informação através de oficinas, eventos, pesquisas, entrevistas; a conscientização da comunidade para que também participem desse espaço.

Mesmo que Lilian não faça parte das narrativas selecionadas, como foi citada acredito que seja necessário justificar o porquê de também considerá-la guardiã. Tal como as demais, citadas anteriormente, ela se *jogou na relação com o Museu*, tinha sua vida entrelaçada às memórias da escola como ex-aluna e como funcionária. Se desdobrou para tirar do papel este lugar, correu atrás de incentivo, doações, mobiliário, fez cursos e só parou de viver o local em função de sua avançada idade. Ambas possuem uma história individual tanto com as instituições quanto com os lugares que administram, em verdade elas são parte das memórias daquele espaço. Momentos importantes de suas vidas foram vividos enquanto elas eram funcionárias destas instituições o que aumenta o sentimento de pertencimento, em suas falas elas comentaram que nestes acontecimentos não teriam como mensurar a falta que as escolas teriam feito.

Entretanto, após análise criteriosa, entendo que Suzana e Irmã Carla não são guardiãs de memória, contudo, enxergo nelas características semelhantes as outras entrevistadas que facilmente as identificariam como guardiãs, infelizmente, fatores institucionais e temporais as impossibilitaram de querer realizar algo e tomar para si o pertencimento destes espaços. Suzana assumiu um espaço de memória sem muitas chances de fazer algo por ele, pois a falência do colégio Americano está cada vez mais iminente e atingiu completamente o funcionamento do Museu, em verdade, ela nem teve chances. O Museu Bispo Isac Aço até o final da escrita deste texto, ano de 2023, encontra-

se fechado, sem responsável, sem manutenção, nem as pessoas responsáveis pela limpeza predial tinham mais acesso ao local e esta realidade não tem previsão de mudar. Quanto ao questionamento de ser ou não guardiã, percebo que ela não pode ser considerada, visto que, estava há pouco tempo com esta função, além disso ela já pegou uma tarefa em processo decadente.

A Irmã Carla tem o apoio da instituição em manter e expandir o Memorial e suas atividades, contudo, tem como impeditivo o fator tempo. Percebo que existe intencionalidade nas suas ações em seguir preservando a memória escolar, em abrir mais o Memorial para novas pesquisas, em trazer mais a comunidade para que se sintam pertencentes as memórias guardadas ali. Inclusive a ideia de transformar o próprio colégio como parte do acervo, parte da exposição faz com ela se sinta parte do todo, contudo ela assumiu o cargo há apenas dois anos e este processo de tornar-se guardiã está muito interligado com as relações e apropriações que acontecem entre responsável, instituição e lugar de guarda. Acredito que, para o futuro, ela possa sim ser considerada uma guardiã em algum momento no decorrer de sua função como responsável do Memorial do Colégio Bom Conselho, não neste momento em que esta pesquisa acontece. Ratifico esta afirmação pois parto das expectativas construídas pela própria entrevistada e dividas comigo durante sua narrativa sobre a guarda da memória do colégio.

Concluo esta categoria destacando que “guardiã de memória” também é um conceito que se sustenta no Tempo Presente, que faz sentido se houver um lugar de guarda para que esta pessoa atue sob um acervo ou então sob um grupo. É uma das respostas aos questionamentos produzidos no presente em torno da memória. Ser guardiã vai além de cartilhas, vai além do que você precisa dizer ou fazer. Receber essa *titulação* está mais para o que você é capaz de sentir, as intencionalidades existentes em suas ações para com os objetos de memória que lhe foram confiados.

Ser guardiã é apropriar-se, com autorização, dos vultos de um passado que pode ou não ter sido seus. Fragmentos de recordação que passam a ser de quem os protege. A partir do momento que esta pessoa passa a sentir-se pertencente ao discurso que divulga sobre os objetos de memória que estão sob sua responsabilidade, ela como a indicar indícios de sua posição. Não há uma regra que estabeleça quanto tempo de envolvimento precisa existir, o que é validado são as relações que se estabelecem entre quem guarda, o local de guarda, e a instituição detentora deste acervo.

No discurso das mulheres consideradas guardiãs, havia sentimento, pertencimento, preocupação, dedicação, intenção, interesse, determinação, proteção, costume além do tempo dedicado ao espaço, em algum momento suas vidas convergiram com o viver estes lugares, elas se jogaram com tudo e estavam inteiras no processo. Ambas, Alice e Leni, interagem com os acervos, sofrem com a possibilidade de esquecimento e com o momento em que não voltarão para o posto e alguém com ideias divergentes assumirá os lugares de memória. Notei nestas falas o quanto o incentivo real ou fictício das escolas pode impulsionar ou enterrar os gestos e querereres de uma pessoa que busca a construção de espaço para a salvaguarda das memórias, neste caso, escolares.

CONCLUSÕES

A realização da escrita desta dissertação oportunizou a produção de mais um estudo dentro do campo da História da Educação, envolvendo quatro lugares de memória escolares, em Porto Alegre e São Leopoldo. Trata-se de uma temática ainda com muito a ser explorado, detentora de discussões potentes. Durante o processo de pesquisa, segui as indicações do título, deixei-me, primeiramente, encantar e enfeitiçar pelas intenções e pretensões destes espaços, para, depois, exercitar a problematização necessária para a produção de uma análise crítica.

Já nas primeiras linhas do capítulo introdutório, aventurei-me com um poema que descrevia o papel do Arquivista, era apenas assim que eu me via, uma profissional do Arquivo. Hoje, passados os dois anos de pesquisa, e escrevendo as últimas palavras do capítulo de conclusão, retomo um trecho deste poema pois entendo que ele não falava apenas do Arquivista, mas sim de todo pesquisador que se preocupa com os processos de guarda da memória e que compreende o significado deste movimento.

Por esta razão, tomo a liberdade para reescrever este verso, alterando o sujeito que se dedica incansavelmente na busca por cuidar desta memória efêmera, pulsante, importante para a construção e preservação de indícios de outras temporalidades da nossa sociedade, “Construtor incansável da memória; Da própria humanidade, o *pesquisador*; Liga os elos do tempo, e como artista guarda em cada registro a cor da história.” Entendo que é este nosso papel enquanto pesquisadores, *dar voz às fontes*, garantir que existam lugares onde essas memórias possam ser protegidas do esquecimento/apagamento.

Quanto à pesquisa, seu principal objetivo é analisar as “vontades de memória” (NORA, 1993; VIDAL E PAULILO, 2020) desses lugares de memória, ou seja, analisar quais os gestos e quereres de cada um deles na intenção de preservar indícios do passado institucional e divulgá-los à comunidade.

Faz-se importante lembrar que o *chão* epistemológico da investigação é o Tempo Presente, trabalhado por Hartog (2006, 2020), um tempo acelerado que não chega a terminar e já é considerado passado, que nos fez pensar, enquanto sociedade, na necessidade de preservar nossas memórias. Que se instaura logo após a II Grande Guerra, quando emerge a força da memória, para que não esqueçamos dos traumas vividos decorrentes daquele grande conflito bélico. Instalou-se em boa parte do mundo o “presenteísmo”, como define Hartog, que apresenta como sintomas a ascensão da

memória e do patrimônio, é neste tempo que temos a urgência por respostas sobre a memória e sobre o que foi esquecido, é neste movimento que o patrimônio se transforma, se expande. Foi neste cenário, nesta teia de sustentação teórica, que construí toda a discussão ao redor dos lugares de memória escolares pesquisados, buscando entender suas intenções e o reflexo de sua relação com as responsáveis por estes lugares.

Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa que envolveu observação crítica dos lugares e, através da história oral, utilizou a entrevista como instrumento de produção de dados para examinar os quatro espaços e o trabalho/itinerário de suas responsáveis. Busquei distanciar-me o máximo possível dos espaços e das entrevistadas, sempre me lembrando de que era preciso problematizar mesmo que minha cabeça me pedisse para deixar o feitiço me conduzir. Questionei meus olhos, busquei, em brechas, indícios que pudessem me fazer entender o que trouxe estes lugares até os dias de hoje, quais os motivadores que fizeram estas escolas decidirem por suas criações e o que os mantém vivos, exercício a partir do paradigma indiciário de Ginzburg (1989).

Construí um roteiro para a observação, criando assim uma atmosfera segura onde eu pudesse recolher as mesmas informações de todos os espaços além das singularidades que pudessem saltar aos olhos. Para as entrevistas, além de construir roteiro com perguntas que possibilitavam respostas mais amplas, optei por enviá-lo para as entrevistadas, desta maneira elas saberiam em que frequência estaríamos e teriam tempo para organizar seus pensamentos decidindo com calma o que dividir e o que guardar.

Destaco, a partir das próximas linhas, as conclusões que foram sendo construídas ao longo deste trajeto, ressalto que alguns questionamentos não foram respondidos, pois, em se tratando de uma pesquisa de Mestrado, o tempo hábil não permitiria, questionamentos estes apontados ao longo do texto como perguntas para título de construção de pensamento e não como parte dos objetivos. Como desdobramentos do objetivo geral, apresento os objetivos específicos que estão anunciados seguidos de algumas ideias potentes que se destacaram em cada capítulo ou seção para que o leitor consiga vislumbrar individualmente o que foi proposto, alcançado e conclusão adquirida após análise. Lembro ao leitor que um destes objetivos era avaliar as aproximações e singularidades de cada um dos lugares, objetos de estudo da pesquisa, ação realizada em todas as análises dos demais objetivos.

O primeiro objetivo específico é problematizar a constituição dos lugares de memória das escolas, considerando as suas transformações ao longo dos anos, na interface

com o percurso histórico de cada uma das instituições. Ao descrever o percurso histórico das instituições e de seus lugares de memória, consegui destacar pontos de conexões e detalhes singulares entre eles. Estes fatos/pontos auxiliam no processo de compreensão desde a fundação das escolas até os motivos de sua intencionalidade com a construção destes locais. É possível perceber que as escolas foram fundadas no final do século XIX e nas primeiras três décadas do século XX.

A escola mais nova, dentre as escolas analisadas, é o Colégio Sinodal com sua data de fundação em 1936, contudo é a única instituição que sentiu necessidade de concretizar a construção de seu lugar de memória antes do seu centenário, diferente de sua mantenedora que já apresenta mais de um século de existência. Entendo que essa necessidade das escolas em criarem seus espaços de memória é reflexo deste Tempo Presente em que nos encontramos, da importância em guardar para não esquecer, do dever de lembrar e preservar, é preciso que existam estes lugares, do contrário a memória não tem como existir e os feitos destas escolas cairia no esquecimento.

O terceiro capítulo apresenta as categorias de análise, são 3 subtítulos que respondem cada um por um objetivo específico. O segundo objetivo específico é observar o espaço físico atual do lugar de memória, examinando sua relação com o edifício escolar e descrever seu acervo, está relacionado com a primeira parte do capítulo onde se encontra análise a partir de um olhar mais direcionado aos detalhes arquitetônicos dos lugares de memória e seus acervos. Destaco as conexões entre os lugares quanto à natureza dos seus acervos, objetos relacionados com a escola ou com as pessoas que mantiveram relacionamento direto com ela com aluno, professor, integrante da comunidade escolar.

Por exemplo, todas as escolas guardaram cadernos, cartilhas, uniformes, fotografias das atividades pedagógicas, fotografias das datas comemorativas, medalhas e troféus, atas de suas mantenedoras sobre a construção das escolas, recortes sobre a cidade e o impacto provocado com início das atividades escolares, agendas pessoais de sujeitos ligados à mantenedora, pedaço do muro de Berlim, bustos fúnebres de personagens religiosos importantes para a congregação, no caso das instituições religiosas.

O terceiro objetivo é analisar os lugares de memória das instituições nas dimensões de contemplação do passado, de ensino e pesquisa. Sem esquecer da discussão sobre os significados de museu e memorial. Este objetivo está relacionado com o segundo subtítulo do terceiro capítulo. É importante ressaltar que esses conceitos, museu e memorial, me parecem imbricados, um no outro, e, na pesquisa, não percebi diferenças

significativas nos lugares das escolas que se intitulam museu ou memorial, tendo em vista que tanto os conceitos ainda estão em construção como os espaços precisariam de mais conhecimentos técnicos para decidirem que nomenclatura utilizar.

Quanto às dimensões de uso do lugar de memória, contemplação, ensino e pesquisa, foi possível analisar uma a uma nas quatro escolas. Entendi que todas as escolas apresentam a dimensão de contemplação, inclusive esta é uma das intenções na criação destes espaços. Disponibilizar aos visitantes exposições que capturem o visitante para a narrativa que está sendo apresentada. Pode-se observar a prática e execução das dimensões de ensino e pesquisa de maneira muito forte no Memorial do Farroupilha, além de atuante no Museu do Sinodal. Quanto ao espaço do Memorial do Bom Conselho, acredito que as dimensões de ensino e pesquisa estejam contempladas nessas ideias de mudança e novos horizontes descritos durante a entrevista da Irmã Carla, sua administradora. Ideias estas que podem tornar possível, em certo tempo, novas atividades e rotinas serem reais e viáveis.

Sobre a realidade do Museu do Colégio Americano, as expectativas não são promissoras, o que muito nos faz perder enquanto sociedade e comunidade de pesquisadores em História da Educação. A crise financeira de sua mantenedora ainda mostra-se muito grave, a escola conseguiu permanecer aberta para o ano de 2024, contudo o Museu seguirá fechado para comunidade externa e ao longo do ano será estudada a possibilidade de abri-lo para atividades pedagógicas curriculares específicas, informações estas fornecidas pela última coordenadora do espaço.

Para finalizar esta categoria, o holofote ficou sob as escolas Sinodal e Farroupilha, uma vez que apresentam todas as dimensões e disponibilizam seus espaços para que a comunidade escolar e os visitantes externos possam usufruir deles. Chamo atenção ainda, nesta categoria, para a produção de inúmeros artigos e pesquisas em diferentes temas a partir do acervo destes lugares de memória, o que vai ao encontro do que tentou se defender até o final destas linhas: o quão potente é o acervo de um lugar de memória escolar e o quanto é importante que ele receba tratamento, seja preservado e valorizado.

O último objetivo específico é investigar a relação das pessoas responsáveis com os lugares de memória, à luz do conceito de “guardiãs de memória” (GOMES, 1996). Ao chegar na última categoria de análise, a pesquisa foi ao encontro das responsáveis pela administração dos espaços e o questionou sobre serem elas ou não guardiãs de memória. No decorrer desta seção, foi sendo desenhado, a partir do conceito (GOMES, 1996), o

perfil e as características necessárias para que as entrevistadas pudessem passar a ser vistas não só como responsáveis, mas agora como guardiãs de memórias. Relembro para você leitor, que ser guardiã contempla algo que transcende as tarefas técnicas, carrega algo de doação, de afecção pelo trabalho, na perspectiva de tomar para si o discurso de um grupo para defendê-lo, protegê-lo.

Partindo deste conceito e depois de todos os pontos destacados ao longo do texto, ficou constatado que podem ser consideradas guardiãs de memória as entrevistadas Alice R. Jacques que está à frente do Memorial do Colégio Farroupilha desde sua criação em 2002. Doutora em Educação, esta guardiã buscou, na formação acadêmica, no campo da História da Educação, qualificação para melhor fazer o seu trabalho. Funcionária da escola há quase quatro décadas, vive e respira o ser Farroupilha e protege, cuida, preserva o Memorial como parte de suas entranhas.

A segunda entrevistada que também pode ser considerada guardiã de memória chama-se Leni Schneider, ela trabalha à frente do Museu Arnildo Hoppen do Colégio Sinodal. Ex-aluna da Rede Sinodal, tem mais tempo de vida dentro da instituição, do que fora dela. Seu envolvimento emocional é muito forte, pois, caminhando por entre as salas do Museu, é possível encontrar lembranças que ela esteve envolvida enquanto era aluna. Ela também foi atrás de conhecimento técnico para melhor atender as necessidades do Museu com cursos sobre catalogação, higienização, preservação de acervos. Leni voltou da aposentadoria para coordenar o espaço, pois não se via longe do Colégio, estava sentindo necessidade de retornar para aqueles ares. Percebeu que teria que ser ela a cuidar do espaço de memória da instituição, um legado deixado por outra guardiã, sua amiga, a prof Lilian Stranger.

Portanto, encerro esta pesquisa entendendo quais são os gestos e querereres destas instituições escolares, quando se propõem a construir um lugar de memória. Fugir do esquecimento, produzindo uma narrativa sobre a memória institucional, edificando-a, tanto para a comunidade escolar quanto para a sociedade. Sem esquecer que elas fazem parte de suas vontades de memória as ações enraizadas na intencionalidade do que guardar. Sempre lembrando que existem esquecimentos e apagamentos propositais, que há apelo do lugar para sensibilizar para a adesão de uma narrativa que edifica.

Quando analisados os gestos dos espaços e suas relações com que os administra, nota-se que a potência destes locais também está na disposição e entrega de quem o coordena. Importante destacar que todas as ações realizadas por estes espaços na tentativa

de preservar as memórias de suas escolas faz parte do processo de preservação do patrimônio educativo. A iminência de fechamento do Museu do Colégio Americano é mais um indício do quão frágil é essa pauta, e o quanto ainda precisar ser feito para mudar essa realidade. Os espaços de memória escolares não podem ficar à mercê da saúde financeira de suas instituições, é preciso que se pense um meio de resguardar esses patrimônios em caso de falência da escola, por exemplo.

Ainda sobre a pesquisa, acredito que este seja o melhor momento para reforçar minha intenção em seguir pesquisando sobre os lugares de memórias escolares de instituições públicas. Ideia esta que foi transferida do mestrado - por falta de tempo hábil - para uma intenção de doutorado. Pretendo intensificar as pesquisas em torno do entendimento de patrimônio histórico educativo, buscando me tornar voz para a importância desta discussão e de ações efetivas sobre esta temática.

Um espaço não consegue lutar sozinho, ainda que por si só grite memórias, lute por espaço e reconhecimento, estes lugares carecem de quem fale por eles, quem os preserve e façam deles potências em ensino, em pesquisa em contemplação, uma vez que, eles existem para serem observados, estudados, admirados e não esquecidos deixados apenas como exposição de lembranças antigas.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz. **O Tecelão dos Tempos: novos ensaios de Teoria da História**. São Paulo: Intermeios, 2019.

ALMEIDA, BRASIL, D. B. **O Crisol: periódico das alunas do Colégio Americano (Porto Alegre/RS, 1945-1964)** - O Crisol: the jornal by students of the Colégio Americano (Porto Alegre/RS, 1945-1964). *Revista História da Educação*, [S. l.], v. 17, n. 40, p. 267–290, 2013.

Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/38097>. Acesso em: 11 fev. 2023.

ALMEIDA, Dóris Bittencourt. **Um caminho de pregnancies: os cinquenta anos de alfabetização da professora Lia Mostardeiro (1945-1965)**. In: BA STOS, M. H. C; JACQUES, A. R.; ALMEIDA, D. B. (orgs). *Do Deutscher Hifsverein ao Colégio Farroupilha/RS: memórias e histórias (1858-2008)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013. p.151-182.

ALMEIDA, Dóris Bittencourt. **Percursos de um Arq-Vivo: entre arquivos e experiências na pesquisa em história da educação**. 1. ed. – Porto Alegre: Editora Letral, 2021.

AXT, Gunter. **A função social de um memorial: a experiência com memória e história no Ministério Público**. *MÉTIS: história & cultura*. 12(24), 64-89, 2013. Disponível em: www.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/view/2338

BACELLAR, Carlos. **Fontes documentais: Uso e mau uso dos arquivos**. In. PINSKI, Carla Bassanezi (Org.) *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2008.

BASTOS, M. H. C; JACQUES, A. R.; ALMEIDA, D. B. (orgs). **Do Deutscher Hifsverein ao Colégio Farroupilha/RS: memórias e histórias (1858-2008)**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013, v. 1.

BASTOS, M. H. C; JACQUES, A. R.; ALMEIDA, D. B. (orgs). **Do Deutscher Hifsverein ao Colégio Farroupilha/RS: memórias e histórias (1858-2008)**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015, v.2.

BELLOTTO, Heloisa Liberalli. **Arquivos permanentes: tratamento documental**. 4 ed. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2006.

BERRIO, Julio Ruiz. **Historia y museología de la educación. Despegue y reconversión de los museos pedagógicos**. *Historia de la Educación*, v. 25, 2006, p. 271-290. Disponível em: <https://revistas.usal.es/index.php/0212-0267/article/view/11182>. Acesso em: 1 set. 2022.

BONATO, Nailda Marinho da Costa. **Os arquivos escolares como fonte para a história da educação**. *Revista Brasileira de História da Educação* n° 10 jul./dez. 2005.

BRASIL, Arquivo Nacional. **Dicionário brasileiro de terminologia arquivística**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.

BRESSAN, Renan Gonçalves. **Urbanização e escolarização nos estudos sobre instituições escolares**. Rev. bras. hist. educ., Campinas-SP, v.13, n.3 (33), p. 29-56, set./dez. 2013.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2008.

CAMARGO, Ana Maria de A.; GOULART, Silvana. C. **Centros de memória: uma proposta de definição**. Edições Sesc São Paulo. 2015.

CASTRO, Ana Lúcia Siaines de. **O Museu do sagrado ao segredo**. Rio de Janeiro: Revan, 2007, 196 p.

CELLARD, André. **A análise documental**. In: POUPART, Jean [et al]. A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis, Vozes, 2008, p. 295-315.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense–Universitária, 1982.

COLÉGIO AMERICANO. **Os 110 anos do Colégio Americano: 1885-1995**. Edição Comemorativa dos 110 anos do Colégio Metodista Americano. Porto Alegre. 1995.

COLÉGIO FARROUPILHA. [org] **Memórias compartilhadas uma viagem pelas origens da ABE de 1858**. Porto Alegre: CF, 2019. Disponível em: [Memórias compartilhadas: uma viagem pelas origens da ABE 1858 - Colégio Farroupilha \(colegiofarroupilha.com.br\)](http://www.memoriascompartilhadas.com.br).

ERRANTE, A. **Mas afinal, a memória é de quem? Histórias orais e modos de lembrar e contar**. Revista História da Educação, [S. l.], v. 4, n. 8, p. 141–174, 2012. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/30143>. Acesso em: 15 nov. 2023.

ESCOLANO BENITO, Agustín. **A escola como cultura: experiência, memória e arqueologia**. Campinas: Editora Alínea, 2017.

FELGUEIRAS, Margarida Louro. **Materialidade da cultura escolar. A importância da Museologia na conservação/comunicação da herança educativa**. Proposições, 2005.

_____. **Preservar a herança educativa: desafios, limites e possibilidades**. In: ALVES, Luís Alberto Marques; PINTASSILGO, Joaquim (Coord.). **Investigar, intervir e preservar em história da educação**. Porto: CITCEM, 2017, p. 153-169.

_____. **Herança educativa e museus: Reflexões em torno das práticas de investigação, preservação e divulgação histórica**. Revista Brasileira

de História da Educação, Campinas-SP, v. 11, n. 1, p. 67-92, jan/abr. 2011. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/93293>. Acesso em: 30 jul. 2022.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, Emblemas, Sinais: Morfologia e História**. Frederico Carotti (Trad.). São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GOMES, Ângela de Castro. **A guardiã da memória**. Acervo - Revista do Arquivo Nacional, Rio de Janeiro, v.9, nº 1/2, p.17-30, jan./dez. 1996.

_____. **Nas malhas do feitiço: o historiador e o encanto dos arquivos privados**. Estudos Históricos, 1998, pp 121-127.

GRAZZIOTIN, Luciane Sgarbi Santos. (2015). **Museu Escolar Arnildo Hoppen do Colégio Sinodal de São Leopoldo/RS (1996-2015)**. *Revista História Da Educação*, 19(47), 319–322. Recuperado de <https://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/58020>

GRAZZIOTIN, Luciane Sgarbi Santos; ALMEIDA, Dóris Bittencourt. **Romagem do tempo e recantos da memória: reflexões metodológicas sobre História Oral**. São Leopoldo: Oikos, 2012.

GRIMALDI, Lucas Costa. **Na sensibilidade da memória estudantil: prédios e espaços escolares nas narrativas de estudantes em Porto Alegre/RS (1920-1980)**, UFRGS, 2016.

GRIMALDI, L. C.; ALMEIDA, D. B. **A Imprensa Escolar do Colégio Alemão: Das Band e Relatório Mensal do Ginásio Teuto-Brasileiro Farroupilha (1929-1939)**. In: BASTOS, M. H. C; JACQUES, A. R.; ALMEIDA, D. B. (orgs). **Do Deutscher Hifsverein ao Colégio Farroupilha/RS: memórias e histórias (1858-2008)**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013. p. 128-150.

HARTOG, François. **Tempo e Patrimônio**. VARIA HISTORIA, Belo Horizonte, vol. 22, nº 36: p.261-273, Jul/Dez 2006.

_____. **Regime de Historicidade: presentismo e experiências do tempo**: Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

_____. **Crer em história**. Belo Horizonte: Autentica, 1 reimpres. 2020.

HOUAISS, Antonio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2004.

HUYSSSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

JACQUES, Alice Rigoni. Entrevista Danielle Brum Ginar Telles. Porto Alegre, julho, 2023.

JACQUES, Alice Rigoni. **A Associação Beneficente e Educacional de 1858 e o Colégio Farroupilha (1886)**. In: BASTOS, M. H. C.; JACQUES, A. R.; ALMEIDA, D. B. (orgs). **Do Deutscher Hifsverein ao Colégio Farroupilha/RS: memórias e histórias (1858-2008)**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013. p.51-76.

JACQUES, Alice Rigoni; GRIMALDI, Lucas Costa. **O Memorial Deutscher Hifsverein ao Colégio Farroupilha: um espaço de Ensino e Pesquisa (2002)**. In: BASTOS, M. H. C.; JACQUES, A. R.; ALMEIDA, D. B. (orgs). **Do Deutscher Hifsverein ao Colégio Farroupilha/RS: memórias e histórias (1858-2008)**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013. p. 77-91.

JULIA, Dominique. **A Cultura escolar como objeto histórico**. Revista Brasileira da Educação, n. 1, jan./jun. 2001. p. 9-43.

KAUFMANN, Jean-Claude. **A entrevista compreensiva: um guia para a pesquisa de campo**. Tradução de Thiago de Abreu e Lima FLorencio. Petrópolis, RJ: Edufal, 2013.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

LIMA, Valeska Alessandra de. **Vozes que ecoam do Morro Milenar: um estudo sobre os discursos difundidos no anuário Colunas (1937-1945)**. Porto Alegre: UFRGS, 2014.

MENESES, U. T. B. de. A História, Cativa da Memória? Para um Mapeamento da Memória no Campo das Ciências Sociais. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, [S. l.], n. 34, p. 9-23, 1992. DOI: 10.11606/issn.2316-901X.v0i34p9-23. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/70497>. Acesso em: 6 fev. 2023.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História, São Paulo, v.10, p.7-28, dez/1993.

NÓVOA, Antônio. 1995. **Para uma análise das instituições escolares**. In: Antônio Nóvoa (Coord.). **As organizações escolares em análise**. 2 ed., Lisboa: Publicações D.Quixote, p. 13-43.

ODERISCH, Suzana. Entrevista Danielle Brum Ginar Telles. Porto Alegre, julho, 2023.

OLIVEIRA, J. P. G.; DE SOUZA CHALOPA, R. F. **“Com o mar por meio”:** **patrimonialização escolar em instituições educativas luso-brasileiras**. Revista História da Educação, [S. l.], v. 27, 2023. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/128695>. Acesso em: 15 nov. 2023.

PEREIRA, Maria Aparecida Franco. **Uma abordagem da história das instituições educacionais: a importância do arquivo escolar**. Dossiê Educação, Unisinos, São Leopoldo, v.11, n. 2, p. 85-90, maio/ago. 2007.

POSSAMAI, Zita. **As artimanhas do percurso museal: narrativas sobre objetos e peças de museu**. Museus. Jan/ Junho de 2010.

RICOEUR, Paul. **A Memória, a História, o Esquecimento**. Campinas, São Paulo: editora da UNICAMP, 2007.

RENNER, Ivan; KOHL, Merlinda Piening; KUNERT, Udo Ingo. Coord. Edit: Egon Hilario Musskopf. **Raízes, Ramos e Frutos**. 2011.

SAENGER, Lilian Sofia. Entrevista Luciane Sgarbi Santos Grazziotin. São Leopoldo, maio, 2014.

SANTOS, Vanderlei Batista dos (Org). **Arquivística: temas contemporâneos**. 3 ed. Distrito Federal: Editora SENAC, 2009.

SARMENTO, Manuel Jacinto. **O Estudo de caso etnográfico em Educação**. ZARGO, N. CARVALHO, M. P.; VILELA, R. A. T (org). **Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em Sociologia da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, 137-179.

SCHNEIDER, Leni. Entrevista Danielle Brum Ginar Telles. São Leopoldo, julho, 2023.

SCHWANZ, Jezuina Kohls **Guardiãs da memória escolar: a preservação da história da educação em duas cidades gaúchas nas primeiras décadas do século XXI**; Giana Lange do Amaral, orientadora. — Pelotas, 2016.

SILVA, Carla Ferreira da. Entrevista Danielle Brum Ginar Telles. Porto Alegre, agosto, 2023.

SOUZA, Rosa Fátima de. **Preservação do patrimônio escolar: notas para um debate**. Revista Linhas. Florianópolis, v.14, n26, jan./jun 2013, p199-221.

TELLES, Leandro. **O passar dos tempos e a educação: a excelência na história do Colégio Farroupilha**. Porto Alegre: [s. ed], 2012.

TURA, Maria de Lourdes Rangel. **A observação do cotidiano escolar**. ZARGO, N. CARVALHO, M. P.; VILELA, R. A. T (org). **Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em Sociologia da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, 183-206.

VIDAL, Diana Gonçalves; PAULILO, André Luiz. **Arquivos e Educação: Prática de arquivamento e memória**. *Revista de Educação Pública*, v. 29, p. 1-17, jan./dez. 2020.

WITT, Nara Beatriz. **Ensino ou memória: (in) visibilidades dos museus escolares em Porto Alegre / RS**. Porto Alegre: UFRGS, 2013.

APÊNDICE

APÊNDICE 1: TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Projeto de Dissertação sobre OLHEM, ENCANTEM-SE: um estudo sobre os gestos e quereres de memória em quatro escolas (Porto Alegre e São Leopoldo/RS 1994–2023).

Durante a graduação em Arquivologia tive a oportunidade de atuar como monitora das disciplinas e como bolsista de Iniciação Científica de projetos ligados aos arquivos da Fabico. Ao apresentar no Portas Abertas - para os visitantes – tanto o curso como as práticas despertaram em mim um interesse pela Educação e quais possibilidades essa interdisciplinaridade poderia me oferecer.

Ao ingressar no mestrado meu foco já eram os arquivos escolares e suas inúmeras fontes de memória, pesquisa e histórias. Minha intenção vai ao encontro das ações que buscam preservar as memórias contidas nos memoriais escolares, bem como, nos relatos produzidos por seus responsáveis, buscando entender como e porque houve a criação destes espaços e quis razões o fazem ainda existir, quais suas contribuições para sua instituição e comunidade.

Os dados e resultados individuais da pesquisa estarão sempre sob sigilo ético, não sendo mencionados os nomes dos participantes em nenhuma expressão oral ou trabalho escrito que venha a ser publicado, a não ser que o/a autor/a do depoimento manifeste expressamente seu desejo de ser identificado/a. A participação nesta pesquisa não oferece risco ou prejuízo à pessoa entrevistada.

Sob orientação da Professora Dr.^a Dóris Bittencourt Almeida do PPGEDU da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, comprometo-me a esclarecer devida e adequadamente qualquer dúvida ou necessidade de informações que o/a participante venha a ter no momento da pesquisa ou posteriormente, através do telefone) ou e-mail:

Após ter sido devidamente informado/a de todos os aspectos da pesquisa e ter esclarecido todas as minhas dúvidas, eu _____, Identidade n.º _____ declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha participação e depoimentos para a pesquisa realizada pela mestranda Danielle Brum Ginar Telles, para que sejam usados integralmente ou em partes, sem restrições de prazo e citações, a partir da presente data. Da mesma forma, autorizo a sua consulta e o uso das referências em outras pesquisas e publicações ficando vinculado o controle das informações a cargo desta pesquisadora do PPGEDU\UFRGS.

() Solicito que seja resguardada minha identificação _____.

() Desejo que a autoria de meus depoimentos seja referida _____.

Abdicando direitos autorais meus e de meus descendentes, subscrevo a presente declaração,

_____, ____/____ de 2022.

Participante da pesquisa

Pesquisadora